



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FRANCISCO MARTINS LOPES TERCEIRO

DEAFHOOD: CONTRIBUIÇÕES DE PADDY LADD À EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA  
SURDOS

CURITIBA

2018

FRANCISCO MARTINS LOPES TERCEIRO

*DEAFHOOD*: CONTRIBUIÇÕES DE PADDY LADD À EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA  
SURDOS

Dissertação apresentada como requisito parcial à  
obtenção do grau de Mestre em Educação, no  
Curso de Pós-Graduação em Educação - PPGE,  
Setor de Educação, da Universidade Federal do  
Paraná, sob a linha Educação – Diversidade,  
Diferença e Desigualdade Social

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sueli Fernandes

CURITIBA

2018

Catálogo na Publicação  
Cristiane Rodrigues da Silva – CRB 9/1746  
Biblioteca de Campus Rebouças – UFPR

---

Lopes Terceiro, Francisco Martins

*Deafhood: Contribuições de Paddy Ladd à Educação Bilíngue para Surdos . / Francisco Martins  
Lopes Terceiro. – Curitiba, 2018.  
125 f.*

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sueli Fernandes.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

1. Educação Bilíngue - Surdos. I. Título.

CDD 419

---





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO


### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FRANCISCO MARTINS LOPES TERCEIRO**, intitulada: **DEAFHOOD: CONTRIBUIÇÕES DE PADDY LADD À EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 30 de Maio de 2018.

  
SUELI DE FATIMA FERNANDES(UFPR)  
(Presidente da Banca Examinadora)

  
LUCIMAR ROSA DIAS(UFPR)

 online  
RACHEL LOUISE SUTTON SPENCE(UFSC)

## AGRADECIMENTOS

A filosofia humanística do budismo proporcionou um fundamento sólido e vívido para sua teoria do valor.

Dr.Daisaku Ikeda

(3ª presidente da Soka Gakki Internacional – SGI)

A vida me trouxe, especialmente, acima de tudo a energia vital: Universo, o Supremo e espiritualidade. Imagino nosso planeta tão pequeno e o Sol enorme, além das trilhões de estrelas que fazem brilhar o coração: dedicar a própria vida pela Lei Mística para Sutra Lotus, simultaneidade de causa e efeito por todo o Universo das três existências da vida, a saber, presente, passado e o futuro.

A filosofia do Buda Nitiren Daishonin, monge budista do Japão do século VIII, me ajudou a superar minhas dificuldades e os maiores desafios gerados no mestrado, como a relação com a comunidade acadêmica, o português como segunda língua na modalidade escrita e as leituras de textos em inglês.

A São Jorge, santo belo e guerreiro, que me protegeu, lhe concedo todo a honra do meu coração. Me sinto feliz por simplesmente viver e pelos meus caminhos poder compartilhar conhecimentos através da sabedoria e a natureza da autoconsciência do *Deafhood*/Ser Surdo.

A Profa. Dra. Sueli Fernandes, não surda, porém, aliada que escolheu as minhas mãos e meus braços para enfrentar o desafio do mestrado. Ela que representa um exemplo de aliada e militante solidária aos movimentos surdos e ajuda no empoderamento da comunidade surda, auxiliando no crescimento acadêmico de inúmeros pesquisadores Surdos, nesta instituição. A aprendizagem aqui conseguida fará parte da minha vida, pois me tornou um pesquisador. Aprendi muito neste caminho, como usar os métodos de pesquisa e aprofundar os conhecimentos na bibliografia da área. Esse processo me fez amadurecer e me ensinou a avançar sempre em direção de novos conhecimentos. A você, professora, minha eterna gratidão pela confiança durante este nosso trabalho.

Meu reconhecimento da excelente valorização dos profissionais do grupo dos Tradutores Intérpretes de Libras não surdos: Jonatas Medeiros, Sergio Ferreira, Priscila Simões, Peterson Simões, Rhaul Lemos, Jaqueline Stein, Wagner Silva...sem vocês eu não poderia concluir meus estudos. Muitíssima gratidão pelas mãos da riqueza da nossa língua que os tornam aliados, compartilhando as traduções, as

interpretações e tantos outros trabalhos junto ao povo surdo acadêmico. Meus parabéns!

Às participantes da banca, Profas. Dras. Lucimar Dias e Rachel Sutton, não-surdas e aliadas, suas contribuições à pesquisa foram fundamentais. Eu agradeço o carinho e respeito pelas contribuições que ajudaram a esclarecer e melhorar meu problema de pesquisa e discussões. Obrigado pela oportunidade de aprender com seus critérios de avaliação, conselhos, críticas e explicações durante o exame de qualificação. Foi um momento marcante da história da trajetória dos Estudos Surdos para nação e outros territórios que usam a língua portuguesa.

Agradeço aos docentes e pesquisadores não surdos da Linha Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdades Sociais e sua compreensão da importância da presença da cultura surda colorindo o espaço colorido das disciplinas e todas as aulas com conteúdos que mudaram a minha vida, abrindo minha e dos colegas para novos olhares na educação. Agradeço os colegas que foram especiais em minha vida: Claudovil Junior, Marcia Cristina, Sabrina Fiorese, Liliana de Assis, Julia Scholochuski, Cintia Cardoso e outras pessoas que me ensinaram sobre diversidades: uma pessoa com deficiência, paralisia cerebral, negras, mulheres, lésbicas e militantes do MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

Agradeço as secretárias e coordenação do PPGE – Programa de Pós-Educação da Educação pelo carinho que tiveram ao esclarecer sobre a burocracia para que eu conseguisse ter a oportunidade da bolsa da Capes.

À família sempre será distante, muitas dores de saudades que me fizeram cair lágrimas e ter um aperto de fundo do coração. Mas mantive a firmeza da meta e objetivos para viver e seguir em frente. Obrigado pelo apoio com carinho à Mãe Zuleide, desde que nasci até hoje, como um homem que reconhecendo as suas batalhas para melhorar à vida; meu pai Nivaldo, a irmã Julia, o cunhado Tales e os sobrinhos Sarah, Laís e Luís, nossa bela família de presente no Ritmo do Universo. Agradeço a recompensa de todo amor a minha vida, minhas mãos e meus olhos.

Gratidão de coração e espírito ao pessoal do Bloco Tindiquera, desde o começo a querida-irmã de coração Eliana Martins Lopes que abriu essa porta para me tornar um budista absolutamente feliz, onde fiz muitos amigos. Pessoas incríveis, que não há palavra para dizer, além de que as amo muito.

Meus amigos, colegas e inimigos para todos a gratidão pelos tempos que aprendi com seu auxílio, seus conselhos, seus braços, suas palavras positivas e

negativas. Meu caminho trilhado até aqui por vocês. Não tenho como referir todos os nomes, mas vocês não serão esquecidos, estão na memória e no fundo do meu coração eternamente perto de vocês. Gratidão até a eternidade!

*“Um novo movimento educacional vem ganhando forma; seu objetivo é renovar o papel integral da educação na criação de um mundo saudável e pacífico. Como rios independentes serpenteando diferentes montanhas topo abaixo, as correntes desse movimento emergiram em diferentes lugares e em diferentes contextos sociais em todo o mundo. Recentemente, essas correntes começaram e se fundir e a formar um rio, um único fluxo mundial que promete uma nova visão do papel da educação capacitar indivíduos e moldar sociedades.”*

*Dr. Daisaku Ikeda  
(3ª presidente da Soka Gakki Internacional – SGI)*



## RESUMO

Os Estudos Surdos em Educação são um recente campo de pesquisa que narra as pessoas Surdas a partir de sua diferença linguística e cultural, problematizando o conceito de normalidade ouvinte, com destaque à produção de pesquisadores Surdos. A produção acadêmica do pesquisador e ativista britânico Surdo Paddy Ladd inspira este trabalho e motiva meu posicionamento como pesquisador Surdo subalterno. A pesquisa tem como objetivos analisar o conceito de *Deafhood* na obra de Paddy Ladd, não traduzida no Brasil e, de forma complementar, investigar a recepção do conceito de *Deafhood* por intelectuais Surdos, identificando sua concepção sobre o tema e suas principais contribuições à educação bilíngue para Surdos. Para responder às questões: qual a contribuição do conceito de *Deafhood* na educação bilíngue para Surdos? De que forma o conceito de *Deafhood* cunhado por Paddy Ladd foi traduzido e incorporado à obra de intelectuais Surdos no Brasil? Realizamos pesquisa de abordagem qualitativa e dois procedimentos metodológicos principais foram usados: a pesquisa bibliográfica e levantamento das publicações de Paddy Ladd, em inglês e espanhol, a partir de 1998, e a consulta a reconhecidos intelectuais Surdos brasileiros, por meio de questionário bilíngue (Libras e português escrito), para aprofundar a recepção do conceito de *Deafhood* em sua produção acadêmica. Como principais resultados apresentamos reflexões sobre *Deafhood* como um conceito guarda-chuva, que tem como núcleo as relações de poder envolvendo Surdos e ouvintes e reflete as disputas entre concepções colonizadoras ouvintes e linguístico-culturais sobre a vida comunitária dos Surdos. *Deafhood* aborda a problematização de conceitos como surdez, colonialismo e leigos especialistas, em disputa com representações da cultura Surda, da comunidade Surda, dos aliados ouvintes e das diferenças de classe social para a representação do “Ser Surdo”, ou da “Surdidade”, traduções propostas para o termo em português. Neste trabalho destacamos o conceito de investigador subalterno Surdo como principal contribuição na construção da *Deafhood*. A voz de Surdos da “base” como também a voz de Surdos “intelectuais”, academicamente apoiadas pela Linguística, pela Sociologia, pela Antropologia, pelos Estudos Culturais, ressignifica a posição de obediência para uma posição de poder e resistência Surda. Todos os pesquisadores subalternos consultados nesta investigação, a exemplo de Paddy Ladd, fortalecem o olhar antropológico, etnográfico e sociológico das comunidades Surdas com suas diferentes experiências, campos de pesquisas e trazem conquistas fundamentais para o campo dos Estudos Surdos, ampliando a formação e consciência política dos professores Surdos e fortalecendo a educação bilíngue.

**Palavras-chave:** *Deafhood*. Paddy Ladd. Estudos Surdos. Investigador subalterno Surdo. Educação Bilíngue para Surdos

## ABSTRACT

Deaf Studies in Education is a recent field of research that concerns and narrates Deaf people from their linguistic and cultural difference, questioning the concept of hearing normality, and emphasizing the production of Deaf researchers. The academic production of the British researcher and Deaf activist Paddy Ladd inspires this work and motivates my positioning as a subaltern researcher. The present study aims to analyze the concept of Deafhood in the work of Paddy Ladd, still without translation in Brazil, and, in a complementary way, to investigate the reception of the concept of Deafhood by Deaf intellectuals, identifying their views on the theme and their major contributions to bilingual education for the Deaf. We have conducted a qualitative research in order to answer questions like: What is the contribution of the concept of Deafhood in bilingual education for the Deaf? In what ways the concept of Deafhood coined by Paddy Ladd has been translated and incorporated into the work of Deaf intellectuals in Brazil? Two main methodological procedures guided this study: a bibliographical research i.e. Paddy Ladd's publications survey in English and in Spanish, starting in 1998, as well as the consultation of renowned Brazilian Deaf intellectuals through a bilingual questionnaire (in Brazilian Sign Language and in written Brazilian Portuguese) to deepen the reception of the concept of Deafhood in their academic production. As main results, we present reflections on Deafhood as an umbrella concept, centered on power relations involving Deaf and hearing, reflecting the disputes between colonial and linguistic-cultural conceptions of hearing about the community life of the Deaf. Deafhood deals with the problematization of concepts such as deafness, colonialism and lay experts, in dispute with representations of Deaf culture, of Deaf community, of hearing allies and class differences in the representation of the "Ser Surdo" or "Surdidade", proposed Portuguese translations of the term. In this research, we emphasize the concept of the subaltern Deaf researcher as the main contribution in the construction of Deafhood. The Deaf voice from the "ground", as well as the voice of the Deaf "intellectual", academically supported by Linguistics, Sociology, Anthropology, and Cultural Studies, re-signifies the position of obedience to a position of Deaf power and resistance. All subaltern researchers consulted in this work, like Paddy Ladd, strengthen the anthropological, ethnographic and sociological view of the Deaf communities with their different experiences and research fields, bringing fundamental achievements to the field of Deaf Studies, broadening the political awareness and the formation of Deaf teachers and strengthening bilingual education.

**Keywords:** Deafhood. Paddy Ladd. Deaf Studies. Deaf Subaltern Researcher. Bilingual Education for the Deaf

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paddy Ladd, Sinal e Escrita dos Sinais.....	36
Figura 2 - Fita azul turquesa.....	45
Figura 3 - Dorothy ‘Dot’ Miles .....	48
Figura 4 – <i>Deafhood</i> e seus Desdobramentos .....	50
Figura 5 - “A Cultura Surda: Alienação Parental e Crime Contra a Infância”.....	59
Figura 6 - Oportunismos e Corrupção de Alguns da Comunidade Surda - Prof. Luiz Albericio .....	59
Figura 7 - Gladis Perlin.....	86
Figura 8 - Karin Lilian Strobel.....	87
Figura 9 - Cláudio Henrique Nunes Mourão .....	88
Figura 10 - Rodrigo Rosso Marques .....	88
Figura 11 - Questionário Em Libras Para Participantes Surdos .....	89
Figura 12 - Paddy Ladd e o Sinal <i>Deafhood</i> .....	93
Figura 13 – <i>Deafhood</i> – a capacidade de ver ultravioletas (UV) .....	111
Figura 14 - <i>Deafhood</i> e seus Desdobramentos.....	112
Figura 15 - A Evolução do Surdo, Camiseta do Mourão .....	116
Figura 16 - Jornal “O Globo”.....	117
Figura 17 – A Microrregião de Souza - PB.....	118

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Publicações Rejeitadas após a Primeira Etapa de Leitura .....	31
Quadro 2 - Sumário da Tese de Doutorado de Paddy Ladd .....	39
Quadro 3 - Levantamento de Obras de Paddy Ladd .....	43
Quadro 4 - Levantamento de Publicações na Área .....	68
Quadro 5 - Descrição do Sinal de <i>Deafhood</i> .....	94
Quadro 6 - Participantes Sinalizando <i>Deafhood</i> .....	95
Quadro 7 - Quais as contribuições mais importantes do autor no campo dos Estudos Surdos? .....	96
Quadro 8 - Respostas dos Pesquisadores sobre Paddy Ladd e <i>Deafhood</i> .....	101

## LISTA DE SIGLAS

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

APADA – Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos

BBC – *British Broadcasting Corporation*

BSL – *British Sign Language* (Língua de Sinais Britânica)

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

COPERVE – Comissão Permanente do Concurso Vestibular

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

L1 - Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

Libras - Língua Brasileira de Sinais

MEC - Ministério da Educação

NUD – *National Union of Deaf* (União Nacional dos Surdos)

TCC – Trabalho de Conclusão do Curso

PNE - Plano Nacional de Educação

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação

PPP – Projeto Político Pedagógico

ICES – Instituto Cearense de Educação de Surdos

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

SEESP - Secretaria de Educação Especial Política Nacional de Educação Especial.

SCIELO – *Scientific Electronic Library Online*

UNICEP – Centro Universitário Central Paulista

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFRGS – Universidade Federal de Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>NOTA SOBRE A ESCRITA DO TEXTO EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA (L3).....</b>	<b>15</b>
<b>1 CONSTITUIÇÃO DO AUTOR COMO PESQUISADOR SURDO: MINHA EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>18</b>
1.2 ABRINDO NOVAS PORTAS NA PESQUISA EM ESTUDOS SURDOS .....	28
<b>2 QUEM É PADDY LADD E QUAL SUA HERANÇA AOS SURDOS NO MUNDO .....</b>	<b>35</b>
2.1 <i>DEAFHOOD</i> : UM CONCEITO EM INVESTIGAÇÃO .....	44
<b>3 CONTRIBUIÇÕES DE PADDY LADD EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS: O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....</b>	<b>66</b>
3.1 A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO .....	67
3.2 AS MÃOS DOS PESQUISADORES SURDOS EM DIÁLOGO COM PADDY LADD .....	85
3.2.1. Nas “mãos” dos participantes Surdos .....	92
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: E O <i>DEAFHOOD</i> CONTINUA .....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>124</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>125</b>



## **NOTA SOBRE A ESCRITA DO TEXTO EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA (L3)**

Esta nota tem o objetivo de esclarecer a organização do texto escrito em língua portuguesa como segunda língua, neste trabalho. O que significa escrever em segunda língua?

Para pessoas ouvintes, que desenvolvem e adquirem como língua materna a língua nacional que é falada em seu país, isso significaria escrever em uma língua estrangeira. Para uma pessoa Surda, que se comunica em Libras como principal meio de expressão e apropriação do conhecimento, a segunda língua não será estrangeira, mas a língua nacional falada pela maioria das pessoas, aprendida na escola e difundida socialmente, ou seja, a língua portuguesa. Os Surdos podem aprender duas línguas nacionais brasileiras, mas essa situação de bilinguismo não é uma prática organizada nas escolas, desde a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, período de letramento e alfabetização.

Por não conseguirem “ouvir” a língua portuguesa, o processo de aprendizado de uma criança Surda fica muito prejudicado, porque, em sua maioria, as escolas adotam métodos de base fonológicas na alfabetização (relação letra-som) e partem da oralidade nas práticas de leitura e escrita. Todo o processo de escolarização é voltado para a leitura e escrita de quem já “fala” e se comunica em português, o que traz muitos prejuízos ao letramento dos Surdos na educação básica.

Os Surdos aprendem a escrever, apesar da escola, mas sua escrita tem características muito próprias na organização frasal e sua dificuldade com o vocabulário é muito grande, porque cada palavra nova vai ser aprendida (e significada) principalmente pelo processo de leitura. Em razão disso, o direito a produzir textos sinalizados em Libras para complementar seu texto escrito em segunda língua é assegurado em todos os níveis de ensino e, no PPGE, é uma conquista consolidada há quatro anos, desde o ingresso da primeira mestranda Surda, em 2013.

A metodologia de construção deste texto apresenta essas características especiais, pela condição do autor Surdo usar a Libras como primeira língua e o português escrito como segunda língua (L2).

O trabalho de escrita foi realizado em muitas etapas e com a colaboração dos intérpretes de Libras, Jaqueline Stein, Sérgio Ferreira, Jonatas Medeiros e Wagner Machado, que receberam o texto escrito em L2 e produziram a reescrita, com base em vídeos sinalizados com o conteúdo do texto, ou pela conversa direta com Francisco para dirimir possíveis dúvidas de significado. Depois desse processo, o texto segue para a revisão da orientadora, Sueli Fernandes, que faz as adequações e ajustes finais de conteúdo e gênero acadêmico.

Agradeço, especialmente, ao Octavio Camargo e à Chiris Gomes, as muitas noites que dedicaram a me ajudar na leitura e tradução dos textos de Ladd, do inglês para o português. E também, ao querido amigo acadêmico Cayley Guimarães, fluente em inglês que realizou a tradução de textos para o português, que se tornaram acessíveis para mim.

Neste campo o Surdo é o “Outro” frente a uma língua de prestígio (o português) imerso em uma rede polifônica de “vozes outras”, como “estranho” a uma língua oral e linear. O Surdo produz sentidos em uma língua tridimensional (no espaço) que necessita ser materializada “no papel”, que é unidimensional por natureza. Essa passagem do signo visual-espacial para o signo gráfico-escrito, chamado de processo tradutório, exige reflexões na escolha das palavras, no “tom” do enunciado, na atribuição de sentido, na estruturação sintática, enfim, um conjunto de conhecimentos que perpassam também os saberes dos tradutores que irão organizar a escrita.

Esse processo não descaracteriza a autoria e a singularidade do pesquisador-autor Surdo, já que sua “voz” é o ponto de partida e de chegada, está presente em todas as ideias do texto, mas não domina plenamente a estrutura/forma do português escrito, a partir dos critérios exigidos academicamente para falantes nativos.

Eu, Francisco, lembro que o texto em L2 também leva minhas marcas Surdas, isto é, traços da minha língua – a Libras – e minha identidade Surda que foi constituída em processo educacional excludente, mas que nunca apagou e jamais apagará a agência sobre quem sou. Poder exercer a condição de minoria linguística no espaço universitário, constituído hegemonicamente por pessoas ouvintes que falam/escrevem em português e socializar a experiência metodológica desse processo de escrita, é fundamental para abrir espaço para a existência do Surdo pesquisador-autor-subalterno (nas palavras de Paddy Ladd), em outros programas de

pós-graduação. Assim, justifica-se a apresentação desta nota inicial não prevista na estrutura de trabalhos acadêmicos.

Francisco Martins Lopes Terceiro - Pesquisador-Surdo  
Sueli Fernandes - Orientadora  
Equipe dos TILS de coordenação Letras Libras

## 1 CONSTITUIÇÃO DO AUTOR COMO PESQUISADOR SURDO<sup>1</sup>: MINHA EXPERIÊNCIA

Início minha dissertação com uma narrativa pessoal, “*situando a mim mesmo dentro do estudo*” tal como realiza Paddy Ladd no capítulo inicial de sua tese de doutorado “*Situating myself within study*” (LADD, 1998, p. 1-26) com referências autobiográficas como um investigador subalterno<sup>2</sup> Surdo que tem coisas a dizer sobre sua trajetória pessoal, de formação acadêmica e das políticas educacionais brasileiras. Essa narrativa situa a minha pesquisa na linha da Educação, diversidade, diferença e desigualdade social e contribui para refletir sobre uma outra ótica a respeito do campo da diferença.

Philippe Artières em seu artigo “Arquivar a Própria Vida” (1998), discute o valor cultural dos arquivos de vida nas nossas sociedades e me faz pensar na importância de registrar as experiências pessoais como cidadãos Surdos no mundo ouvinte, nos tornando uma comunidade que tem uma demanda coletiva de pertencimento, não só das criações autobiográficas, mas também de ampliar a reflexão sobre uma perspectiva sociológica e linguística.

Nasci numa cidade do interior na região do alto sertão paraibano, em 1987, na cidade de Pombal, nos tempos do governo José Sarney, do PMDB (1985-1990), na qual as oportunidades para inclusão social do Surdo eram inexistentes.

Nasci 17 anos depois da publicação da obra de William Stokoe intitulada “*The Study of Sign Language*”, publicado em 1970, que traz pela primeira vez uma visão positiva e científica sobre a língua de sinais. A língua de sinais não é apenas um objeto de estudo para Stokoe, mas a marca principal na constituição da pessoa Surda integrando a uma cultura nacional (do país que nasceu) e, ao mesmo tempo, como parte de um grupo especial. Seus estudos apontam como a linguagem é definida pelo

---

<sup>1</sup> Neste texto vou adotar a convenção na área dos Estudos Surdos (*Deaf Studies*) de diferenciar os usos entre maiúscula e minúscula inicial na palavra Surdo. O termo “Surdo” (*deaf*, em inglês), com letra minúscula, refere-se à surdez como primariamente uma experiência audiológica, da perda de audição e a condição clínica de não ouvir. O termo “Surdo” (*Deaf*), em maiúscula, refere-se à condição da pessoa que nasceu Surda, ou que ensurdeceu, para quem as línguas de sinais, a comunidade e a cultura Surda estariam no centro de sua identificação.

<sup>2</sup> O conceito de subalterno Surdo é central na pesquisa de Paddy Ladd, sobre o qual tratarei mais tarde. Subalterno será a posição assumida pelo pesquisador Surdo ao denunciar o colonialismo ouvinte, majoritário na sociedade. É a posição da resistência em fazer novas narrativas sobre si, a partir da própria experiência cultural contra as representações de deficiência e incapacidade produzidas historicamente.

“olhar”, ao invés do ouvido, e aponta contrastes e similaridades línguas orais e sinalizadas. É o primeiro autor a reconhecer a língua de sinais como um idioma que deve ser utilizado no processo educacional do Surdo, caracterizando o bilinguismo.

Quando nasci, em 1987, a Guerra Fria, que consistia nos Estados Unidos e URSS chegava ao fim e estávamos às voltas com um novo mundo. O mundo, até então dividido entre ocidental capitalista e oriental socialista, estava prestes a acabar.

Onze anos depois, o ativista Surdo britânico Paddy Ladd, que inspira este trabalho, iria, também, brindar o mundo Surdo com uma ruptura importante: a problematização dos conceitos “*Deafness* (surdez) e *Deafhood*”<sup>3</sup> dos quais falarei mais tarde.

Minha mãe, ouvinte, se chama Zuleide Almeida Martins e meu pai Raimundo Lourenço (conhecido como Nivaldo), ambos professores. Ela se formou em Licenciatura em Geografia na Universidade Federal da Paraíba e fez especialização em Docência no Ensino Superior; ele, formado em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os dois, concursados pela Secretaria Educação da Paraíba, atuam como professores em escolas estaduais e municipais. Tenho uma irmã ouvinte, Julia Marcia, advogada, formada em Direito pela Universidade Federal da Campina Grande, Paraíba.

Durante a gravidez, minha mãe havia contraído rubéola na escola de educação infantil, onde era professora. Numa consulta médica, um médico aconselhou-a a me abortar. Argumentou que não havia como saber as consequências da doença sobre a criança que crescia em seu ventre. Toda a família de meu pai, no entanto, foi contra a proposta médica. Foi assim, em meio a tantas crises existenciais, que eu nasci.

Minha surdez foi descoberta na infância, segundo contam, durante um dia de chuva forte, com raios e trovões, quando eu permanecia dormindo tranquilo na rede. Tia Ivone, irmã de meu pai, que estava nos visitando para atuar como voluntária em um centro espírita, diz que foi a primeira pessoa que percebeu e chamou a atenção de meus pais, explicando as possíveis consequências da rubéola, como o médico havia alertado.

Meus pais chocados pela tristeza de ter um filho “deficiente auditivo” (na linguagem médica) indagavam como seria crescer “diferente” e imaginavam o que o

---

<sup>3</sup> Tratarei da tradução ao termo *Deafhood*, ao longo do texto.

futuro me reservaria. Com um ano e meio, uma criança ouvinte já desenvolveu etapas importantes do processo de aquisição da fala nas interações familiares e, por volta dos dois anos e meio, ela já pode ser uma contadora de histórias.

Eu me pergunto: como fica a criança Surda nascida em uma família de ouvintes, se a língua não faz sentido para ela? Se ao invés da língua ser real e natural, é artificial e sem sentido? Como fica a criança, se ela não consegue estabelecer a relação do que é falado com o contexto em que está imersa? A língua que faz sentido para os ouvintes e para a criança Surda está dividida em pedaços que não compõe um todo?

Durante os três primeiros anos de vida, meu mundo foi a minha casa. A linguagem era a dos ouvintes. Estava isolado, sem comunicação. Minhas brincadeiras preferidas era brincar de bola e de carrinho. Morávamos em uma cidadezinha no interior da Paraíba, onde não havia escola para Surdos, nem associações para Surdos, nem informações disponíveis. O mundo globalizado pela *internet*, tal como o conhecemos hoje, ainda não existia.

Minha mãe colocou suas mãos à luta para buscar superar todas as dificuldades durante a infância, pela falta de escolas especializadas, pelo fato de o município ser muito pequeno com baixa população e nenhuma infraestrutura. Essa realidade é vivida por muitas famílias de pequenos centros, com poucas condições sociais e distantes da oportunidade de conhecer comunidades Surdas, geralmente presentes nas capitais e grandes cidades. Com pouca ou nenhuma informação sobre a educação de Surdos, minha primeira escola era muito longe de casa.

Apesar da falta de infraestrutura, vivi uma experiência singular no processo de aquisição da língua de sinais, na infância, quando aos três anos de idade conheci o “mundo dos Surdos”, pelo convívio com uma amiga de infância que tinha pais Surdos e tios Surdos e moravam bem próximo do bairro onde me criei. Os contatos foram mais intensificados décadas depois, mas esse fato, acredito, me tirou de um mundo da privação linguística e fortaleceu minha identidade Surda, ainda inconsciente.

Quando fiz três anos de idade, minha mãe soube que em uma cidade vizinha havia uma escola especial para crianças com vários tipos de deficiência. Foi assim que, durante um ano, diária e religiosamente, pegávamos o ônibus às 6 horas da manhã e nos dirigíamos para a “escola”. E o que eu fazia lá? Aprendia língua? Bem, eu continuava fazendo o que já fazia em casa: brincava.



Claro que, mergulhado na falta de significantes e significados (palavras), a brincadeira fazia bem menos sentido. Minha imaginação, recurso que as crianças tanto utilizam, estava enclausurada pela privação da língua. Mesmo em assimetria, eu crescia.

Neste meio tempo, minha mãe resolveu acreditar que a saída era fundar uma escola especial na minha cidade. E foi o que ela fez com a ajuda de um psicólogo, chamado Josimar, que trabalhava na prefeitura. Juntos eles elaboraram um projeto político pedagógico e com apoio de recursos financeiros do governo abriram a escola, que seguiu os moldes das escolas de educação especial mantidas pela Associação de Pais e Mestres de Excepcionais - APAE. O psicólogo Josimar, percebendo que eu não avançava no desenvolvimento, orientou minha mãe a procurar Surdos adultos, pois, ao que parecia, eu não iria aprender a falar e a ouvir como as demais crianças ouvintes de minha idade.

Meus pais, então, fundaram a APADA e foi a primeira presidenta da Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos, exigindo para as crianças Surdas os direitos anunciados no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA, 1990). Um ano depois, porém, ela estava com as portas fechadas. Com o auxílio do psicólogo Josimar, minha mãe encontrou uma senhora formada em magistério, a Professora Gorete Formiga, que tinha conhecimento da língua de sinais, pois aprendeu no contato informal com pessoas Surdas e fez um trabalho bilíngue com as crianças Surdas, onde estudei dos três aos sete anos, interrompido no ensino fundamental.

O próximo passo de meus pais, foi se juntar a outras famílias de crianças e adolescentes Surdos e pagar um transporte escolar para nos levar ao município de Patos-PB, a 100 km de Pombal. Com uma hora de viagem, passei a estudar em uma escola especial para Surdos, espaço onde pude conviver com colegas Surdos e dar meus primeiros passos para a apropriação de minha língua de identificação cultural, a Libras.

Minha escolarização não foi fácil, sofri pelos muitos fracassos, reprovei por quatro vezes a primeira série em meio a alunos ouvintes e professoras sem conhecimento e/ou interesse sobre como educar uma criança Surda. Nesse tempo, minha mãe percorreu inúmeros congressos, encontros de Surdos e não-Surdos, ouvindo palestras e buscando informações em alguns estados brasileiros.

Depois dessa experiência em outro município, o grupo de Surdos voltou para a escola de educação especial em Pombal e, paralelamente, vivenciou a experiência

de integração<sup>4</sup> na escola regular, acompanhando as aulas apenas por meio da leitura labial e práticas de ouvintes.

Nessa época, eu vivia a crise da adolescência. Minha crise era diferente daquela vivenciada por adolescentes ouvintes, pois, era centrada na minha identidade Surda. Eu me sentia o “patinho feio” no meio dos meus colegas ouvintes. Tive muitos problemas psicológicos, andava solitário e excluído, vivendo anos nesse ambiente sem outros colegas Surdos. Tinha muita vontade de me expressar, sinalizar, dialogar em Libras, mas apenas recebia “resuminhos” de impacientes colegas ouvintes que me deixavam mais angustiado pelos olhares de indiferença que recebia.

Sofri muita desigualdade, preconceito e discriminação em sala de aula como Surdo sinalizante<sup>5</sup> e o máximo de respeito que recebi foram das professoras de português, esforçadas e atenciosas, que buscavam falar devagar, me sentavam em uma carteira na frente de sua mesa e perto do quadro, para que eu tentasse fazer a leitura labial. No final da aula, quando havia tempo para tirar dúvidas, era a escrita o meio de comunicação (uma língua ainda desconhecida para mim).

Enquanto Paddy Ladd concluía seu doutorado, em 1998 na *University of Bristol*, na Inglaterra, o Brasil vivia uma efervescência de movimentos sociais em defesa da inclusão escolar, crescendo os debates acadêmicos sobre o olhar cultural, multicultural e intercultural na educação. Esta década, de 1990, “é considerada uma referência nessa passagem, pois é marcada por contexto de reivindicações presentes na educação e exigem mudanças (ABRAMOWICZ; RODRIGUES; SILVA, 2011, p. 89).

Em 2002, em decorrência da pressão do movimento Surdo, é oficializada a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua da comunidade Surda brasileira. Ainda não havia a consciência da importância dessa conquista em minha vida, já que não havia uma única pessoa interessada em aprender língua de sinais para se

---

<sup>4</sup> O movimento pela integração é anterior ao movimento de inclusão e caracteriza-se, principalmente, pelo direito a estar na escola comum, apesar de, muitas vezes, não haver nenhum recurso ou apoio especializado para educar alunos com deficiência. Nesse modelo que esteve presente entre os anos 1960 e 1990, o esforço de participação para estar integrado ao grupo é responsabilidade da família, por meio de tratamentos terapêuticos de reabilitação.

<sup>5</sup> Uso o termo sinalizante para me referir as pessoas Surdas e pessoas ouvintes que “falam” a línguas de sinais.

comunicar comigo na escola e a tradição do Oralismo<sup>6</sup> ainda fazia parte da minha realidade.

Seguindo em frente, até o limite de minha paciência pelo conhecimento que perdi, durante 2005, houve um movimento de lutas na escola em que estudava para conseguir a contratação dos intérpretes – Flávio Santos e Alda Leaby – da Associação Evangélica dos Surdos, para as duas turmas que tinham alunos Surdos na escola. Embora por apenas um ano, interrompido por melhores oportunidades profissionais que levaram à demissão de Flávio de minha turma, houve aspectos bastante positivos na experiência, pela possibilidade de ter acesso aos conteúdos por meio da Libras.

Fiquei sem estudar em 2007, pela falta de intérprete, houve muitas brigas e desentendimentos com meus pais e, aos 20 anos, decidi mudar para João Pessoa, capital com melhor estrutura e com escolas em processo de inclusão com apoio de intérpretes no ensino médio. Com acessibilidade nas aulas, avaliações e interações bilíngues e, o mais importante, o retorno do contato e interação com colegas Surdos, passei a estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com maior responsabilidade e vivenciar dinâmicas variadas que envolviam diferentes papéis exercidos pelos professores de cada disciplina e pelo tradutor intérprete. Essa curta experiência, de pouco menos de dois anos, me ajudou a superar as dificuldades e crises emocionais, os transtornos psicológicos e opressões que sofri nas escolas ouvintistas<sup>7</sup>, pelas quais passei no meu percurso escolar.

Ao concluir o ensino médio, a primeira experiência do vestibular foi para o curso de Licenciatura em Ciências Sociais, na Universidade Federal da Paraíba. Solicitei à Comissão Permanente do Concurso Vestibular (COPERVE) a banca especial com intérprete de Libras, sendo o primeiro Surdo aprovado na primeira fase; na prova de redação, segunda fase, lamentavelmente fui reprovado por não ter tido a correção do texto com critérios de avaliação de português como segunda língua. Assim, escolhi cursar Pedagogia, na Universidade Estadual Vale do Acaraú-CE, com tradição no apoio aos Surdos sinalizantes por meio da oferta de intérpretes. Cursei

---

<sup>6</sup> O Oralismo pode ser definido como o sistema educativo imposto às comunidades Surdas em todo o mundo durante o último século (1880-1980), que retirou os educadores Surdos e sua língua do processo educacional. Ao substituir a língua de sinais por um sistema de comunicação oral exclusivamente conduzido por ouvintes, obrigou o uso da fala, a leitura labial e de aparelhos auditivos. Com a ausência de interação entre crianças Surdas e adultos Surdos, eles esperavam impedir a existência de comunidades Surdas existirem plenamente (LADD, 2013, p. 15).

<sup>7</sup> As práticas ouvintistas serão esclarecidas ao longo do texto, mas costumam ser identificadas como formas de opressão ao Surdos, buscando identificá-lo com a cultura e modos de seres ouvintes.

até o terceiro período e pedi transferência para UNICEP (Centro Universitário Central Paulista), em São Carlos-SP.

Lá, conclui o meu curso e também conheci Felipe Fontana, militante negro, doutorando em Ciência Política. Além de meu amigo se tornou meu companheiro e me ensinou a dialogar, refletir e aprofundar conhecimentos sobre a educação de Surdos. Essa pessoa foi um exemplo de vida, mudou meu caminho e marcou a minha história.

Hoje, adulto e maduro, reconheço a importância do investimento na formação profissional e acadêmica no curso de licenciatura em Pedagogia e a necessidade de aprofundar conhecimentos na área dos Estudos Surdos, como uma contribuição ao desenvolvimento dos conhecimentos para produção dos novos fenômenos para sociedade, combatendo os tabus em relação à surdez e aos Surdos.

Foi durante minha graduação em Pedagogia, entre os anos de 2011 e 2015 que tive a consciência, pela primeira vez, que o conhecimento, até então a mim transmitido, não me permitia alcançar determinadas compreensões da realidade que teimavam em permanecer comigo como perguntas sem respostas. Enquanto sujeito Surdo, usuário de uma língua de sinais desconhecida por quase a totalidade dos meus professores e colegas, eu me sentia isolado, distante, querendo fazer parte do mundo dos ouvintes ao mesmo tempo que estava “preso” em um mundo só meu. Isso porque, sem uma língua comum compartilhada, eu me via impedido, em certa medida, de compartilhar o mundo com os demais.

Para além disso, havia o incômodo de fato de que o curso tinha em sua grade curricular apenas uma disciplina de Libras, o que me provocava ainda mais questionamentos. Como futuro professor Surdo, eu me interessava por aprender uma pedagogia Surda, uma pedagogia que tivesse como maior valor colocar o sujeito Surdo, em especial a criança Surda, como agente de sua própria história.

Outro fato marcante na constituição de minha identidade de pesquisador em formação aconteceu quando me vi diante da escolha do tema para o trabalho de conclusão do curso (TCC) de Pedagogia. A professora, de certo modo perplexa por ver um Surdo diante da espinhosa tarefa de ter que se apropriar da modalidade escrita de uma língua que não era a sua, perguntou-me se eu conhecia alguém que pudesse ser meu coorientador, alguém que conhecesse a área da educação de Surdos. Foi uma pergunta importante.

Minha orientadora era a professora ouvinte, Elisabete Gabriela Castellano, com doutorado em Educação e vários pós-doutorados em educação ambiental, ciências humanas e biológicas. Apesar de tão rica formação, infelizmente, ela não tinha conhecimento na área dos Estudos Surdos, mas ainda assim os seus conhecimentos formais me foram muito úteis. Acredito que a aproximação comigo durante aquele período foi uma oportunidade, também, para ela conhecer um pouco mais sobre os Surdos e se enriquecer com a experiência.

Em 2013, fui convidado a integrar a comissão organizadora do II Seminário Setembro Azul<sup>8</sup>, evento de âmbito nacional muito importante para as Comunidades Surdas e que naquele ano tinha como tema “Libras, Identidade, Cultura e Educação Bilíngue”. Por aquilo que vou chamar de uma “coincidência do destino”, encontrei, durante os preparativos do evento, a pesquisadora e professora Surda da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Gladis Perlin. Como já a conhecia no meio acadêmico, aproveitei a oportunidade para lhe perguntar se ela aceitaria ser minha coorientadora no TCC. Ela, graciosa e gentil, prontamente aceitou o convite.

Antes daquele encontro com Gladis Perlin no evento Setembro Azul, eu já havia lido dois textos, um que explicava sobre o conceito de “Ser Surdo” e, outro, que tratava das “Identidades Surdas”. Foram estes textos que me permitiram, pela primeira vez, refletir mais detidamente sobre o meu futuro como pedagogo Surdo e sobre mim mesmo enquanto Surdo.

Lendo aqueles textos senti reviver em mim um antigo sonho. O sonho de ser um “modelo”, de servir como exemplo para outros, Surdos e não Surdos, que compartilhavam as mesmas lutas e inquietações que as minhas. Este sentimento ficou ainda mais intenso quando, seguindo as indicações de leituras e referências bibliográficas citadas por Gladis Perlin, me deparei, pela primeira vez, com a escrita do autor Surdo Paddy Ladd. O ano era 2014. Foi outro marco em minha vida.

Com as leituras que comecei a fazer, pude me apropriar e refletir sobre a diferença de significado de duas categorias teóricas que hoje me são muito claras, sobre as quais eu não me dava conta (estavam como que invisibilizadas), mas que fizeram total diferença na minha autocompreensão: “surdez” e “*Deafhood*”. Surdez definida como a condição audiológica de não ouvir (a deficiência auditiva) e

---

<sup>8</sup> “Setembro Azul” é um evento que ocorre no dia 26 de setembro, em comemoração ao Dia Nacional do Surdo, quando os líderes Surdos se mobilizaram por todo o país para divulgar a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

“*Deafhood*” um conceito que busca narrar a experiência de ser Surdo, de forma coletiva e cultural.

Naquele momento eu não via o sentido, a ideologia e concepções que cada uma das palavras carregava, como explicavam Gladis Perlin e Paddy Ladd, e que a compreensão posterior fez toda a diferença na minha jornada, desde então, até ingressar no mestrado na Universidade Federal do Paraná.

Finalmente, meu TCC aconteceu sob o título “A formação da identidade e da Cultura Surda durante a infância: um estudo sobre a construção do orgulho de Ser Surdo tendo como aporte a educação infantil de crianças Surdas no município de São Carlos-SP”, com o objetivo de investigar, tanto no ambiente escolar quanto no seio familiar, as relações estabelecidas entre as crianças Surdas na idade da educação infantil para, dessa forma, compreender quais os elementos que estimulam ou dificultam a promoção e a constituição plena de uma identidade e de uma Cultura Surda.

Concluído meu trabalho, fui pessoalmente a Florianópolis entregar à professora Gladis Perlin a declaração de coorientação e também agradecer-lhe pela confiança em mim depositada. Foi quando pudemos conversar sobre um tema para um possível projeto de mestrado. O encontro aconteceu em sua casa. Ela também me explicou sobre como construir o projeto, isto é, sobre os objetivos, as hipóteses, a justificativa, enfim, os passos que eu deveria realizar para construí-lo. Suas contribuições, além do precioso fato dela acreditar que eu poderia ingressar no mestrado em uma universidade pública federal, foram degraus importantes construídos por ela para que eu estivesse hoje onde estou.

Concomitante a isso, fui até a Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e encontrei lá duas pesquisadoras doutoras que pesquisavam o tema “bilinguismo do Surdo” e que me auxiliaram com conselhos, artigos e textos. Estes acontecimentos, somados, me motivaram a seguir rumo ao mestrado.

Com uma proposta de pesquisa voltada para a investigação acerca do papel do professor Surdo para a formação do sujeito Surdo na educação infantil, na mesma linha de meu TCC, encaminhei meu projeto e me inscrevi para a prova de mestrado acadêmico, em cinco universidades estaduais do Paraná e, também, para a Universidade Federal do Paraná. As provas escritas realizadas nas cinco instituições estaduais contaram com intérpretes de Libras na banca especial, porém, todas as provas foram realizadas apenas em português.



No Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, inicialmente, a escolha pela Linha de Políticas Educacionais foi motivada pelos dois eixos temáticos – Educação bilíngue para Surdos e Políticas de Educação Especial e Inclusão – que poderiam contemplar o meu tema de pesquisa.

Para a minha grande surpresa, diferentemente das demais instituições, a Universidade Federal do Paraná oferecia um processo de seleção na modalidade bilíngue, isto é, pude fazer a prova escrita, que foi corrigida levando em conta o português como minha segunda língua (L2) e, além disso, pude realizar, também, a prova em língua brasileira de sinais.

Esperei ansioso o resultado. E, mais uma surpresa. Quando abri o edital meu nome estava entre os aprovados e indicado para participar da segunda etapa da entrevista no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE. Quatro professores da UFPR compuseram a banca, entre eles a professora Sueli Fernandes, que se tornou minha orientadora. Recordo-me com carinho de uma pergunta que me foi feita e da resposta que dei: “Por que eu queria fazer o mestrado?” Eu respondi: *“Quando penso em ingressar na área da pesquisa acadêmica não estou pensando necessariamente em mim, mas em todos os meus pares Surdos usuários da Libras. Penso em me apropriar de novos saberes e em formas de socializar ao coletivo.”* Minha resposta pode ter contribuído para minha aprovação, penso.

No dia da aula inaugural, a surpreendente notícia da criação da Linha Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social. Esse momento teve uma importância histórica fundamental para meu ingresso no mundo acadêmico, pela identificação dos objetivos da Linha com a minha trajetória pessoal e ao meu tema de pesquisa, o fato de estar em uma universidade que me oferecia apoio de intérpretes de qualidade, docentes que pesquisavam temas e ofertavam disciplinas que me permitiam entender o colorido da diversidade de outras lutas de grupos que também sofriam opressão; ter a oportunidade de ter uma orientadora sinalizante da minha língua, com produção científica na área da Educação Bilíngue para Surdos, era muito mais do que eu podia esperar encontrar no início de minha constituição como pesquisador.

Minha apresentação, iniciando pelos fatos que marcaram minha vida pessoal, tem o objetivo de demonstrar como são as experiências tatuadas na pele Surda, que vivi desde a infância até a idade adulta. Todas essas experiências constituíram a

minha identidade de Surdo sinalizante, tanto pelos aspectos positivos como pelos negativos que vivi.

Meu depoimento pode ser comparado a um espelho para Surdos que buscam um olhar sobre si e como pesquisador subalterno bilíngue. Posso dispor minha experiência e histórico de vida para que outros Surdos compreendam as semelhanças que nos aproximam, por falarmos uma outra língua.

Não se trata apenas de reconhecer o direito a uma língua diferente na educação, que no meu caso é a Libras. Trata-se de um novo olhar sobre os Surdos e sua educação, construir outros discursos que circulem no ambiente acadêmico pela nossa voz, a voz dos sujeitos Surdos que vivenciam a experiência da surdez pela sua própria narrativa.

Me tornei “Surdo” entendendo o significado desse conceito na dinâmica dos olhares de minhas relações sociais e a necessidade de registrar minhas experiências e vivências. Como diz Artières (1998, p. 11), “criar um arquivo da própria vida e se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

## 1.2 ABRINDO NOVAS PORTAS NA PESQUISA EM ESTUDOS SURDOS

A educação bilíngue para Surdos está assegurada em vários textos legais, desde a aprovação da Lei Federal 10.436, em 2002, conhecida como Lei de Libras. O Decreto Federal 5626/2005 (BRASIL, 2005), que regulamenta a Lei de Libras, garante “escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos Surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental” (art. 22, inc. I).

O Plano Nacional de Educação, aprovado pela Lei nº 13.005/2014 (BRASIL, 2014), com metas e diretrizes para as políticas educacionais, até 2024, reitera, em algumas das suas estratégias (PNE, Meta 4, estratégias 4.7; 4.13 e 16.3) o direito à educação bilíngue para Surdos, desde a Educação Infantil. Por fim, a Lei Brasileira de Inclusão, ou Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei Federal 13.146/2015) garante a “oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade

escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas” (art. 28, inc. IV) e “a formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado” (art. 28, inc. XI).

Como se pode ver, na legislação nacional, não há dúvidas sobre o direito das crianças Surdas de aprender a Libras no espaço escolar, desde a educação infantil. Pesquisas na área apontam para a importância do contato Surdo-Surdo desde a mais tenra infância (FERNANDES, 2011), uma vez que a criança Surda precisa da identificação com uma modalidade de língua visual-espacial pela interação com seus pares, já que, em mais de 90% dos casos, elas nascem em famílias ouvintes, que não conhecem nem falam a língua de sinais, ou seja, aquela que deveria ser a sua língua materna<sup>9</sup>.

É no contato com o adulto Surdo, especialmente o professor Surdo, a criança Surda vai encontrar um modelo com o qual ela poderá estabelecer trocas significativas que lhe permitam constituir-se por inteiro enquanto sujeito cultural, assim como acontece com crianças ouvintes em suas interações simbólicas por meio de uma língua oral-auditiva, desde o nascimento.

O contato Surdo-Surdo e a vivência de experiências em língua de sinais potencializam a cultura visual, o fortalecimento de uma identidade Surda e se contrapõe à representação social dos Surdos como “deficientes” e incapazes linguisticamente.

Essas são algumas das ideias defendidas na obra do pesquisador e ativista Surdo britânico Paddy Ladd, que trouxe importantes contribuições ao campo dos Estudos Surdos em Educação, campo de pesquisa que narra as pessoas Surdas a partir de sua diferença linguística e cultural, problematizando o conceito de normalidade ouvinte (SKLIAR, 1998), com destaque à produção de pesquisadores Surdos.

Depois de defender sua tese intitulada *“In search of Deafhood: towards an understanding of British Culture”*<sup>10</sup>, que lhe conferiu o grau de Doutor em Filosofia, na

---

<sup>9</sup> Língua materna, neste texto, se refere à língua adquirida na infância, no contexto familiar, base do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Para crianças Surdas, filhas de pais Surdos sinalizantes, a língua materna é a Libras. Para as crianças Surdas que nascem em famílias ouvintes, a aprendizagem da Libras dependerá da política educacional e linguística da escola e “seria” a língua materna dos Surdos, se a proposta for bilíngue (FERNANDES, 2014);

<sup>10</sup> Em busca da *Deafhood*: Em direção a um entendimento da Cultura Surda Britânica [Tradução do autor].

Faculdade de Ciências Sociais/*Department of DeafStudies*, pela University of Bristol, em 1998, Paddy Ladd, publicou vários trabalhos e sua principal obra *“Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood”*<sup>11</sup>, em três volumes. Sua produção acadêmica ganhou notoriedade internacional e vem sendo divulgada por intelectuais Surdos brasileiros para fundamentar a visão socioantropológica da surdez, ou seja, a compreensão dos Surdos como integrantes de uma minoria política, em termos linguísticos e culturais.

Essa visão se contrapõe ao tradicional modelo clínico-terapêutico da surdez que foca a descrição audiológica da surdez, as perdas auditivas, a pedagogia de reabilitação da audição e da fala. Paddy Ladd faz uma forte crítica ao termo “surdez” (*deafness*) para designar a totalidade da experiência da perda auditiva e por ser um conceito clínico que vê o sujeito Surdo como alguém a ser corrigido.

Por outro lado, ele propõe o termo *“Deafhood”* que, embora não negue a falta da audição, debate a surdez não em termos individuais ou como “um sujeito a se corrigir”, mas, pela ótica da experiência coletiva. Busca definir um estado existencial e identitário positivo do Surdo ligado à ideia de “ser-no-mundo”. Na única obra de Paddy Ladd, traduzida em português lusitano pela Editora Surd’Universo, em 2013, *“Deafhood”* é traduzido como Surdidade<sup>12</sup>.

Pensando nessas questões que envolvem a criança Surda, o processo de aquisição da língua de sinais, a importância do contato Surdo-Surdo para a identificação cultural, o professor Surdo teria um papel fundamental que precisaria ser investigado, debatido e defendido nas políticas educacionais.

Essas foram as ideias que motivaram minha intenção inicial para um projeto de pesquisa que tivesse a contribuição teórica das ideias de Paddy Ladd. Assim, realizei levantamento bibliográfico nas bases de dados Scielo, Capes e Google Acadêmico, a partir dos descritores **“professor Surdo”**, **“criança Surda”** e **“educação infantil para Surdos”**, para se observar a produção existente na área sobre a temática. Com o descritor **“professor Surdo”**, na base do Google Acadêmico, foram encontradas 50 publicações, na base da Capes, 57 e no Scielo, 13. Com o descritor **“criança Surda”**, na Capes, retornaram 69 publicações, no Google acadêmico, 142, e no Scielo, 25. Por fim, com o descritor **“educação infantil para Surdos”**, na base

---

<sup>11</sup> Entendendo a Cultura Surda – em busca da Surdidade (tradução em português lusitano).

<sup>12</sup> Nesta pesquisa, utilizaremos o termo sempre no original, em inglês. Quando o termo “Surdidade” for empregado, estamos fazendo referência à obra publicada em Portugal.

do Google Acadêmico retornaram 4 títulos, na base da Capes, 15, e no Scielo, 5. Com o descritor “**Deafhood**” ou “**Surdidade**” não foram encontrados resultados. Importante ressaltar que o Google Acadêmico faz um rastreamento nas demais plataformas com banco de dados, sendo assim a quantidade significativa apresentada pelo buscador resulta da sua busca ampliada e proveniente de outros fornecedores.

Após a leitura preliminar dos títulos, foram mantidas quinze (15) publicações que considerei possuírem aderência com meu tema de investigação. Na etapa seguinte, elaborei o quadro 1 das publicações selecionadas, quando, então, fiz a leitura do resumo do conteúdo, rejeitando trabalhos com pouca aderência com a minha pesquisa.

QUADRO 1 - PUBLICAÇÕES REJEITADAS APÓS A PRIMEIRA ETAPA DE LEITURA

<b>Autoria com Local e ano de publicação</b>	<b>Título</b>	<b>Palavra - Chaves</b>	<b>Gênero</b>
ROSA, Fabiano Souto. 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.	Literatura Surda: O que sinalizam professores Surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais.	Literatura Surda. Livros Digitais em Libras. Educação de Surdos.	Dissertação
FARIA, Juliana Guimarães. Revista Brasileira Educação Especial. vol.17 no.1 Marília Jan, /Abr. 2011.	Formação, profissionalização e valorização do professor Surdo: reflexões a partir do Decreto 5.626/2005.	Educação Especial. Formação. Profissionalização. Professor Surdo.	Artigo
SILVESTE, Carolina Oliveira Jimenez. LOURENÇO, Erick Aparecida Garrutti de. Revista Educação Especial, v. 26, n. 45, p. 161-174, jan. /Abr. 2013, Santa Maria – RS.	A interação entre crianças Surdas no contexto de uma escola de Educação Infantil.	Educação de Surdos. Interação entre crianças. Educação Infantil. Bilinguismo.	Artigo
SILVESTE, Carolina Oliveira Jimenez Lourenço. LOURENÇO, Erick Aparecida Garrutti de. Revista Nuances: estudos sobre Educação, Vol. 25, No. 2, p. 170-188, maio/ago. 2014. Presidente Prudente – SP.	Análise de Episódios Interativos de Crianças Surdas em uma instituição de Educação Infantil.	Surdez. Inclusão. Educação de Surdos. Interação. Educação Infantil.	Artigo
BOMFIM, Rute Oliveira do. SOUZA, Paula Ramos. Revista Psicologia USP, no 21(2), 417-437. Abril/junho, 2010. São Paulo.	Surdez, mediação e linguagem na Escola.	Mediação. Aprendizagem. Linguagem. Interação. Surdez.	Artigo
SCHEMBERG, Simone. GUARINELLO, Ana Cristina. MASSI, Giselle. Revista brasileira	O ponto de vista de professores a respeito das	Educação Especial. Inclusão.	Artigo

educação especial, v. 18, n. 1, p, 17-32, março. 2012 . Marília – SP.	interações linguísticas de crianças Surdas.	Família. Língua de Sinais.	
MORALES, Patricia. Estudios pedagógicos, v. 37, n. 2, p. 161-180. 2011. Valdivia - Chile.	As representações docentes nos processos de construção identitária dos Surdos na própria educação.	Surdo. Identidade. Subjetividade. Processos de Socialização. Representações sociais. Educação de Surdos.	Artigo

Fonte: Autor (2016)

Dos trabalhos selecionados para análise que abordam a questão do professor Surdo na educação de Surdos, três são dissertações de mestrado (REIS, 2006; PINHEIRO, 2012; SILVA, 2012) de autoria de pesquisadoras Surdas, um artigo é escrito em co-autoria entre dois pesquisadores Surdos e uma ouvinte (LODI, ROSA, ALMEIDA, 2012); um artigo publicado em Portugal, escrito por uma pesquisadora ouvinte (AMARAL; COUTINHO, 2016).

Paddy Ladd e outros autores (SKLIAR, 1997, 1998; LADD, 2013; STROBEL, 2008, 2009; WRIGLEY, 1996) destacam a importância do protagonismo da voz investigativa dos pesquisadores Surdos, por isso, me detive em destacar as contribuições dos autores Surdos nesta dissertação, buscando a coerência da escolha de dar protagonismo ao investigador subalterno.

Por fim, devo registrar, uma produção importante, em forma de capítulo de livro, que não foi listada dentre as obras do levantamento produzido, de autoria de Janie Gonçalves, pesquisadora ouvinte e filha de pais Surdos, que merece destaque por ter sido a primeira orientanda brasileira de Paddy Ladd, com tese de doutorado defendida na Universidade de Bristol, em 2009, intitulada “*The role of Gaucho culture and Deaf pedagogy in rethinking Deaf Education*”. Importante salientar que apenas tomamos conhecimento dos trabalhos realizados por Janie Gonçalves, no momento da qualificação da dissertação, como pesquisadora CODA (Child of Deaf Adults), aliada da comunidade Surda. Nesse momento, buscamos ter acesso às publicações de Janie Gonçalves, pela pesquisa ao Currículo Lattes, porém sua última atualização era do ano de 2014.

Tivemos acesso a um único trabalho escrito sob a forma de capítulo de livro, escrito em parceria com Paddy Ladd (GONÇALVES; LADD, 2011). Nesse sentido, a opção pela não utilização desse trabalho se dá pelo fato de que minha pesquisa busca uma correspondência direta com os discursos acadêmicos produzidos pelos próprios



pesquisadores Surdos, tomados, neste trabalho, como pesquisadores subalternos que produzem conhecimento por meio de suas línguas de sinais e suas escritas singulares, que percorrem trajetórias singulares até a materialização em forma de publicação acadêmica, num processo de resistência e afirmação. A publicação, em coautoria, será utilizada como texto de apoio às análises desenvolvidas neste estudo.

Os trabalhos selecionados me auxiliaram a delimitar melhor os meus objetos de estudo, pois, embora tratassem da questão da criança Surda e da educação bilíngue, não faziam referências diretas ao conceito central na obra do autor: *Deafhood*. Observei que os pesquisadores tratavam de conceitos importantes para o campo dos Estudos Surdos, como identidades Surdas, cultura Surda, modelo socioantropológico da surdez, mas suas referências limitavam-se à produção acadêmica de pesquisadores Surdos brasileiros, como Gladis Perlin e Karin Strobel, entre outros, que são referência nacional na área da educação de Surdos.

Diante desse fato, identifiquei a necessidade de um recorte mais específico que articulasse a questão da educação bilíngue para Surdos com a obra de Paddy Ladd e levantei a seguinte pergunta de pesquisa: Qual a contribuição do conceito de *Deafhood* na educação bilíngue para Surdos? De que forma o conceito de *Deafhood* cunhado por Paddy Ladd foi traduzido e incorporado à obra de intelectuais Surdos no Brasil?

A pesquisa tem como objetivos analisar o conceito de *Deafhood* na obra de Paddy Ladd, não traduzida no Brasil, a partir de 1998 e, de forma complementar, investigar a recepção do conceito de *Deafhood* por intelectuais Surdos, identificando sua concepção sobre o tema e suas principais contribuições à educação bilíngue para Surdos.

No percurso metodológico desta pesquisa, de caráter qualitativo, o principal procedimento é a pesquisa bibliográfica. O conceito de *Deafhood* foi identificado nas publicações do pesquisador Paddy Ladd (livro, capítulos de livros e artigos), disponíveis em língua inglesa e espanhola, já que, como explicamos, há apenas uma obra publicada em Lisboa, escrita em português lusitano.

A pesquisa bibliográfica será ampliada pela análise da produção encontrada no levantamento bibliográfico, realizado nas plataformas de bancos de dados, a partir dos descritores indicados anteriormente. De forma complementar, realizamos coleta de dados com reconhecidos intelectuais Surdos brasileiros que dialogaram com as principais ideias de Paddy Ladd em sua produção acadêmica, dissertações, teses,

artigos e livros: Gladis Perlin (UFSC), Karin Lilian Strobel (UFSC), Rodrigo Rosso Marques (UFSC) e Cláudio Henrique Nunes Mourão (UFRGS). A consulta foi realizada por meio de questionário bilíngue e os procedimentos estão descritos na seção 3.

Como proposta de estrutura do trabalho, início com esta introdução, “Constituição do autor como pesquisador Surdo: minha experiência” que tem como objetivo situar a minha história de vida articulada aos objetivos e justificativas que delimitam meu objeto de pesquisa, dando protagonismo ao pesquisador Surdo no campo dos Estudos Surdos em Educação.

O capítulo 2, “Quem é Paddy Ladd e sua herança aos Surdos no mundo”, apresentará o conceito de “*Deafhood*”, a partir de levantamento de textos, em inglês, espanhol e português, em que o termo é discutido pelo pesquisador. Consiste no capítulo que fundamenta teoricamente este trabalho.

O capítulo 3, “Contribuições de Paddy Ladd na educação bilíngue para Surdos: o percurso metodológico da pesquisa”, tem a intenção de apresentar os procedimentos metodológicos da pesquisa, em duas etapas: o levantamento da produção bibliográfica de pesquisadores Surdos brasileiros que se dedicaram à educação bilíngue, com referências aos Estudos Surdos em Educação e os resultados do questionário com os intelectuais Surdos renomados e reconhecidos na literatura nacional para investigar como a contribuição de Paddy Ladd foi recepcionada em sua obra.

Por fim, apresentaremos as considerações finais e as possíveis contribuições dessa pesquisa ao campo epistemológico dos Estudos Surdos.

## 2 QUEM É PADDY LADD E QUAL SUA HERANÇA AOS SURDOS NO MUNDO

Quando as fontes escritas são reticentes, é sempre preciso buscar informação no entre dito, juntar fragmentos dispersos: é a “necessidade de lidar com silêncios”, surpreendendo o ainda não formulado (VOVELLE, 1987, s.p). Essa reflexão na busca por informação sobre Paddy Ladd não foi diferente, pois muitas informações de ordem biográfica estavam fragmentadas em sites, de forma resumida, com pouquíssimos fatos sobre sua vida, o que dificultou registrar a escrita sobre sua história.

Tendo em vista as poucas informações coletadas, parti em busca de fontes alternativas e publicações, como vídeos no *youtube*, em que ele se apresenta em eventos e entrevistas, a fim de buscar mais dados que pudessem me ajudar a apresentá-lo. Porém, também não tive êxito, o que torna ainda mais relevante este trabalho de retratar a trajetória deste incrível pesquisador Surdo.

Paddy Ladd, importante intelectual Surdo britânico, nasceu em 1952. Viveu durante vinte e dois anos sem conhecer a língua de sinais de seu país – *British Sign Language* (BSL) – o que aconteceu somente após sua formação no ensino superior, como assistente social, no ano de 1973.

Sobre esse período que Ladd viveu sem conhecer a BSL ele próprio narra em sua página da *internet*<sup>13</sup> que foi oralizado, como a maioria de seus pares, e que era compreendido apenas como um “deficiente”.

Ainda desconectado da possibilidade de desenvolver sua identidade Surda, Ladd só conheceu a língua britânica de sinais (doravante *BSL*), aos 22 anos; até então, seu conhecimento sobre a vida comunitária dos Surdos era teórico, pela leitura de textos sobre o tema.

No início da década de 1970 ocorre a grande mudança e Ladd acessa o “mundo dos Surdos”<sup>14</sup> interpelado pela sua trajetória pessoal, aliada aos seus estudos sobre a vida dos Surdos. Como ele narra: “começou a jornada no *Deafhood*, no meu caso de “Surdo” para “Surdo”, em 1974, continua até hoje, e continuará assim até eu morrer” (LADD, 2006)<sup>15</sup>.

---



13 História de Perfil do Autor de disponível do link: <http://www.deafhood.com/test/author.html>

14 Expressão usada como uma metáfora que é diferenciada de “comunidade Surda” e “povo Surdo” na tese da doutora Karin Lilian Strobel: **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. Acesso disponível link: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91978>

15 Tradução do autor retirado do site <http://www.deafhood.com/test/author.html> ano 2006.

Além da aprendizagem tardia da língua de sinais houve outros fatos marcantes na trajetória de Ladd, sendo um deles sua atuação como assistente social, o que possibilitou o contato com crianças e jovens Surdos e também familiares. No convívio com os Surdos, foi “batizado culturalmente”. Pelo uso dos cabelos longos e barba, o nome visual de Paddy Ladd em BSL é o mesmo sinal de Jesus<sup>16</sup>.

FIGURA 1 - PADDY LADD, SINAL E ESCRITA DOS SINAIS

PADDY LADD	SINAL – “JESUS” em BSL	SIGNWRITING (escrita de sinais)
		

Fonte: Disponível em: <<https://www.signbsl.com/sign/jesus>>

Essa experiência vivenciada para ele foi singular, pois Ladd pode perceber a força da influência do Oralismo sobre seus pares Surdos e, desde então, não mediu esforços para mudar esse contexto. A partir daí, Ladd decide então juntar forças com outras pessoas que pensavam como ele, para criar o *NUD* (*National Union of Deaf*)<sup>17</sup>, em 1976.

A União Nacional dos Surdos (*NUD*) foi fundada em Wimbledon, Londres, em 13 de março de 1976, quando os Surdos se reuniram para formar uma organização exclusivamente administrada por eles mesmos. O *NUD* era uma organização histórica que reuniu os primeiros grupos de Surdos no século XIX. O principal objetivo era "restaurar os direitos dos Surdos". Eles desejavam fazer com que os Surdos se conscientizassem de seus direitos, suas necessidades e a forma como eles estavam sendo recusados ao ouvir pessoas. Desde então, tornou-se um grupo de pressão, iniciando e envolvendo outros Surdos em campanhas, geralmente focada em

<sup>16</sup> Sinal do nome “Jesus” em BSL (British Sign Language) presente no dicionário de BSL disponível em: <<https://www.signbsl.com/sign/jesus>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

<sup>17</sup> Tradução livre do autor a partir de informações em: <<http://www.bris.ac.uk/Depts/DeafStudiesTeaching/dis/dis7.htm>> Acesso em: 31 out. 2017. Acesso em: 31 out. 2017.

questões de linguagem gestual e envolvimento Surdo em decisões que afetam os Surdos. Em uma carta aos professores, escrita em 1976, Ladd diz:

Poucos de vocês parecem entender as tensões da leitura de lábios usadas por si só. Por um longo período, é chato, como se vocês mesmos tivessem que ouvir um resmungo monótono o tempo todo.... Com o uso do sistema oral somente você está matando e empobrecendo o mundo Surdo. Isso não significa que os Surdos mais jovens se integrem aos mundos auditivos. Não; Isso significa que eles chegam a nós emocional e socialmente retardados, sem oferecer aos Surdos mais velhos ideias novas, nem mesmo a capacidade de aceitar responsabilidade. A maior desvantagem do sistema oral é que ele cria em nossa linguagem, o Processo de Dummificação [sic] (LADD, 1976, 2ª carta aos Professores) [Tradução do autor]<sup>18</sup>.

Era um período com poucos Surdos nas escolas e a *NUD* fazia críticas à exclusão dos Surdos, falava sobre seus direitos, questionava professores e as próprias organizações e associações de Surdos formadas por grupos elitizados. Apesar de ter sido um momento importante e poderoso na organização de trabalhadores e de mudança das concepções em relação aos Surdos, a *NUD* (e Ladd) fez muitos inimigos. Ladd destaca a importância da *NUD* para o fortalecimento dos Surdos como movimento social e sua inserção no campo das lutas pós-coloniais:

Um movimento subalterno Surdo o primeiro all-Deaf-run ("todos Surdos funcionam") grupo de pressão visto no Reino Unido, a União Nacional dos Surdos (*NUD*), foi formada em 1976. Ao contrário do *BDA*, a corrida por uma combinação de missionários ouvintes e Surdos da elite, o *NUD* foi fundamentalmente um movimento subalterno informado por ativistas familiar com os desenvolvimentos de consciência "pós-coloniais" e negros da década de 1960. Seus sucessos não só puseram em causa a adequação de ouvinte, o controle das pessoas sobre os Surdos, mas questionaram a questão da adequação dos líderes Surdos que se contentaram em operar sob tais sistemas (*NUD*, 1977) (LADD, 1998, p.35) [Tradução do autor]<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> *Few of you seem to understand the strains of lip-reading used on its own, Over a long period it is boring as if you yourselves had to listen to a monotonous mumble all the time... By the use of the oral-only system you are killing and impoverishing the deaf world. This does not mean that the younger deaf are joining the hearing worlds. No; it means that they come to us emotionally and socially retarded, offering older deaf no new ideas nor even the ability to accept responsibility. The greatest disadvantage of the oral system is that it creates in our language, the Dummification Process - Ladd, 1976, 2nd letter to Teachers. (<http://www.bris.ac.uk/Depts/DeafStudiesTeaching/dis/dis7.htm>)*

<sup>19</sup> *The first all-Deaf-run pressure group seen in the UK, the National Union of the Deaf (NUD), was formed in 1976. Unlike the BDA, then run by a combination of hearing missionaries and Deaf elite, the NUD was fundamentally a subaltern movement informed by activists familiar with 'post-colonial' and Black Consciousness developments from the 1960s. Its successes not only brought into question the appropriateness of hearing people's control of Deaf affairs, but questioned the suitability of Deaf leaders who were content to operate under such systems (NUD, 1977). (LADD, 1998, p. 35).*

Paddy Ladd também trabalhou na rede de televisão britânica BBC<sup>20</sup>, na década de 1980, sendo o primeiro apresentador de TV Surdo, criador do pioneiro vídeo “pop” em língua de sinais. Dentre outros trabalhos de destaque, Ladd criou o primeiro curso de mestrado em Cultura Surda e traduziu músicas em um show do cantor Bob Dylan, nos Estados Unidos, o que lhe trouxe muita notoriedade. Recebeu um prêmio em homenagem pelo reconhecimento como pesquisador dos Estudos Surdos, no XV Congresso Mundial de Surdos (*World Federation of the Deaf*)<sup>21</sup>, em 2001.

A primeira e mais completa obra de Paddy Ladd é sua tese de doutorado, concluída em dezembro de 1998, na faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, no Departamento de Estudos Surdos da Universidade de Bristol. O título da tese é *“In Search of Deafhood: Towards an Understanding of British Deaf Culture”* (Em busca da *Deafhood*: Em direção a um entendimento da Cultura Surda Britânica) [tradução minha] e apresentou os objetivos de:

[i] entender a relevância cultural de agrupamentos sociais dentro da comunidade Surda britânica; [ii] descobrir quais as diferenças que uma mudança histórica pode fazer na conceitualização da cultura; [iii] entender o papel de disposições e estratégias individuais dentro da cultura e [iv] manter-me ligado a qualquer variável significativa que possa requerer investigação (LADD, 1998, p. 9) [Tradução do autor]<sup>22</sup>.

Em efetiva interação em clubes de Surdos e escolas residenciais, Ladd apresenta os primeiros dados de pesquisas que caracteriza o sistema da cultura Surda britânica:

Sendo este o primeiro estudo do Reino União da Cultura Surda, preocupa-se em buscar hipóteses com a capacidade de generalização máxima. Assim, os capítulos de dados priorizam a identificação de uma série de dimensões dentro da cultura que podem formar a base dessas hipóteses (LADD, 1998, p. 25-26). [Tradução do autor]<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> Informação pelo jornal eletrônico de inglês em *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/society/2003/mar/19/guardiansocietysupplement5>>. Acesso em: 31 out. 2017.

<sup>21</sup> Mais informações sobre disponível em <<https://wfdeaf.org/>>. Acesso em: 31 out. 2017

<sup>22</sup> *To understand the cultural relevance of social groupings within British Deaf culture (ii) To ascertain what differences historical change might make in conceptualizing that culture. (iii) To understand the role of individual dispositions and strategies within the culture (iv) To remain aware of any significant variables which might require pursuing.* (LADD, 1998, p. 9)

<sup>23</sup> *This being the first study of UK Deaf Culture, it is concerned to seek hypotheses with the capability of maximal generalisability. Thus the data chapters prioritise the identification of a series of dimensions within the culture which can form the basis of those hypotheses* (LADD, 1998, p. 25-26).



Apresento no quadro 2, os temas tratados em cada capítulo da tese, mantendo o original com tradução própria, entre parênteses:

QUADRO 2 - SUMÁRIO DA TESE DE DOUTORADO DE PADDY LADD

Capítulos	Seções
<b>1 – Introduction</b> Introdução	1.1 <i>Situating Myself within the Study</i> (Situando-me dentro do estudo) 1.2 <i>Critical Ethnography</i> (Etnografia crítica) 1.3 <i>Subaltern-Researcher Status and Implications</i> (Investigador Subaltern: status e implicações) 1.4 <i>First Stage of the Study</i> (Primeira etapa do estudo) 1.5 <i>Second Stage Strategies</i> (Estratégias do segundo estágio) 1.6 <i>Additional Strategies</i> (Estratégias adicionais) 1.7 <i>Third Stage Strategies</i> (Estratégias de terceiro estágio) 1.8 <i>Additional Issues</i> (Problemas adicionais) 1.9 <i>Structure of this Thesis</i> (Estrutura desta Tese)
<b>2 Deaf Culture?</b> Cultura Surda?	2.1 <i>Two Perspectives and Models of Deaf Communities</i> (Duas Perspectivas e Modelos de Comunidades Surdas) 2.2 <i>Difficulties in Validating Deaf Culture</i> (Dificuldades em validar a cultura Surda) 2.3 <i>Identifying the Deaf Subaltern</i> (Identificando o subalterno Surdo) 2.4 <i>Situating Myself as Deaf Subaltern-Researcher</i> (Situando-me como subalterno-pesquisador Surdo ) 2.5 <i>Limitations of Present Studies of Culture</i> (Limitações dos estudos atuais de cultura)
<b>3 Culture – Definitions and Theories</b> Cultura - Definições e teorias	3.1 <i>Deaf Collective Life and Cultural Definitions</i> (Definições coletivas de vida e Cultura Surda) 3.2 <i>Traditional Theories of Culture</i> (Teorias Tradicionais da Cultura) 3.3 <i>Anthropological Traditions</i> (Tradições antropológicas) 3.4 <i>Cultural Studies</i> (Estudos Culturais) 3.5 <i>Post-Modernism and Other Recent Theories</i> (Pós-modernismo e outras teorias recentes ) 3.6 <i>Sub-Cultural Theories</i> (Teorias subculturais) 3.7 <i>Bi-cultural Theories</i> (Teorias bi-culturais) 3.8 <i>Summary and Conclusions</i> (Sumário e conclusões)
<b>4 Deaf Culture: Discourses and Definitions</b> Cultura Surda: Discursos e Definições –	4.1 <i>Terminological Overview</i> (Visão geral terminológica) 4.2 <i>English-Generated Definitions</i> (Definições geradas em inglês) 4.3 <i>Sign-Language-Generated Definitions</i> (Definições geradas por sinais estabelecidos) 4.4 <i>Academic Perspectives on Deaf Culture</i> (Perspectivas acadêmicas sobre cultura Surda) 4.5 <i>Deaf Culture Contested</i> (Cultura de Surda atestada) 4.6 <i>Re-evaluating Problematic Aspects of Deaf Culture</i> (Reavaliação de aspectos problemáticos da cultura Surda ) 4.7 <i>Summarising the Review</i> (Resumindo a revisão) 4.8 <i>Theoretical Grounding for this Study</i> (Aterragem teórica para este estudo)
<b>5 The Roots of Deaf Culture: Part One – The Residential School Experience</b> As raízes da Cultura Surda: Primeira parte – A experiência da Escola Residencial	5.1 <i>The Significance of Deaf Residential Schools</i> (O significado das residenciais escolas dos Surdos) 5.2 <i>Life under Oralism</i> (Vida sob o Oralismo) 5.3 <i>Creating a Positive Deaf Experience</i> (Criando uma Experiência Surda Positiva) 5.4 <i>Access to Deaf Traditions and a “Historical Self”</i> (Acesso a Tradições Surdas e um "eu histórico") 5.5 <i>Other Deafness / Deafhood Contestations</i> (Outros Contestamentos de Surdez / Deafhood)



	5.6 <i>Other Positive Effects of Oralism</i> (Outros Efeitos Positivos do Oralismo) 5.7 <i>Negative Effects of Oralism on Deaf Culture</i> (Efeitos Negativos do Oralismo na Cultura Surda) 5.8 <i>Chapter Summary and Implications</i> (Resumo do capítulo e implicações)
<b>6 The Roots of Deaf Culture: Two – Deaf Clubs and Deaf Subalterns</b> As raízes da Cultura Surda: Segunda - clubes Surdos e subalternos Surdos	6.1 <i>The Missionary Tradition</i> (A Tradição Missionária) 6.2 <i>“Class” Differences in Deaf Society</i> (Diferenças de “classe” na sociedade de Surdos) 6.3 <i>Inter-Group Characteristics</i> (Características Inter-Grupo) 6.4 <i>“Middle-Class” Attitudes</i> (Atitudes de “classe média”) 6.5 <i>Working-Class” Attitudes</i> (Atitudes de “classe trabalhadora”) 6.6 <i>Cultural Unity</i> (Unidade Cultural) 6.7 <i>Chapter Summary and Key Points</i> (Resumo do capítulo e pontos-chave)
<b>7 Subaltern Rebels and Deafhood – The National Dimension</b> Rebeldes Subalternos e Deafhood - A Dimensão Nacional	7.1 <i>Deafhood and Learning From Eldes</i> (Deafhood e aprendendo com idosos) 7.2 <i>Rebels and Reprisals</i> (Rebeldes e Reprisals) 7.3 <i>Subaltern Rebels and “Deaf Pub Culture”</i> (Rebeldes Subalternos e “Cultura Surda de Bar”) 7.4 <i>Middle-Class” Deaf, Deafness and Deafhood - the national Picture</i> (“Surdo, Surdez e Deafhood” de classe média - a imagem nacional) 7.5 <i>The Contemporary BDA and Deafhood Issues</i> (As questões contemporâneas BDA e Deafhood) 7.6 <i>Summary and Key Points of Data Chapters</i> (Resumo e Pontos-chave de Capítulos de Dados)
<b>8 Conclusions and Implications</b> Conclusões e Implicações	8.1 <i>Validation of Deaf Culture Concept</i> (Validação do conceito de Cultura Surda) 8.2 <i>Implications of Validation</i> (Implicações de Validação) 8.3 <i>Implications for Deaf Cultural Theory</i> (Implicações para a Teoria Cultural Surda) 8.4 <i>Deafhood and Deaf Cultural Theory</i> (Teoria cultural da Surda e do Deafhood) 8.5 <i>Implications for Wider Cultural Theory</i> (Implicações para uma teoria cultural mais ampla) 8.6 <i>The “Structure of Feeling” of Deaf and Minority Cultures</i> (A “Estrutura do Sentimento” de Culturas Minoritárias do Surdo) 8.7 <i>Methodological Conclusions and Implications</i> (Conclusões e Implicações Metodológicas) 8.8 <i>Summary – Additional Directions For Further Research.</i> (Resumo - Instruções adicionais para pesquisa adicional.)

Fonte: Dados e tradução do Autor (2017)

Como pode se observar na estrutura, foi um trabalho grandioso para afirmar o valor da cultura Surda, a importância da existência das comunidades Surdas e apontar diretrizes para a ação política dos Surdos nas escolas e na sociedade em geral. Paddy Ladd dialoga com a Antropologia Crítica, Estudos Culturais e outras teorias pós-estruturalistas para refazer a história do povo Surdo, denunciar a opressão do Oralismo e suas implicações para a vida social dos Surdos.

No desenvolvimento metodológico da pesquisa da cultura Surda britânica, frequenta clubes e associações/grupos políticos, percebendo as muitas diferenças

internas à comunidade Surda entre os grupos que também transformaram a percepção de seu lugar na comunidade; aponta as dificuldades de conciliar a vida de pesquisador e liderança política, durante o doutorado:

[...] o meu envolvimento no clube Surdo local, visitei regularmente o clube nas noites de quarta-feira, noite da velhice. Aqui, minha abordagem diferia de muitos antropólogos, pois não estava totalmente imerso em uma única comunidade. Os motivos para isso são de interesse. Uma delas é que as limitações de conduzir um doutorado não permitem a mesma intensidade de imersão. A segunda diz respeito ao meu lugar na comunidade Surda mais amplo, onde havia grandes exigências feitas sobre o meu tempo como um entre muito poucos ativistas nacionais, o que afetou negativamente a energia disponível para o envolvimento local. (LADD, 1998, p. 10) [Tradução do autor]<sup>24</sup>

A sua imersão na comunidade Surda permitiu observar seu movimento interno, as suas diferenças geracionais, linguísticas, culturais, a influência da classe social, da religião e sua associação com outros traços como a raça, a imigração. Essa riqueza de diversidade na experiência histórica na comunidade Surda, entretanto, tinha um elemento comum: todos foram colonizados pelo Oralismo e narravam a experiência de forma diversa:

Tendo crescido isoladamente de outras pessoas Surdas, achei um imenso desafio pessoal para confortar e derramar aspectos do meu condicionamento oralista pessoal, mesmo que eu intelectualmente rejeitei sua razão de ser. No entanto, por perseverança e comprovada comprovação, cheguei gradualmente a ser aceito por pessoas Surdas e, simultaneamente, comecei a aceitar a sua visão de mundo e história muito diferentes, passando de "Surdo" (isto é, a condição de situar a minha visão de mundo em torno das perspectivas audiológicas) a "Surdo" (situando-o em torno de perspectivas culturais e linguísticas) durante esse processo (LADD, 1998, p.2) [Tradução do autor]<sup>25</sup>.

Dessa experiência antropológica surge a necessidade de pensar uma epistemologia Surda, onde os conceitos de cultura e comunidade Surda têm destaque

---

<sup>24</sup> [...] my involvement in the local Deaf club, I regularly visited the old people's Wednesday afternoon club, and the all-age open evening that night. Here my approach differed from many anthropologists, for I was not totally immersed in one single community. The reasons for this are of interest. One is that the limitations of conducting a PhD do not allow the same intensity of immersion. The second concerns my place in the wider Deaf community, where there were heavy demands made upon my time as one among very few national activists, which negatively affected the energy available for local involvement. (LADD, 1998, p. 10).

<sup>25</sup> Having grown up in isolation from other Deaf people, I found it an immense personal challenge to confort and shed aspects of my personal Oralist conditioning, even as I intellectually rejected its *raison d'être*. However by perseverance and proven commitment, I came to gradually be accepted by Deaf people, and simultaneously began to accept their very different worldview and history, thus moving from 'deaf' (i.e. the condition of situating my world-view around audiological perspectives) to 'Deaf' (situating it around cultural and linguistic perspectives) during that process (LADD, 1998, p. 2).

e levam ao desenvolvimento de “*Deafhood*” que envolve outras categorias de análise como “leigo”, “investigador subalterno”, “classe média”, “colonização”, entre outras definições que buscam conhecer as raízes históricas que formavam a cultura Surda britânica.

O conceito mais importante, que aparece no título de várias seções é “subalterno”, a visão do próprio sujeito que na condição subalterna (em relação ao colonialismo ouvinte) produz um dizer sobre si.

Atingido esse ponto, introduzirei então o conceito de “subalterno” no sentido de enquadrar as mudanças na estrutura dos discursos que ocorreram nos últimos 250 anos, e para identificar quem serão os subalternos Surdos. Estas posições observam-se então as barreiras com que as comunidades Surdas se deparam na conquista do reconhecimento acadêmico e da aceitação dos discursos dos seus subalternos Surdos. (LADD, 2013, p.12).

A tese transformou-se em livros, capítulos de livros e outras publicações de grande circulação, contribuindo para o debate da epistemologia Surda em uma base linguístico-cultural. Infelizmente, a maioria dessa produção é veiculada no original, em inglês. Quando uso o termo “infelizmente”, me refiro ao fato da falta de acessibilidade que esses textos geram para muitos Surdos brasileiros que lutam por um processo de letramento em sua língua nacional e não teriam acesso a um texto em língua estrangeira.

Também para mim como pesquisador bilíngue em Libras e português, foi um grande desafio me deparar com textos em inglês, uma terceira língua no meu universo de bilinguismo, ainda em processo de aprendizagem. Utilizei ferramentas básicas como o *Google Translate* nas leituras iniciais e, para ter uma tradução mais precisa, recorri à ajuda de muitos amigos dispostos a me apoiar. Esses amigos, fluentes em inglês, faziam uma tradução livre de trechos do original em que eu tinha dúvida, ou não estavam suficientemente claros na tradução do Google. Alguns amigos colaboraram fazendo a correção de frases e expressões do texto em inglês, quando solicitados. Nos textos em espanhol, tive mais facilidade por ser uma língua mais próxima ao português. Desse modo, tomei a decisão de apresentar uma tradução livre das obras que li, mesmo correndo o risco de algumas falhas e imprecisões. É o primeiro passo para tornar acessível essas publicações da epistemologia Surda a outros pares Surdos e ouvintes brasileiros.

No Quadro 3, apresento os dez (10) textos que selecionei para estudo neste trabalho, principalmente pelo fato de tratarem mais especificamente do conceito de

*Deafhood*, todos em língua estrangeira, inglês ou espanhol, escritos por Ladd sozinho ou em coautoria.

QUADRO 3 - LEVANTAMENTO DE OBRAS DE PADDY LADD

Nº	Títulos <sup>26</sup>	Gênero	Idioma	ANO/AUTORIA
1	<i>In Search of Deafhood: Towards an Understanding of British Deaf Culture.</i> Em busca da <i>Deafhood</i> : Em direção a um entendimento da Cultura Surda Britânica.	Tese	Inglês	1998 LADD, Paddy
2	<i>Colonialism and Resistance: A Brief History of Deafhood.</i> Colonialismo e resistência: uma breve história de <i>Deafhood</i> .	Artigo	Inglês	2002 LADD, Paddy
3	<i>Understanding Deaf Culture – In Search of Deafhood</i> Entendendo Cultura Surda – em busca de <i>Deafhood</i> .	Livro	Inglês	2003 LADD, Paddy
4	<i>Deaf Communities</i> Comunidades Surdas	Artigo	Inglês	2003. WOLL, Bencie; LADD, Paddy
6	<i>Golpes contra el imperio – Culturas Sordas y Educacion de Sordos. Usou?</i> Ataques contra o imperio- Culturas Surdas e Educação de Surdos.	Artigo	Espanhol	2005 LADD, Paddy
7	<i>Deafhood: A concept stressing possibilities, not deficits.</i> <i>Deafhood</i> : Um conceito que enfatiza possibilidades, não déficits.	Artigo	Inglês	2005 LADD, Paddy
8	Em busca da Surdidade 1 – Colonização dos Surdos.	Livro	Língua Portuguesa	2013 LADD, Paddy
9	<i>Deaf Ethnicity, Deafhood, and Their Relationship.</i> Etnicidade Surda, <i>Deafhood</i> , e seu relacionamento.	Artigo	Inglês	2013 LADD, Paddy; LANE, Harlan.

Fonte: Autor (2017)

Paddy Ladd não é apenas um pesquisador, mas uma liderança política de grande relevância para compreender melhor o sentido coletivo da humanidade Surda. Sua experiência “de pele” Surda lhe possibilitou uma luta política durante o percurso acadêmico de construção como investigador subalterno comprometido com a organização e consciência social dos Surdos contra a dominação e o colonialismo. Nesse sentido os convido para iniciarmos a nossa jornada de investigação, de forma mais específica, na compreensão *Deafhood*:

<sup>26</sup> Todos os títulos foram traduzidos pelo autor.

A partir de então, práticas registradas e reconhecidas ganharão força e criarão um discurso novo, colaborando para que sejam dados os primeiros passos em direção à descolonização da educação Surda (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 305).

## 2.1 DEAFHOOD: UM CONCEITO EM INVESTIGAÇÃO

*Deafhood é uma jornada em que cada Surdo compromete-se a descobrir sua verdadeira identidade e propósito aqui na Terra como um Surdo.  
Paulo Searce (Artista-Surdo Americano)*

Meu primeiro contato com o Paddy Ladd e conceito de *Deafhood* foi durante a minha graduação, enquanto eu começava a organizar a revisão de literatura para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), exigência para a graduação em Pedagogia. Durante a etapa de leitura para o TCC, entrei em contato com as produções de alguns intelectuais Surdos como Gladis Perlin e Karin Strobel que desenvolviam suas pesquisas em temáticas como identidade Surda, Ser Surdo e cultura Surda. Nessa ocasião, estive em um evento acadêmico em comemoração ao Dia Nacional dos Surdos, ocorrido na Universidade Estadual de Campinas, que comemorava o “Setembro Azul”.

Este evento tem esse nome porque setembro é o mês mundial comemorativo das lutas e dos movimentos Surdos. Já o Azul é a cor que simboliza a resistência Surda, de acordo com o relato da militante Surda finlandesa Lisa Kaupinnenleva, participante da pesquisa de doutorado de Ladd<sup>27</sup>

Essas experiências e crenças estão contidas fortemente no símbolo da fita azul-turquesa, que representa a memória de todos aqueles que têm sofrido opressão. E azul-turquesa foi a cor dada para as pessoas Surdas pelos nazistas. [...] Usar a fita azul-turquesa não é apenas se empenhar em manter viva a memória de todos aqueles que sofreram opressão, mas é estar comprometido com a causa de todos aqueles que ainda estão sofrendo opressão em nossos dias. E isto é se obrigar a se comprometer a lutar para terminar esta opressão agora, a favor de todos os Surdos do mundo e daquelas crianças Surdas que ainda estão para nascer (LADD, 2003, p. 470-471). [Tradução do autor]<sup>28</sup>.

27 Lisa Kaupinnenleva disponível em: <https://wfdeaf.org/news/former-wfd-president-liisa-kauppinen-receives-2013-united-nations-human-rights-award-prize-2/>. Acesso em: 31 out. 2017.

28 *These experiences and beliefs have come together in the symbol of the Blue Ribbon. The ribbon represents remembrance of those who have suffered oppression. And blue was the colour given to Deaf people by the Nazis. We encourage you all to bear the ribbon home to spread its message around the world, in your own ways, in your own clubs, in your own schools. Take this message to the hearing media that it may spread more rapidly. To wear the blue ribbon is to pledge yourselves not only to the memory of those who suffered, but to those who are still suffering today. And it is to pledge to yourselves*

Setembro, no contexto brasileiro, também remete ao mês de criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), a primeira escola para Surdos no Brasil, fundada em 1857, durante o período Imperial por D. Pedro II. Na data da fundação, 26 de setembro, nacionalmente, se comemora o dia do Surdo.

Durante o evento cada participante recebeu uma fita em cor azul turquesa em um formato que lembra uma letra “e” cursiva minúscula, acompanhada de uma pequena explicação escrita sobre o seu significado, que simbolizava as vítimas do Nazismo, durante a Segunda Guerra Mundial, entre elas as pessoas Surdas, conforme podemos ver na figura 2, no vídeo em que o militante Surdo convida para participar do Setembro Azul.

FIGURA 2 - FITA AZUL TURQUESA



SER SURDO - SETEMBRO AZUL

Fonte: Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=HUNZ\\_xgjl34](https://www.youtube.com/watch?v=HUNZ_xgjl34)>

Em posse dessas informações mínimas e de minha grande curiosidade pelo tema, em 2015 parti em busca de mais informações sobre o autor e descobri que existia um livro “Em busca da Surdidade I: Colonização dos Surdos”, publicado em Portugal, em 2014. Comprei o livro e iniciei o estudo sobre o conceito de *Deafhood* e outras reflexões propostas por Ladd, agora tema de minha pesquisa de mestrado. Depois, vim a ter conhecimento que o livro era uma tradução resumida de “*Understanding Deaf Culture – In Search of Deafhood*”, publicado em 2003, em língua inglesa.

Essa publicação foi a primeira obra original de Paddy Ladd que me chegou às mãos. Mesmo sem ter conhecimento de inglês, que seria minha terceira língua, fiquei maravilhado com as ideias que eu podia compreender na leitura solitária auxiliada

---

*to fight to and the oppression now, for all the world's Deaf children and the others still to come* (LADD, 2003, p. 470-471).



pelo Google Tradutor e também pela ajuda de amigos fluentes em inglês que me esclareceriam alguns trechos mais difíceis.

No capítulo inicial desse livro ele “desenha” com palavras uma metáfora que toca o coração das pessoas Surdas. Com o título em inglês *“Inside the Museums, Deafness Goes on Trial”* (Dentro de um museu a surdez vai a julgamento), Ladd pede aos seus leitores o esforço do pensamento visual: que se coloquem em frente a um prédio em cuja entrada, pendurado por cima da porta, há um letreiro onde se lê “SURDEZ”. Entramos no prédio com ele e nos deparamos com uma sala onde estão espalhados por todos os cantos e paredes, objetos ligados à opressão oralista: aparelhos de surdez de todas as épocas, modelos e tamanhos, até pinturas representando um futuro no qual a manipulação genética, altamente evoluída, seria capaz de recriar a audição.

No fundo dessa sala há uma parede, atrás da qual os Surdos e os seus amigos têm disputado com os curadores do museu outra epistemologia da surdez. Ladd nos dá a certeza de que atrás da parede existe outra sala com objetos, pinturas, fotografias, enfim, todo o tipo de artefatos culturais que retratam uma realidade que se opõe àquela da sala da surdez audiológica e do corpo Surdo a ser normalizado.

A tarefa a que Ladd se propõe é materializar uma porta naquela parede, que nos permita entrar na sala, até então desconhecida e fechada, e nela explorar estes novos artefatos e sua simbologia, e, quem sabe, até, reorganizar a sua mobília, recriando a narrativa histórica da surdez e dos Surdos.

Como Paddy Ladd, também me proponho a encontrar está porta e a buscar a contribuição de autores que se propõem a mesma árdua tarefa neste trabalho de pesquisa.

O conceito de *Deafhood* é apresentado no glossário da edição lusitana do livro *“Surdidade”*, “Em busca da Surdidade I – Colonização dos Surdos”, como segue:

Este termo foi desenvolvido em 1990 pelo presente autor, a fim de iniciar o processo de definição do estado existencial dos Surdos como “ser-no-mundo”. Até agora, o termo médico “surdez” foi usado para englobar essa experiência dentro da categoria mais ampla de “deficiente auditivo”, a grande maioria dos quais eram pessoas idosas “com problemas de audição”, de modo a tornar invisível a verdadeira natureza da existência coletiva Surda. A **Surdidade** não é vista como um estado finito, mas como um processo através do qual os indivíduos Surdos chegam a efetivar sua identidade Surda, postulando que aqueles indivíduos e princípios ordenados de maneiras diferentes, que são afetados por diversos fatores, como nação, era e classe. (LADD, 2013, p. xiv-xv) [grifo meu]



Como apresenta Ladd, o *Deafhood* pode ser inicialmente entendido como um processo que possibilita a descolonização do corpo Surdo, permitindo a tomada de consciência do longo do processo histórico de opressão e colonização que muitos Surdos viveram e a descoberta de uma nova identidade cultural.

A palavra *Deafness*, surdez em inglês, tem o sufixo “ness” que remete a uma condição fixa da surdez. Já o sufixo *hood*, em *Deafhood*, aponta para um estado do “Ser”, dinâmico e transitório. *Childhood*, por exemplo, é infância, um estado transitório de uma fase da vida. *Childness*, por sua vez, é criancice, condição permanente da criança. Assim *brotherness* é a condição de ter irmãos de sangue, podendo significar também fraternidade, e *brotherhood* é a irmandade no sentido volitivo, de irmãos em ideias.

Assim explica Ladd:

É por esta razão que desenvolvi o termo “Deafhood”, que segue os princípios linguísticos de encapsular o *ding* e *sich* encontrados em outros domínios como “childhood” (“infância”), “womanhood” (“caráter feminino” ou “situação de mulher”) e assim por diante. Estou ciente das críticas ao essencialismo que podem ser direcionadas a esse termo (eg Gilroy, 1993b) em outros campos, mas concordo com as observações de Spivak (1990) sobre a necessidade de “essencialismo estratégico”, especialmente em um estudo preliminar como este (LADD, 1998, p. 44-45) [Tradução do autor]<sup>29</sup>.

Embora eu reconheça a importante contribuição da tradução da obra de Paddy Ladd, em Portugal, do termo *Deafhood*/Surdidade para a língua portuguesa, nesta dissertação vou utilizar o termo no original inglês. Meu objetivo não é negar a tradução lusitana, mas buscar ir revelando o conceito nos estudos originais do autor, da mesma forma como ele narra esse processo de ir ressignificando o termo, com o passar do tempo:

A palavra de *Deafhood* veio em mim em torno de 1993, tenho certeza que foi a vida e o trabalho de alguém como Dorothy Miles, que inspirou. Mas levou alguns anos para perceber que era algo, uma ferramenta conceitual, ainda mais poderosa do que eu imaginava. Seus múltiplos níveis de significado

---

<sup>29</sup> It is for this reason that I developed the term 'Deafhood', which follows the linguistic principles of encapsulating the *ding* and *sich* found in such other domains as 'childhood', 'womanhood', and so on. I am aware of criticisms of essentialism which might be directed at such a term, (e.g. Gilroy, 1993b) in other fields, but concur with Spivak's (1990) observations of the need for 'strategic essentialism', especially in a preliminary study such as this (LADD, 1998, p. 44-45).

tornaram-se cada vez mais claros à medida que o tempo passava (LADD, 2006, s.p) [Tradução do autor]<sup>30</sup>.

Ele cita Dorothy Miles (1931-1993), Surda britânica, considerada pioneira da poesia em *BSL*, além de dramaturga, performer, acadêmica e ativista<sup>31</sup>, como sua principal referência nas reflexões sobre *Deafhood*, pelas lutas em defesa do povo Surdo do Reino Unido e da Inglaterra.

FIGURA 3 - DOROTHY 'DOT' MILES



Fonte: Disponível em: <<https://bda.org.uk/remembering-dot-miles-25th-anniversary/>>

Ladd relata que sua convivência com Dorothy Miles, e outros Surdos apresentados por ela, fez com que o conceito de *Deafhood* ganhasse mais fundamento. Dot foi uma das participantes da pesquisa de doutorado de Ladd e, com sua grande experiência e contato com a comunidade Surda, fazia análises dos modos de vida e jeitos de ser dos Surdos, chamando a atenção, por exemplo, para diferenças culturais e de classe entre os Surdos que frequentavam as igrejas e clubes de Surdos.

Ela explicava que a comunidade Surda podia ser caracterizada em dois grupos: os Surdos “superiores”, da elite (uma minoria) e os Surdos “inferiores” (a maioria dos Surdos). Paddy Ladd aprofundou essa discussão e fez uma análise teórica materialista das diferenças entre esses dois grupos, usando a terminologia marxista: classe média (*middle class*) e classe trabalhadora (*working class*).

---

<sup>30</sup> *The word ‘Deafhood’ came to me around 1993, and I am sure that it was the life and work of someone like Dorothy Miles who inspired it. But it took the next few years to realise that this was something, a conceptual tool, even more powerful than I had imagined. Its multiple levels of meaning became increasingly clear as time wore on* (LADD, 2006, s.p).

<sup>31</sup> Dia 30 de janeiro de 2018, divulgada de BDA para honorabilidade da Dot pelas informações de história do resumo da vida e o vídeo, onde buscamos da foto, disponível: <<https://bda.org.uk/remembering-dot-miles-25th-anniversary/>>. Acesso em 5 de fev de 2018.

As diferenças narradas na pesquisa envolviam o estilo de roupas, o comportamento, o uso de registros mais formais da BSL e o domínio do inglês falado e escrito de forma predominante nos Surdos que pertenciam a classe média e mais próxima a cultura ouvinte. Já os Surdos da classe trabalhadora, tinham um comportamento social mais “livre” de regras sociais, pela falta de acesso à cultura letrada. Isso tornava seu jeito de sinalizar a BSL muito mais informal e sua cultura qualitativamente diferente.

A pesquisa de Paddy Ladd abarca uma gama significativa de categorias conceituais que buscam propor uma epistemologia Surda, a partir de um campo teórico investigativo que dê protagonismo à mentalidade Surda e sua história de resistência.

Sua primeira denúncia é a influência predominante do modelo clínico-terapêutico na vida e educação de Surdos, que registra um processo histórico narrado pela perspectiva e pelo discurso da surdez (*deafness*). Como menciona Ladd (2003), por mais de um século o povo Surdo foi oprimido linguisticamente. No contexto brasileiro por um longo tempo fomos impedidos não só de aprender a Libras como língua materna, mas também de aprender a escrita da língua portuguesa como segunda língua. Esta opressão ouvintista durante anos lançou olhares apenas sobre nossas “orelhas” e negou incessantemente nossos corpos como artefatos culturais. Esta opressão a qual me refiro diz respeito a uma colonização para normalizar os corpos Surdos, ou seja, tomar o corpo dos sujeitos ouvintes como a norma a ser imitada.

Segundo Skliar (1998), o ouvintismo supõe representações, práticas de significação, dispositivos pedagógicos, em que os Surdos são vistos como sujeitos inferiores, primitivos e incompletos. Toda essa opressão de tentar fazer Surdos se comportar e aprender como se fossem ouvintes apagaram nossas histórias vivenciadas pelo povo Surdo impedindo-nos de ingressar na jornada do *Deafhood*, como vemos em Ladd, a seguir:

Se somos capazes de ouvir as suas histórias culturais, [...] Assim pode mesmo provar-se ser o caso que ao proceder a esta jornada para a compreensão da cultura Surda, podemos na realidade estar a embarcar num percurso para a compreensão – de nós próprios. Então em respeito a isto, a jornada na busca dos significados de Surdidade poderá mesmo constituir a fronteira final da humanidade (LADD, 2013, p. 10).

O que Ladd propõe é uma subversão teórica, ao propor esse conceito guarda-chuva que nos desafia a reflexão sobre várias questões envolvendo as relações de poder entre Surdos e ouvintes como “leigo”, “alienado”, “surdez”, “cultura Surda”, “modelo linguístico-cultural”, “modelo clínico-terapêutico”, “colonialismo”, “subalterno Surdo”, “pesquisador subalterno Surdo”, “Classe Social”, entre outros, que podemos observar na Figura 4 .

FIGURA 4 – *DEAFHOOD* E SEUS DESDOBRAMENTOS



Fonte: Modelo idealizado pelo autor e orientadora (2017)  
Criação Artista-Illustrador não Surdo Marcelo Franco de Souza

O modelo clínico-terapêutico designou os Surdos na categoria da deficiência, juntos com outras pessoas com deficiência visual, física, mental, intelectual. O enfrentamento a essa categorização requer a disputa de outro modelo que explique o coletivo de pessoas Surdas como minoria linguística e cultural, que distancia qualitativamente a vida cultural dos Surdos, em comparação com as de pessoas com deficiências.

O modelo cultural e linguístico que Ladd (2003) propõe esclarece que a experiência Surda seja entendida, não apenas como uma experiência cultural, mas

que suas lutas sejam aproximadas de outros grupos que sofrem opressões e lutam pela descolonização, como é o caso de mulheres e negros, por exemplo.

A descolonização é para onde Ladd direciona seus esforços, explicando a flexibilidade desse conceito em transformação mediante aos processos históricos pelos quais passam os Surdos. A denúncia do Oralismo, do Congresso de Milão e seus efeitos sobre a vida dos Surdos precisam ser sempre lembrados.

O autor narra experiências da hegemonia dos ouvintes e suas práticas ouvintistas e demonstra que a criação de um novo “termo” para se contrapor à surdez é também uma arma de combate e de resistência.

A partir de sua experiência vivida na oralização até a idade adulta, quando descobriu a cultura Surda, ele aponta a necessidade de pesquisar e registrar as lutas e resistências dos Surdos e não-Surdos, a quem ele denomina “aliados”, nessa batalha simbólica.

É importante perceber que não se trata de um conceito monolítico. (LADD, 2013, p. 34) *Deafhood* é a expressão da própria experiência, vivência e denúncia da colonização e descolonização vivenciada pelos Surdos em diferentes contextos nos ambientes sociais e sempre em movimento.

Os subalternos Surdos indicaram o desejo de não serem restringidos pelos parâmetros do tropo de "surdez". No entanto, como vimos, tem havido pouco espaço conceitual disponível para criar termos para o próprio autoconceito alternativo. O desenvolvimento do termo *Deafhood*, no entanto, oferece um espaço dentro do qual as crenças e valores culturais Surdos podem ser articulados, coletados e examinados. Não é apenas este importante por direito próprio, mas também representa uma positividade de contrabalanceamento para a atmosfera negativa existente nos domínios do patológico e do bem-estar social (LADD, 1998, p. 221) [Tradução do autor]<sup>32</sup>.

Os discursos de surdez das práticas ouvintistas se valem da prática do Oralismo, ainda hoje, justificando a política de que o bem-estar e socialização dos Surdos depende do aprendizado da comunicação oral, cujas raízes do ouvintismo e da colonização, se fortalecem em diferentes setores sociais, desde o Congresso de Milão, em 1880:

---

<sup>32</sup> *Deaf subaltern have indicated a desire not to be restricted by the parameters of the 'deafness' trope. However, as we have seen, there has been little conceptual 'space' available to them to create terms for their own alternative self-concept. The development of the Deafhood term, however, offers a space within which Deaf cultural beliefs and values can be articulated, collected, and examined. Not only is this importante in its own right, but it also represents a counterbalancing positivity to the negative atmosphere existing within pathological and social-welfare domains (LADD, 1998, p. 221).*

O “ouvintismo” presente nestes programas reflexe-se em vários e em diversos espaços: permanece a ideia de supremacia do ouvinte e à biologização dos Surdos -, praticam-se discursos evolucionistas onde os Surdos são levados a estágios primitivos do desenvolvimento humano, para justificar o “fracasso” pedagógico. O conhecimento utilizado no sistema educativo nunca é questionado (SKLIAR, p. 32, 1999).

Os ouvintes precisam mudar a forma de ver o Surdo, pois se isso não acontecer sempre persistirá a desigualdade entre Surdos e ouvintes, e isso é uma maneira de colonização. Para garantir esse processo de descolonização é preciso que os Surdos ocupem espaços que têm sido durante anos ocupados apenas pelos ouvintes e, através da sua experiência, proporcionar uma conexão com a história dessa resistência e de dívida que a sociedade gerou.

A descolonização deve ter como base a construção de uma “epistemologia Surda”, definidas como “maneiras Surdas de estar no mundo, de conceber esse mundo e o seu lugar ali (tanto na realidade como potencialmente)” (LADD, 2013, p. 34-35), valorizando a importância das relações das pessoas Surdas entre si. A epistemologia Surda deve trazer uma ruptura com a visão desses como pessoas com deficiência ou com surdez. Esse pensamento gera desigualdade, uma educação voltada para a incapacidade, a caridade e a busca da cura e do tratamento de nossos déficits de audição e de linguagem.

As vozes dos Surdos na academia valorizam a autoimagem e a representação política, gerando novos discursos sobre si e visibilidade da língua e sua cultura. A riqueza dos estudos pelos próprios olhos de pesquisadores e intelectuais Surdos, como procurei garantir em meu trabalho, revelam as dores e opressões que, em relação a desvalorização de nossa língua e cultura, destaco as questões mais importantes a serem debatidas na educação bilíngue. E isso tem a ver com professores Surdos como modelos na infância da criança Surda, principalmente, porque a colonização a que fomos sempre submetidos, ainda não acabou.

Trilhar o caminho da pesquisa não foi / é / será fácil, pois para um subalterno Surdo que decide estar em um contexto valorizado socialmente, como acadêmico, que ainda é majoritariamente grafocêntrico e que pouco reconhece a condição linguística dos Surdos, quando estes usam o português como segunda língua, configura um desafio a cada minuto que passa.

Além disso, esse século de opressão linguística sobre o qual me refiro impediu e ainda tenta impedir muitos Surdos e Surdas de contar suas histórias de luta e



resistência contra o processo de colonização ouvintista, pois não podemos esquecer que o termo “ouvintismo” e as suas derivações “ouvintização”, “ouvintistas”, sugere uma forma particular e específica de colonização dos ouvintes sobre os Surdos:

O projeto do multiculturalismo conservador é, na realidade, querer construir uma cultura comum, anulando o conceito de “fronteira” e deslegitimando as línguas minoritárias. É um boicote à própria educação bilíngue, pois rejeita-se a ideia da etnicidade da surdez e coloca-se o “ouvintismo” como uma norma invisível através da qual tudo é médico e julgado (SKLIAR, 1999, p. 33).

Assim, reflito e destaco a importância de pesquisadores como Paddy Ladd que aceitaram o desafio e assumiram o dever de apresentar a cultura Surda e o *Deafhood* para toda sociedade.

Em seu livro “*Understanding Deaf Culture – In Search of Deafhood*” (LADD, 2003), quando narra a metáfora do museu, ele incita nossa resistência em divulgar as narrativas do povo Surdo, como estratégia de luta e resistência, como vemos a seguir:

Um século de opressão linguística deixou muito poucas comunidades aptas (ou predispostas) a apresentar as suas crenças na forma escrita, isso aumentou o meu dever de apresentá-las e representá-las estruturalmente ao resto do mundo. Ainda que com um entendimento profundo de que as histórias tão apaixonadamente transmitidas pelas figuras dos quadros não poderão ser adequadamente traduzidas em mera prosa escrita, determinei que a inscrição na porta deveria ser corrigida para “Cultura Surda e Surdidade” (LADD, 2013, p. 4).

A cultura Surda tem sido construída pela sociedade aliada, com familiares ouvintes, professores não-Surdos, poder não surdo e outras pessoas majoritariamente ouvintes. Embora esse movimento seja ainda muito recente, com poucas décadas, de modo que não possamos avaliar o efeito coletivo sobre a comunidade Surda, podemos afirmar que já se pode visualizar um enfrentamento e desafios as pessoas Surdas que desejam manter a ordem existente de vida sob o colonialismo. O *Deafhood* atua como um motor para fazer o ativismo e despertar a consciência de organizar o movimento e defender o povo Surdo das dívidas históricas da colonização ouvintista (LADD; LANE, 2013, p. 575). *Deafhood* trata de entender a cultura Surda e suas transformações ao longo do tempo e da história de colonização do povo Surdo:

*Deafhood* como um conceito é utilizado como um meio pelo qual se pode medir possibilidades Surdas. As culturas majoritárias não precisam medir sua cultura de tais maneiras - estão implícitas em suas próprias definições de “mudanças culturais”. Mas as culturas minoritárias que sofreram opressão,



especialmente as sociedades negras ou pós-coloniais, são forçadas a criar e recriar suas culturas, muitas vezes por referência a qualquer aspecto de suas culturas pré-colonizadas, que ainda assim retêm, para identificar um eu "maior" que já existiu (LADD, 2005, p. 15) [Tradução do autor]<sup>33</sup>.

Embarcar nessa jornada para entender a Cultura Surda que fala Ladd, mais do que ir adiante é preciso voltar. Retornar ao passado e resgatar as histórias Surdas de outrora que durante mais de um século foram apagadas e alteradas de forma colonizadora, marcando o Surdo como um sujeito sem cultura, em oposição ao que explica a pesquisadora Surda Gladis Perlin:

A cultura Surda é então a diferença que contém a prática social dos Surdos e que comunica um significado. É o caso de ser Surdo homem, de ser Surda mulher, deixando evidências de identidade, o predomínio da ordem, como, por exemplo, o jeito de usar sinais, o jeito de ensinar e de transmitir cultura, a nostalgia por algo que é dos Surdos, o caminho para com os achados Surdos do passado, o jeito de discutir a política, a pedagogia, etc. (PERLIN, 2004, p. 77).

Por isso se faz necessário o resgate das experiências Surdas do passado, seus sentimentos, depoimentos e denúncias para assim romper com os discursos sobre a surdez e, em oposição, partir para uma valorização da língua de sinais como um artefato cultural da comunidade Surda e do povo Surdo.

Assim, embora o processo de descolonização da *Deafhood* ainda esteja engatinhando, oferece grande potencial para servir como contra-narrativa, capaz de romper modelos médicos e sociais hegemônicos. Com seu potencial para incorporar sua "vulnerabilidade como uma força" informando o acadêmico e a sociedade do benefício de compreender e abster-se de algumas das características culturais de comunidades Surdas tácticas, visuo-gestualmente qualificadas, a biodiversidade da experiência humana pode ser positivamente valorizada nos próximos anos (LADD, 2005, p. 17) [Tradução do autor]<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> *Deafhood as a concept is utilized as a way by which to measure deaf possibilities. Majority cultures do not have to measure their culture in such ways - they are implicit within their own definitions of "cultural changes". But minority cultures that have undergone oppression, especially Black or postcolonial societies, are forced to create and re-create their cultures, often by reference to whatever aspects of their pre-colonized cultures they still retain, in order to identify a "larger" self which once existed* (LADD, 2005, p. 15).

<sup>34</sup> *Thus, although the deafhood decolonizing process is still in its infancy, it offers great potential for serving as a counter-narrative, able to disrupt hegemonic medical and social models. With its potential to embody its "vulnerability as a strength" by informing the academic and society of the benefits of understanding and absorbing some of the cultural features of tactile, visuo-gesturally skilled deaf communities, the biodiversity of human experience can be positively valorized in the coming years.* (LADD, 2005, p. 17)

Ladd cria o conceito de *Deafhood* para estabelecer um sistema de mudanças culturais e sua pesquisa de doutorado, no Reino Unido, é um texto pioneiro para a tomada de consciência e empoderamento dos pares Surdos em criar uma nova história. Karin Strobel, também em sua tese de doutorado, expõe o conceito de História Cultural dos Surdos para representar essa mudança e registrar a memória das comunidades Surdas e sua existência:

A história cultural é uma nova interpretação de caminhos percorridos, para a referência do povo Surdo, dando lugar à sua cultura, valores, hábitos, **leis**, língua de sinais, bem como à política que movimenta tais questões, e não mais a excessiva valorização da história **registrada sob as visões do colonizador**, uma história que dá lugar ao sujeito. (PERLIN; STROBEL, 2014, p. 21) [grifos meus]

Wool e Ladd (2003) explicam que o conceito de comunidade Surda vem sendo estudado por diversos autores<sup>35</sup> há 150 anos e explica que Johnson (*apud* LADD, 2003) descreveu três fatores para caracterizar as comunidades Surdas: surdez, comunicação e apoio mútuo. Esses três aspectos levam a criar “comunidades de comunicação” (*communities of communication*), “comunidades de identidade étnica” (*communities of ethnic identity*) e “comunidades de solidariedade” (*communities of solidarity*).

O uso da língua de sinais é o elemento que diferencia a comunidade Surda da comunidade majoritária que se comunica pela língua oral e permite a produção da arte, da literatura e da luta política:

A centralidade dessas línguas se reflete não só na organização social e política dessas comunidades, mas também na sua forte tradição cultural de insígnias, piadas, narrativas e poesia. No sentido mais prático, então, o fato central da adesão à comunidade Surda é visto como uma adesão linguística. A adesão a essas comunidades Surdas também é vista como determinada, não por medição audiológica, mas por autoidentificação como reconhecimento súbito e recíproco dessa identificação - “surdez atitudinal” (BAKER; COKELY, 1980 *apud* LADD, 2003, p.3). [Tradução do autor]<sup>36</sup>

---

35 Autores citados no artigo Deaf Communities (WOOL e LADD, 2015): Flournoy (1856); Erting (1978); Markowicz & Woodward (1978); Higgins (1980); Lawson (1981); Ladd (2003); Lane (1984); Markowicz & Woodward (1978); Padden & Humphries (1988, 2005)

<sup>36</sup> *The centrality of these languages is reflected not only in the social and political organization of these communities, but in their strong cultural tradition of sign-play, jokes, storytelling, and poetry. In the most practical sense, then, the central fact of Deaf community membership is seen as linguistic membership. Membership of these Deaf communities is also seen as determined, not by audiological measurement, but by selfidentification as Deaf and reciprocal recognition of that identification —“attitudinal deafness”* (BAKER; COKELY, 1980 *apud* LADD, 2003, p.3).

Interessante observar que Baker e Cokely explicam que fazer parte das comunidades Surdas não é determinado pelo grau de perda auditiva, mas pela forma de comunicação, ou seja, pelo uso ou não de uma língua sinalizada, o que eles denominam "surdez atitudinal" (*attitudinal deafness*).

Não podemos nos esquecer que a língua de sinais é um produto cultural e pode ser aprendido por todas as pessoas, assim como as demais línguas orais. Todavia é preciso mostrar à resistência do povo Surdo a desigualdade em que durante anos foram submetidos por viverem em uma sociedade ouvintizada e ouvintista. A língua de sinais não pode ser tomada apenas como objeto de estudo acadêmico, pois é uma língua conectada a uma comunidade e uma cultura.

Sabemos que há muitos pesquisadores e profissionais da área que nunca tiveram relação com a comunidade Surda, mas sentem-se capazes e autorizados para falar sobre descrever suas "características", decidir sobre as melhores políticas educacionais para nós Surdos.

No cenário nacional, esses profissionais atuam como consultores de secretarias de educação, produzem materiais didáticos e ministram curso de formação para professores, lançando um olhar sobre a educação de Surdos sob a ótica da surdez, tentando estabelecer uma relação com a cultura Surda tomando a língua de sinais como um recurso instrumental da educação especial, campo político e discursivo que ainda narra os Surdos como pessoas com deficiência.

Não é fácil resistir e ter que lutar incessantemente contra essas representações dominantes. Pesquisadores Surdos como Perlin (2003); Strobel (2008); Rosso (2008) e Reis (2015) em seus estudos retratam a experiência e vivências Surdas em oposição aos estudos que se dedicam em estudar e destacar a surdez. Mesmo os Surdos tendo uma língua natural, como a língua de sinais, e se relacionando com o mundo através da experiência visual, ainda assim são vistos sob a ótica da deficiência por aqueles que só enxergam no corpo Surdo a surdez e as barreiras que ela acarreta, isto é, a ausência da fala e audição. O que realmente está ausente é o olhar sobre a língua de sinais como um produto cultural e sociológico das comunidades Surdas, que possibilita sua autonomia e identificação cultural.

Ladd, nesse aspecto, nos traz um conceito muito importante para caracterizar essa posição de ignorância em relação à cultura Surda e suas práticas discursivas e sociais: "leigos". Leigo é o conceito que remete a Surdos e ouvintes que desconhecem aspectos culturais e comunitários dos Surdos, produzindo conhecimento que reproduz

a lógica ouvintista, fazendo pesquisas e políticas sobre os Surdos e determinando seus destinos como “especialistas da surdez/deficiência auditiva”, distanciados das singularidades e especificidades que constituem o *Deafhood: a compreensão do [...]* conceito de leigo é central para eventual reviravolta dos padrões culturais opressivos que todos nós interiorizamos” (LADD, 2013, p. 21).

O pesquisador não-Surdo pode ser aliado se também estiver conectado culturalmente com as lutas e resistência Surda ao ouvintismo:

A questão de saber se as Comunidades de Surdos no Reino Unido (e em todo o mundo) usuárias de línguas de sinais tem culturas próprias de boa fé ocupa uma vanguarda nos discursos contemporâneos sobre "surdez". Tal debate não é meramente acadêmico, mas tem sérias implicações para a vida e o bem-estar de milhões de pessoas Surdas em todo o mundo. Essas implicações também têm relevância direta para "ouvir" pessoas cujas vidas estão envolvidas pessoalmente ou profissionalmente com pessoas Surdas, para pessoas Surdas e deficientes, e para organizações e órgãos responsáveis por pessoas Surdas, incluindo governos locais, centrais e internacionais (LADD, 1998, p. 1) [Tradução do autor]<sup>37</sup>.

Não se trata de se opor a pesquisadores ouvintes, pois a comunidade Surda não é e não pode ser fechada em Surdos, mas ser aberta a possibilitar que o pesquisador ouvinte pode e deve ser um aliado que milita pela causa Surda, como simpatizante que se interessa pela cultura Surda.

A visão que impera na sociedade, obviamente, é ouvintista e domina os espaços e a política educacional. A defesa da escola inclusiva como única alternativa na educação de Surdos, negando o direito assegurado em lei à escola bilíngue, por exemplo, por entender esse espaço como um “gueto” de segregação dos Surdos, e não um local de circulação, fortalecimento e desenvolvimento da língua de sinais, formando comunidades bilíngues que favoreceriam a aquisição de Libras por crianças Surdas, filhas de pais ouvintes, por exemplo.

Ladd explica a importância do significado que as escolas-residência tiveram em seu período histórico, pois o domínio da língua de sinais pela comunidade era pleno e muitos aspectos da socialização da experiência Surda aconteciam, pois, a

---

<sup>37</sup> *The question of whether the sign language-using Communities of Deaf people in the UK (and throughout the world) have bona-fide cultures of their own occupies a cutting edge in contemporary discourses about 'deafness'. Such debate is not merely academic, but has serious implications for the lives and welfare of millions of Deaf people across the world. These implications also have direct relevance for 'hearing' people whose lives are either personally or professionally involved with Deaf people, for deafened and disabled people, and for organisations and bodies charged with responsibility for Deaf people, including local, central and international governments (LADD, 1998, p. 1).*

educação era conduzida por professores Surdos e adultos que trabalhavam nas escolas (LADD, 2003, p. 297).

As práticas discursivas de ouvintismo ainda são inúmeras e trago um exemplo para ilustrar como a resistência Surda precisa ainda se fortalecer.

Em um vídeo que circulou no canal Youtube, na internet, o senhor Luiz Albérico Barbosa Falcão, professor de Libras da Universidade Federal de Pernambuco, intitulado “A cultura Surda: Alienação parental e crime contra a infância”, publicado em 10 de maio de 2017, com 532 visualizações, há declarações categóricas sobre a cultura Surda, a pedagogia Surda e os intérpretes de Libras. Faz uma crítica sem fundamentação ao discurso “falso” da cultura Surda, ignorando a produção acadêmica dos intelectuais Surdos, deslegitimando a pesquisa de intelectuais Surdos que defendem a descolonização ouvinte, entre outras práticas de discriminação e ouvintismo com palavras ofensivas contra essa “nação Surda” ou “tribo dos Surdos”. Conclui dizendo que Surdos e intérpretes que defendem o “Clube da Cultura Surda” deviam ir para a cadeia. Diz o professor, no sumário de sua postagem no canal do Youtube<sup>38</sup>:

“O discurso da "cultura Surda" transita na infra legalidade pelo aliciamento e alienação parental que provoca nas crianças e adolescentes segregação, afastamento e desumanização. Cada pessoa - ouvintes e Surdas têm a sua cultura estruturada das relações parentais, sociais e interculturais. Contudo, criar e defender um modelo de "cultura Surda" na qual Surdo não pode namorar ouvinte, só se for interprete, Surdo não pode fazer implante coclear, usar prótese auricular nem oralizar. Mulher Surda não pode tomar vacina contra a rubéola. É se for surdo unilateral também não é considerado do grupo. Então, trata-se de um clube de cavalheiros monoteístas e narcisistas. Eis que vos apresento o CLUBE DA CULTURA SURDA. Aos pais de crianças Surdas que se cuidem para que seus amados filhos não caiam nas garras desses vilões que estão concentrados em Santa Catarina e no Rio de Janeiro, mas que tem adeptos em todo o Brasil depois do curso letras libras que impôs esse modelo antidemocrático e aliciador (FALCÃO, 2017) ”

Apesar de ser um “discurso de ódio” à comunidade Surda, o professor não postou legenda ou tradução em Libras. O vídeo pode chegar ao conhecimento dos Surdos, por meio da tradução voluntária do tradutor Jonatas Medeiros, na Comunidade do Facebook “Sociedade em Libras”<sup>39</sup> (Figura 5). A repercussão de 197 compartilhamentos e 11 mil visualizações desencadeou uma série de

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iCOUiOoxHnQ>>. Acesso em 05 de fev de 2018.

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/ASociedadeemLibras/videos/1353856801334766/>>. Acesso em 05 de fev de 2018.

posicionamentos de lideranças Surdas nacionais em resposta ao professor, denunciando o abuso, a prática de ouvintismo e conclamando a denúncia por crime de discriminação.

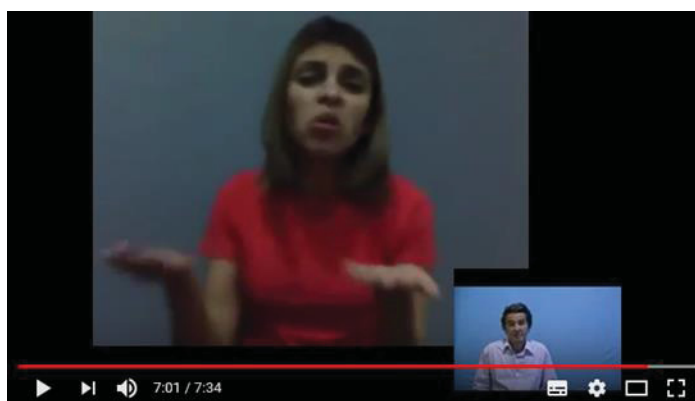
FIGURA 5 - “A CULTURA SURDA: ALIENAÇÃO PARENTAL E CRIME CONTRA A INFÂNCIA”



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/ASociedadeemLibras/videos/1353856801334766/>>. Tradução voluntária do TILS Jonatas Medeiros

Em outra postagem realizada em nome do “Gebess - Grupo de estudo bilíngue em educação de Surdos e Surdocegueira”, o vídeo que se intitula “Oportunismos e corrupção de alguns da comunidade Surda” (Figura 6), traduzido voluntariamente pela tradutora intérprete Gildete da Silva, o professor Luiz Albérico denuncia Surdos oralizados que usam aparelhos auditivos de serem “oportunistas” porque reivindicam o apoio de intérpretes em vagas de trabalho ou concurso público. O poder colonialista exercido pelo professor culpabiliza a vítima submetida às práticas ouvintistas de reabilitação da audição e da fala, ao longo de sua trajetória de vida, de oportunismo, por assumir sua identidade Surda e o seu direito à acessibilidade e apoio de intérpretes, amplamente garantidas na legislação.

FIGURA 6 - OPORTUNISMOS E CORRUPÇÃO DE ALGUNS DA COMUNIDADE SURDA - PROF. LUIZ ALBERICIO





Fonte: Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_noi7eF1GEU/](https://www.youtube.com/watch?v=_noi7eF1GEU/)>. Tradução voluntária Gildete da Silva

O discurso de Falcão que é ouvinte e não tem “pele Surda”<sup>40</sup>, busca criar uma imagem negativa, rotulando os Surdos e ignorando sua cultura. É ofensivo para nós, professores Surdos, porque ele postou vídeos sem legenda, sem libras e usa gestos/sinais exagerados e irônicos para nos referir como “fofoqueiros”.

Suas afirmações são discriminatórias sobre o povo Surdo, generalizando a comunidade Surda como oportunista e despreparada para a prática das atividades como profissionais da Educação. Esse senhor aprendeu com os Surdos a língua de Sinais e utiliza as raízes invisíveis do colonialismo oralista que culpabiliza a vítima Surda de “oportunista” e “corrupta” por usar aparelho, saber “falar” e solicitar intérprete de Libras em vagas de emprego e concurso.

Talvez ele desconheça e desconsidere a Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2009), como também o Decreto Federal 5626/2005, que reconhece a identidade cultural e linguística das pessoas Surdas, por meio do uso da língua de Sinais, e orienta que professores com deficiência [sic] tenham prioridade na formação e ensino da Libras.

4. A fim de contribuir para exercício desse direito, os Estados Partes tomarão medidas apropriadas para emprestar professores, inclusive **professores com deficiência, habilitados para o ensino da língua de sinais** e/ou do braile, e para capacitar profissionais e equipes atuantes em todos níveis de ensino. Essa capacitação incorporará a **conscientização da deficiência e a utilização de modos**, meios e formatos apropriados de comunicação aumentativa e alternativa, e técnicas e materiais pedagógicos, como apoio para pessoas com deficiência (BRASIL, 2009) (meus grifos).

No Artigo 2, do capítulo sobre Educação, está escrito claramente o crime de discriminação que o senhor Falcão cometeu, com sua ameaça à comunidade Surda:

Discriminação por motivo de deficiência significa qualquer diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, com o propósito ou efeito de impedir ou impossibilitar o reconhecimento, o desfrute ou o exercício, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais em âmbitos político, econômico, social, cultural, civil ou qualquer outro. Abrange todas as formas de discriminação, inclusive a recusa de adaptação razoável (BRASIL, 2009).

---

<sup>40</sup> Expressão usada por muitas/os surdas/os para designar sua experiência surda.



É na legislação sobre pessoas com deficiência que ainda temos que buscar proteção aos nossos direitos e tratamento como cidadãos. Isso é contraditório, mas é o lado positivo. Skliar explica que, “ainda sendo totalmente críticos com a ideia de que os Surdos sejam considerados sujeitos deficientes, é indiscutível que eles são inscritos ao discurso dominante sobre a deficiência” (SKLIAR, 1999, p 31).

Falcão pode ser mostrado como um exemplo de colonizador ouvintista, um ouvinte não aliado que está sendo desrespeitoso com a comunidade Surda. Todos os pares professores/pedagogos Surdos têm direito ao espaço da educação para valorizar a nossa língua, cultura e caminhar para nossa independência dos anos de colonialismo vivido.

Se nosso corpo é visto como “deficiente” e somos apresentados assim para a sociedade, esse rótulo foi criado pelo colonialismo ouvintista que proibiu o uso da língua de sinais e impôs o ensino da fala e das tecnologias de audição para normalizar o nosso corpo. Ladd nos explica como essa visão dos “colonizados” e suas práticas precisam ser denunciadas e temos que criar nossa resistência para não sermos aniquilados como outros grupos minoritários que foram colonizados:

No entanto, os tempos estão chegando - mais precisamente, eles já estão aqui - para permanecer em silêncio é ficar paralisado enquanto observa a aniquilação de nossas comunidades, que correm o risco de serem dispersas através da "integração" e as experiências do implante coclear, vagar como almas perdidas, "com deficiência auditiva", através de nações de pessoas ouvintes, como os índios americanos e outros povos colonizados continuam a fazer (LADD, 2005, p. 2). [Tradução do autor]<sup>41</sup>.

Ladd explica claramente que esse é o discurso do “especialista” em surdez que está articulado ao processo de colonialismo e pode ser identificado como “leigo” na comunidade Surda. Esse “especialista” estabelece relações de poder com o pesquisador subalterno Surdo, usando nossa própria língua e expressando pensamentos colonizadores sobre nós na comunidade Surda.

A pesquisadora Surda Karin Strobel explica que o grande exemplo histórico de colonialista que marcou o Historicismo dos Surdos é Alexander Graham Bell (1847-

---

<sup>41</sup> Sin embargo, están llegando los tiempos –más exactamente, ya están aquí – en los cuales mantenerse callado equivale a permanecer paralizado mientras se observa el aniquilamiento de nuestras comunidades, que se arriesgan a ser dispersadas a través de la “integración” y los experimentos del implante coclear, para vagar como almas perdidas, “deficientes auditivas”, a través de naciones de gente oyente, tal como continúan haciendo los indígenas americanos y otros pueblos colonizados (LADD, 2005, p. 2).

1922) que, nas décadas de 1870 e 1880 estudou acústica e fonética, publicou vários artigos criticando casamentos entre Surdos, a cultura Surda e as escolas residenciais para Surdos. Bell era contra a língua de sinais e considerava a língua um fator de isolamento dos Surdos com a sociedade e que não permitia o desenvolvimento intelectual pleno dos Surdos. Graham Bell abriu uma escola em Boston (EUA) para treinar professores Surdos a falar por meio de seu método “O pioneiro da fala visível”. Vejam que Bell frequentava a comunidade Surda, era casado com a Surda *Mabel Gardiner Hulbard* e, mesmo assim, representa o principal “leigo” na História Cultural dos Surdos que influenciou fortemente as decisões da escolha do método oral (Oralismo) como melhor caminho na educação de Surdos no Congresso de Milão, em 1880 (STROBEL, 2008).

Podemos entender como este processo de séculos denunciado por Ladd (1998, 2003, 2005, 2013), ao explicar o conceito de *Deafhood*, traz a compreensão dos Surdos como uma comunidade, com lutas e resistência contra a colonização do corpo Surdo.

Os discursos e representações sobre os Surdos precisam mudar mostrando a riqueza de nossa história cultural, ante a proibição da língua de sinais, no século XIX. A liberdade da comunidade Surda em sinalizar e usar a língua de sinais como qualquer outra língua foi registrada por William Stokoe em “*The Study of Sign Language*”/O estudo da Língua de Sinais (STOKOE, 1970). Precisamos resgatar nossa história, ocupar espaços e dar visibilidade a nossa própria cultura.

No entanto, em resistência, os Surdos lutam por seus direitos linguísticos, culturais e pela mudança de paradigma na educação de Surdos, não mais como surdez e sim como sujeitos culturais que necessitam de espaços educacionais condizentes com a sua cultura que possibilitem igualdade de direitos na sociedade:

[...] é gerado dentro do movimento social Surdo, cujos conteúdos podem ser descritos como “anti-ouvintistas”. Trata-se de uma luta dos Surdos, entre Surdos, para os Surdos, para a revitalização de um estilo de vida Surda. É um movimento que tenta conservar e garantir a identidade cultural do Surdo. A identidade resultante é uma fronteira, uma forma de identidade que vigia seu próprio território (SKLIAR, 1999, p. 30).

Dessa forma, o conceito de *Deafhood* contribui para a compreensão da cultura e história Surda, promovendo assim a possibilidade de empoderamento do povo Surdo frente ao ouvintismo.

Nesse sentido, o trabalho de Ladd e a compreensão do *Deafhood* se torna de grande relevância para a compreensão de que os Surdos possuem uma cultura Surda heterogênea, isto é, multifacetada e que essa concepção tem desdobramentos importantes para o currículo e a educação dos Surdos.

Por isso, é necessária nossa consciência Surda para lutar e mostrar que nossa história pede outra visão da alteridade Surda, valorizando a existência da Cultura Surda e produzindo novos discursos que no futuro possam dar um novo sentido à visão social dos Surdos e da surdez.

Nesse percurso, para compreensão de nós mesmos, é necessário lembrar e estudar os movimentos de resistência Surda, fator crucial para compreender a cultura Surda, assim como o processo educacional do Surdo. Durante muito tempo os Surdos lutam e resistem a essa tentativa (que, por vezes, foi realizada) de normalização dos corpos (FOUCAULT, 2001) com o objetivo de transformar os Surdos em ouvintes. Mas a resistência não é uma tarefa fácil:

Embora eu pensei ter superado os preconceitos implantados por uma educação oralista, a realização do estudo me mostrou o contrário. Descobri que meu próprio prescritivíssimo não realizado impediu-me por algum tempo de ver o que estava acontecendo diante dos meus olhos; O Síndrome de “Forte Surdo” era um véu entre mim e alguns aspectos da realidade Surda (LADD, 1998, p. 24) [Tradução do autor]<sup>42</sup>.

Quando o significado da cultura Surda é revelado na prática pelo investigador ou professor Surdo, é uma educação para perpetuar nossa história para outras gerações em um processo de identidade para cada uma das crianças Surdas, que ajuda a divulgar novos significados sobre Ser Surdo para familiares não-Surdos e sociedade.

Ladd (2005) explica que, ao fazer a crítica à visão hegemônica do ouvintismo, buscamos contribuições sobre histórias de preconceito, discriminação e colonização de outros grupos minoritários para que as nossas reflexões e visões sejam ampliadas pela visão do Outro. O feminismo é, por exemplo, a luta pela igualdade, por que narra a história das mulheres que foram excluídas por conta do machismo; o povo negro que com consciência luta e combate ao racismo que perdura através da história como

---

<sup>42</sup> *Although I thought I had overcome the prejudices implanted by an oralist education, conducting the study showed me otherwise. I found that my own unrealised prescriptivism prevented me for some time from seeing what was happening before my eyes; the 'Deaf should' syndrome was a veil between me and some aspects of Deaf realit* (LADD, 1998, p. 24).

vemos nas narrativas que contam as relações de poder desiguais entre brancos e negros. Estes são exemplos que nos oportunizam fazer uso dos discursos da resistência e compartilhar dos saberes e práticas para combater a colonização em Nós, povo Surdo.

Portanto, muitas vezes comparamos a *Deafhood* com o "feminismo", um comparativo que nos ajudou a articular o que a *Deafhood* significa, em comparação e em contraste com o feminismo. Como *Deafhood*, teorias e ontologias feministas têm sido poderosas, movendo as pessoas para a exclusão e o ativismo (KUSTERS E DE MEULDER, 2013, p. 429) [Tradução do autor]<sup>43</sup>.

A mudança cultural ocorre por meio da criação de um novo sistema de representação dos Surdos e *Deafhood* contribui do mesmo modo que aprendemos com a nova linguagem de outros grupos colonizados:

Uma característica chave das estratégias de descolonização no mundo tem sido trabalhar na direção de substituir esta negatividade (e outras formas de danos culturais) com visões abrangentes e unificadoras para as pessoas descolonizadas. Neste processo de reconstrução através da redefinição, grupos colonizados e outras minorias buscaram etiquetas para estas visões. "Consciência Negra" é um destes termos. "Feminismo" é outro. E o termo "*Deafhood*" pode ser usado exatamente desta maneira (LADD; LANE, 2002, p. 572) [Tradução do autor]<sup>44</sup>.

Assim, embora o processo de descolonização *Deafhood* ainda esteja em sua "infância", ele oferece um grande potencial para servir como uma contranarrativa, capaz de perturbar os modelos médicos e sociais hegemônicos. Seus estudos de teórico subalterno amplia atos de consciência das diferentes identidades Surdas e suas experiências culturais variadas que ele exemplifica como Surdos com outras deficiências associadas, Surdos gays e lésbicas, Surdos judeus; Surdos crianças e idosos, Surdos feministas, Surdos de elites e grupos religiosos, entre outros (LADD, 1998, 2003). Além disso, pensar nas relações de opressão mesmo dentro das

---

<sup>43</sup> Therefore, we have often compared *Deafhood* with "feminism," a compared that has helped us articulate what *Deafhood* means, in comparison to and in contrast with feminism. Like *Deafhood*, feminist theories and ontologies have been powerful, moving people toward selfexploration and activism (KUSTERS E DE MEULDER, 2013, p. 429).

<sup>44</sup> And a key feature of decolonization strategies around the world has been to work towards replacing this negativity (and other forms of cultural damage) with overarching and unifying visions for decolonized peoples. In this process of reconstruction through redefinition, colonized and other minority groups have sought labels for those visions. "Black Consciousness" is one such term. "Feminism" is another. And the term "*Deafhood*" can be utilized in just this way (LADD; LANE, 2002, p. 572).

comunidades Surdas, além daquelas vividas pelos ouvintistas e leigos na sociedade em geral.

Não podemos negar que já houve muitos avanços e conquistas da comunidade Surda brasileira, desde a oficialização da Lei de Libras nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a oferta obrigatória de Libras nos cursos de formação de professores, a ocupação dos espaços no ensino de Libras nas instituições de ensino Superior por professores Surdos, entre outros. Mas não podemos nos acomodar porque o ouvintismo é poderoso e ignora os direitos previstos na legislação.

Ocupar o lugar de pesquisador subalterno e desenvolver essa pesquisa é disputar espaço em ambientes dominados por ouvintes leigos profissionais da Saúde, da Saúde Mental, da Educação, da Política e Religião (como exemplo) e trazer um olhar antropológico, etnográfico e sociológico para as relações culturais vividas pelos próprios Surdos, sob a lente dos Estudos Culturais e do Multiculturalismo:

Assim, saúdo o leitor leigo geral a este recurso. No entanto, esta contra-narrativa tem especial significado para outros leitores leigos, aqueles envolvidos em estudos multilíngues e multiculturais, em Estudos Negros, Estudos Pós-Coloniais e estudos minoritários em geral, em antropologia, Estudos Culturais e de Mídia e para teóricos etnográficos. Devido ao modo como o conhecimento sobre as comunidades de Surdos foi cercado, vigiado e submerso, esses domínios nunca tiveram a oportunidade de considerar como a experiência dos Surdos poderia informar seu próprio trabalho (LADD, 2003, p. 14) [Tradução do autor]<sup>45</sup>.

Sobre o ativismo Surdo, Fernandes (2011, p. 54) afirma que o movimento político da comunidade Surda emerge a partir das lutas de outras minorias étnico-culturais, nos anos 1960, quando líderes Surdos engajados no discurso da igualdade como direito, articulam um processo social, denominado pelos estudos sociais antropológicos como “Movimento Surdo”, cuja força política e inserção acadêmica repercutiram em discursos científicos que passaram a reconhecer o sujeito Surdo em sua plenitude ontológica.

---

<sup>45</sup> *Thus I welcome the general lay reader to this resource. However, this counter-narrative has especial significance for other lay readers, those engaged in multilingual and multicultural studies, in Black Studies, Post-Colonial Studies and minority studies in general, in anthropology, Cultural and Media Studies and for ethnographic theorists. Because of the way knowledge about Deaf communities has been ring-fenced, gatekeepered and submerged, these domains have never had the opportunity to consider how the Deaf experience might inform their own work (LADD, 2003, p. 14).*

### 3 CONTRIBUIÇÕES DE PADDY LADD EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS: O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

No capítulo 2 apresentamos o conceito de *Deafhood*, buscando conhecer o conceito, a partir das publicações originais de Paddy Ladd, não traduzidas no Brasil. Percebemos sua grande influência na produção de autores brasileiros, como também na produção acadêmica de pesquisadores da área da educação de Surdos, incorporando as categorias teóricas que o autor propõe como cultura Surda, comunidade Surda, modelo clínico-terapêutico e socioantropológico, principalmente.

Retomando o problema de pesquisa da dissertação que questiona “Qual a contribuição do conceito de *Deafhood* na educação bilíngue para Surdos? De que forma o conceito de *Deafhood* cunhado por Paddy Ladd foi traduzido e incorporado à obra de intelectuais Surdos no Brasil? Busquei dar resposta a essas questões por meio de dois procedimentos metodológicos que caracterizam a abordagem qualitativa desta investigação: a pesquisa bibliográfica e o estudo de campo, com levantamento de dados por meio de questionário aplicado com pesquisadores subalternos Surdos brasileiros.

Neste capítulo, que será organizado em duas seções, inicialmente, apresento a etapa do levantamento da produção acadêmica, realizado nas plataformas de bancos de dados Scielo, Capes e Google Acadêmico, selecionando publicações de pesquisadores subalternos Surdos que dialogaram com conceitos que também foram objeto de preocupação de Paddy Ladd, aplicados ao contexto da educação bilíngue para Surdos, no Brasil. Dessa forma, busco observar a aplicabilidade dos conceitos apresentados na seção 2.1 “*Deafhood*: um conceito em investigação”.

Na seção 3.2 “A Voz dos pesquisadores Surdos em Diálogo com Paddy Ladd”, apresento os procedimentos metodológicos do estudo de campo realizado com quatro reconhecidos intelectuais Surdos brasileiros que dialogaram com as principais ideias de Paddy Ladd em sua produção acadêmica, buscando analisar a sua recepção do conceito de *Deafhood*.

A metodologia adotada justifica-se pelo fato de que a Educação Bilíngue para Surdos está assegurada na legislação há duas décadas, mas ainda **há** muitos desafios em relação a sua efetivação na prática das escolas. O texto da Lei parece não refletir a agenda política do movimento dos Surdos e a produção acadêmica na área.

No Brasil, a reflexão sobre a educação bilíngue para Surdos tem referência em autores não Surdos aliados, como Quadros (1997, 1998), Skliar (1998,1999), Fernandes (2003, 2014) e também pelos recém-formados mestres e doutores Surdos que fizeram suas pesquisas fortemente influenciadas pelas ideias de Paddy Ladd. O exemplo de intelectual e militante que Ladd foi, no Reino Unido, com sua análise histórica e cultural dos Surdos britânicos que contribuiu para a conceitualização de *Deafhood*, estimulou a comunidade Surda a tomar seu lugar nas lutas sociais, empoderando-se nos vários espaços da sociedade.

Neste capítulo, o percurso metodológico realizado na pesquisa tem a intenção de captar de que forma a produção acadêmica de pesquisadores Surdos dialogam com as ideias de Paddy Ladd no campo dos Estudos Surdos e como podem trazer contribuições à educação bilíngue para Surdos.

### 3.1 A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Conforme apresentei na seção de introdução desta dissertação, o fortalecimento da identidade Surda, a partir da referência na cultura visual da comunidade Surda deve ter início na infância Surda. Como Ladd explica, a alteridade Surda é inicialmente colonizada no momento do diagnóstico da surdez, quando a notícia para a família é de que a criança possui uma deficiência que precisa ser diagnosticada, tratada e curada.

Essa perspectiva é mais nociva quando a criança Surda nasce em famílias ouvintes que não sinalizam, desconhecem a comunidade Surda e não tem a oportunidade de aprender na creche, desde a educação infantil, a língua de sinais, em contato com pares Surdos (crianças e adultos) e, até mesmo, professores ouvintes sinalizantes para constituir a experiência visual como seu principal artefato cultural (STROBEL, 2008).

Em suma, entendo que seja muito importante constituir esse espaço em que o processo de aquisição da língua de sinais se dá via interação e mediação com um Outro sinalizante, que compartilha de uma língua e cultura visual, o professor Surdo assume um papel fundamental no processo educacional que precisa ser objeto de debate e defesa nas políticas educacionais.



Nesse sentido, para delimitar a produção encontrada, a partir do descritor “**educação infantil para Surdos**”, mantive quinze (15) publicações, que se aproximavam de meu tema de investigação, descartadas após a leitura do resumo, como já apresentado no quadro 1 da introdução.

Como o descritor “**Deafhood**”, ou sua tradução “**Surdidade**”, não resultou nenhum trabalho, selecionei cinco publicações para análise, relacionadas no Quadro 4, com atenção a três aspectos: a base teórica utilizada, a metodologia de pesquisa empregada e os principais resultados obtidos.

QUADRO 4 - LEVANTAMENTO DE PUBLICAÇÕES NA ÁREA

Autoria com Local e ano de publicação	Título	Palavras-Chave	Gênero/autoria
<b>REIS, Flaviane</b> Mestrado em Educação e Processos Inclusivos Universidade Federal de Santa Catarina, 2006 Florianópolis – SC	Professor Surdo: A política e poética da transgressão pedagógica.	Transgressão pedagógica Professor Surdo Identidade Surda Cultura Surda.	Dissertação (autora Surda)
<b>SILVA, Bianca Gonçalves da.</b> Mestrado em Educação Universidade Federal de Pelotas, 2012. Pelotas – RS.	Memória e Narrativas Surdas: o que sinalizam as professoras sobre sua formação?	Professoras Surdas Formação Identidades docentes Narrativas	Dissertação (autora Surda)
<b>PINHEIRO, Kátia Lucy.</b> Mestrado em Educação Universidade Federal de Ceará. 2012. Fortaleza – CE	Práticas Pedagógicas Bilingues para Crianças do Instituto Cearense de Educação de Surdos.	Educação Bilíngue. Professor Surdo. Crianças Surdas.	Dissertação (autora Surda)
<b>LODI, Ana Claudia Balieiro.</b> ROSA, André Luís Matioli. ALMEIDA, Elomena Barbosa de. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL, v. 10, n. 19, 2012.	Apropriação da Libras e o constituir-se Surdo: a relação professor Surdo-Surdos alunos em um contexto educacional bilíngue.	Educação Bilíngue para Surdos. Professor Surdo. Língua Brasileira de Sinais.	Artigo Rosa e Almeida (autores Surdos)
<b>AMARAL, Maria Augusta.</b> <b>COUTINHO, Amândio.</b> Análise Psicológica. 20 (3), 373-378, 06/07/2016. Lisboa – Portugal.	A criança Surda: Educação e inserção social.	Não informa	Artigo

Fonte: Autor (2016)

Da leitura dessas publicações, selecionei cinco trabalhos, com os quais me propus a dialogar, a partir do viés teórico dos Estudos Surdos em Educação e a abordagem do conceito de “**Deafhood**”, em uma perspectiva socioantropológica. Autores como Skliar (1997, 1998), Strobel (2008) e Wrigley (1996) tem destacado a

importância de dar voz aos intelectuais Surdos em pesquisas que debatem sua educação e produção cultural.

Assim, busquei selecionar trabalhos escritos por pesquisadores subalternos Surdos, pela importância de apreender seu olhar sobre a educação de Surdos e estabelecer o diálogo Surdo-Surdo na produção de conhecimento acadêmico, como aponta Ladd para a epistemologia Surda.

A dissertação de mestrado da pesquisadora Surda Flaviane Reis, defendida em 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), intitulada **“O Professor Surdo: A política e a poética da transgressão Pedagógica”** teve como objetivo estudar a atuação do professor Surdo em sala de aula, quais seus métodos de ensino e como se estabelece o relacionamento com os alunos Surdos:

[...] meu objetivo era focalizar a prática dos professores Surdos na sala de aula para chamar atenção sobre o despertar desta pedagogia que é diferente daquela dos professores ouvintes, para ativar a pedagogia de Surdos. A sua diferença se dá devido à cultura, ou seja: à língua de sinais, à identidade, à diferença (REIS, 2006, p. 91).

Reis, já em 2006, pôs em destaque a cultura, a identidade e a diferença como elementos importantes para a formação da criança Surda. A autora defende a ideia de que os Surdos precisam ocupar um lugar na escola de modo a apontar diretrizes para a educação que eles querem. Reis pesquisa a valorização do professor Surdo e sua vivência no contexto educacional, e os aspectos de ocupação do espaço de formação, não é uma base teórica pautada em Paddy Ladd, mas há aproximação dos processos de conceitualização feita pelos dois autores, já que ela pesquisa sobre a importância do professor Surdo como modelo cultural na infância para Surdos.

Neste sentido, Paddy Ladd (2003) observa que há uma diferença quanto aos discursos que transitam em torno da educação de Surdos, cujo fio discursivo está em como o educador visualiza a presença do seu aluno:

Assim, para os ouvintes, o sistema educativo começa a ser identificado como a nascente do processo de humanização dos Surdos. Mas nos discursos Surdos, teria sido (como ainda hoje é) o fato de se reunirem como comunidade, que é a qualidade humanizadora mais importante (LADD, 2013, p. 63).

Conforme se vê o professor Surdo parte de um *a priori* diferente, já que ele tem a necessidade de constituir com seus alunos Surdos uma consciência comunitária que extrapola os muros da escola, diferentemente do professor ouvinte. Na concepção

Surda, embora a escolarização seja primordial na formação do sujeito, entende-se que a “comunidade Surda” é o dispositivo (abstrato) que traz significação e pertencimento para o Surdo. Ora, um professor Surdo tem materializado em sua história, enquanto pertencente ao povo Surdo<sup>46</sup>, um olhar diferenciado sobre a abordagem educacional e pedagógica do educando Surdo, isso resulta em uma prática e em um discurso próprio daqueles que vivem a plenitude da *Deafhood*. Problematicando as práticas pedagógicas de professores ouvintes frente aos professores Surdos, Skliar afirma que:

[...] além das crianças Surdas possuírem a potencialidade da aquisição da língua de sinais, elas têm o direito de se desenvolverem numa comunidade de pares, e de construir estratégias de identificação no marco de um processo sócio-histórico não fragmentado [...] (SKLIAR, 2013, p. 27).

A pesquisa de Reis mostra-se relevante, já que aborda a questão crucial para o processo de escolarização da criança Surda e para a prática educativa metodológica abordada pelo professor. Podemos afirmar que sua dissertação, a partir da análise das práticas professor-Surdo/aluno-Surdo, busca desenvolver uma “pedagogia Surda” como aquela:

[...] que os Surdos queremos; ter a pedagogia adequada aos Surdos, implantar uma nova pedagogia da diferença que influa na identidade, cultura, alteridade, língua de sinais e diferença aos alunos Surdos para se identificar, do além, de usar o seu jeito de ensinar. Também pensar a formação dos professores Surdos (REIS, 2006, p. 40).

Sua pesquisa teve como base os Estudos Culturais, com especial destaque para os teóricos que tratam da Identidade e Cultura, abordando autores como Stuart Hall, Michel Foucault, Veiga-Neto e os Estudos Surdos, como Carlos Skliar e Gladis Perlin. Sua pesquisa apresenta ideias desenvolvidas por Ladd na concepção de *Deafhood*, mesmo a autora desconhecendo os trabalhos do autor. Reis deteve-se em observar as narrativas dos professores Surdos em sala de aula:

Para aprofundar o conhecimento sobre a transgressão pedagógica dos povos Surdos, bem como do professor Surdo, escolhi realizar observações e colher narrativas de professores Surdos na sala de aula. Ali, na sala de aula é o

---

46 Quando pronunciamos “povo Surdo”, estamos nos referindo aos sujeitos Surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independentemente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura Surda e quaisquer outros laços (STROBEL, 2009, p. 38).

lugar onde mais facilmente se desenvolve a pedagogia dos Surdos, onde tem estratégias da pedagogia, os espaços de subjetividade, os problemas diários. Trata-se de um espaço que escolhi com vistas a essa metodologia para tomar uma boa reflexão. (REIS, 2006, p. 44 e 45)

A sala de aula foi o espaço por excelência escolhido pela autora para analisar a “pedagogia Surda”. Sua escolha foi acertada, já que é ali que o método e a didática são postos e testados em sua funcionalidade. Por sua vez, os resultados da pesquisa apontaram que a identidade do Surdo, categoria tão cara a este grupo minoritário, tem maior chance de se desenvolver quando há relação entre iguais, isto é, quando há o contato Surdo-Surdo. Daí a importância de se ter o professor Surdo em sala de aula de modo a garantir um modelo concreto de alguém cuja materialidade Surda é marcada da mesma forma que seus alunos:

Assim que o termo de identificação Surda que se envolve no processo pelo qual se identifica com o outro, seja pela língua de sinais, cultura, alteridade, diferença e do ser. [...] para que eles reconheçam a sua imagem, e identifiquem-se com ela e tornem-se conscientes de sua nova construção de ser diferente dos outros (REIS, 2006, p. 100).

Por fim, ela defende a importância das escolas de Surdos. Afirma a autora que o processo de ensino aprendizagem pautado e obtido por meio dessas escolas oferecem espaços para as mudanças preconizadas e pleiteadas pela pauta política da comunidade Surda, ainda que os resultados nem sempre fiquem em evidência:

Essas escolas de Surdos oferecem espaço a mudanças, embora seus resultados exaustivamente não sejam notados e comprovados como eficientes e seus procedimentos chegam muitas vezes a passarem despercebidos em pressupostos científicos que apontam caminhos bastante claros e possíveis. (REIS, 2006, p. 93)

A autora segue a linha argumentativa de Skliar (2013), quando formula ideias sobre uma análise educacional dos Surdos dentro de um contexto discursivo mais apropriado a sua situação linguística, social, comunitária e cultural. Segundo o autor, trata-se de produzir uma política de significações que gere outro mecanismo de participação dos próprios Surdos no processo de transformação pedagógica (SKLIAR, 2013, p.14).

Conforme investigado por Reis, a necessidade da presença do professor Surdo está em oposição aos discursos que circundam as práticas dos professores ouvintes já que estes, em sua maioria, não são fluentes em língua de sinais, muito

embora já esteja provado que a língua é crucial para a apreensão do mundo e consequente formação do sujeito,

[...] muitos professores ouvintes não são fluentes em língua de sinais, só se preocupam em ensinar o português como a primeira língua. A maioria vêem os alunos Surdos como “deficientes”, fazendo o trabalho como assistencialismo. [...] a maioria dos professores de alunos Surdos dão mais atenção a trabalhar através da audição e da fala, ao invés de tentarem preencher necessidades das informações através da experiência visual, usando a língua de sinais. (REIS, 2006, p. 63)

Esse dado reforça a visão de Ladd (2013) acerca de uma perspectiva de “normalização<sup>47</sup>” do sujeito Surdo, que está associada a um corpo normal (o corpo do professor ouvinte) frente à um corpo anormal (o corpo do aluno Surdo) (SKLIAR, 2013):

As representações sobre a língua de sinais nas escolas levam a consequências dolorosas e problemáticas para os próprios Surdos. Trata-se, [...], de que essa língua não é a língua dos professores e profissionais ouvintes (SKLIAR, 2013, p. 25).

Nessa perspectiva entendo que o professor ouvinte, não raras vezes, é capturado (ou se constitui) por um discurso hegemônico (discurso ouvinte), cujo decalque irá, invariavelmente, aparecer em suas práticas em sala de aula. Ladd enfatiza que esses discursos residem por detrás das atitudes, crenças e políticas que tem governado as comunidades Surdas (2013 p. 31). Daí que seja tão necessário, frente à hegemonia desses discursos, desenvolver instrumentos de desconstrução dos padrões ouvintes que circulam no imaginário social. O professor Surdo é essencial na construção da identidade e do sentimento de pertencimento a uma comunidade muito específica,

Para fortalecer a pedagogia de Surdos, o professor Surdo assume uma política e uma poética em visitas a transgressão. Além de tudo, a constituição da cultura, o professor Surdo tem a sua identidade e com ela interfere, motiva e impulsiona novos rumos. É muito importante assumir essa postura como professor Surdo na sala de aula, para que não haja desconstrução, mas impulso às identidades dos alunos (REIS, 2006, p. 112).

---

<sup>47</sup> Reis utiliza citação de Lunardi para explicar que a “educação especial como um dispositivo de normalização, ao diagnosticar a surdez como uma anormalidade, lança mão de suas estratégias terapêuticas e corretivas, a fim de docilizar, disciplinar, “ouvintizar” os sujeitos em indivíduos produtivos e governáveis para os pressupostos da episteme moderna. (REIS, 2004, p.23).

As políticas educacionais devem, pois, convergir para aquilo que Skliar (2013) menciona como reconstrução histórica dos Surdos sobre a sua educação e sua escolarização. Tais políticas devem levar em conta, ainda, a relevância do contato da criança Surda com adultos Surdos,

Para todas estas crianças que estiverem em contato com adultos Surdos, tanto a informação recolhida como a avaliação positiva da Surdidade ajudou-os e aos seus colegas não apenas a resistir ao paradigma da surdez, mas também começarem a representar-se a si próprio e à sua Surdidade (LADD, 2013, p. 111).

Por fim, cumpre-me esclarecer que, embora Reis não tenha trabalhado com o conceito de *Deafhood*, nas entrelinhas do seu discurso é possível perceber que ela também acredita que o contato professor Surdo-aluno Surdo é primordial na educação de Surdos, pois abarca uma concepção sócio-histórica que enfatiza a pessoa Surda como autora de sua história e protagonista do saber sobre si.

Passo ao segundo estudo feito pela pesquisadora Surda Kátia Lucy Pinheiro, em 2012, intitulado **“Práticas Pedagógicas Bilíngues para Crianças do Instituto Cearense de Educação de Surdos.”** A dissertação de mestrado, defendida na UFC (Universidade Federal do Ceará), teve por base teórica os Estudos Surdos em Educação e estudos de Bakhtin sobre concepção de linguagem. Em sua introdução a pesquisadora abordou a história da Educação dos Surdos ao redor do mundo, em nosso país e no estado do Ceará. Seu objetivo geral foi investigar as práticas pedagógicas do professor Surdo em salas de crianças que ingressam no Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES) e suas implicações para a educação bilíngue (PINHEIRO, 2012, p. 25). Seus objetivos específicos seguem elencados:

Identificar as práticas pedagógicas bilíngue do professor Surdo; verificar a utilização de recursos visuais adequados à concepção educação bilíngue na sala de aula; conhecer e identificar no projeto político pedagógico (PPP) aspectos que contemplam o ensino bilíngue de Surdos da escola e sua implicação na prática pedagógica e metodologia do professor Surdo (PINHEIRO, 2012, p. 25).

Os objetivos apresentados pela autora são relevantes e fazem parte dos debates que circulam hoje nas políticas que contemplam a educação bilíngue, já que a positivação da escola bilíngue enquanto direito faz parte da agenda política do movimento Surdo.

Sua pesquisa teve por metodologia a pesquisa documental – em especial, o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola – e a entrevista com um professor Surdo. Acerca do professor foi investigada a história da sua formação, os desafios profissionais por ele enfrentados e a sua prática pedagógica bilíngue junto às crianças Surdas, inclusive, a pesquisadora traz o relato do próprio professor Surdo sobre a importância do contato Professor Surdo – aluno Surdo,

Eles assimilam de mim, o jeito de sinalizar. Com professores ouvintes eles demoram a aprender porque professores conversam oralmente e os alunos ficam apáticos. Com um professor Surdo eles se desenvolvem rapidamente. Por causa do jeito de sinalizar que é assimilado pelos alunos, por causa do contexto em que se encontram. Isso é o estímulo que eles precisam [...] (PINHEIRO, 2012, p. 77).

Em determinada trecho do seu trabalho de dissertação, a pesquisadora enfatiza a fluência do professor pesquisado assim como o fato deste compartilhar das mesmas experiências visuais de seus alunos,

Sendo José Surdo, ele não é apenas fluente na língua de sinais, mas também partilha das mesmas experiências visuais de seus alunos. Isso pode implicar positivamente no desenvolvimento da aprendizagem da criança, como afirmam Passos e Veiga (1992) (PINHEIRO, 2012, p.75).

Mais à frente, meio que na contramão dessa constatação, a autora destaca as práticas oralistas do professor investigado, a falta de conhecimento teórico da língua de sinais, o uso da língua portuguesa como recurso metodológico e a ausência de formação específica para o ensino da Libras,

José usa como estratégia o ensino de sinais isolados, descontextualizados, partindo primeiramente da imagem, em seguida palavra escrita em português e, por último, o sinal em Libras associado a esta. Essa metodologia de ensino de Libras às crianças da “educação infantil” do ICES vai de encontro à afirmação de Kozlowski de que a língua de sinais é adquirida por meio da interação da criança Surda com o adulto Surdo, e não ensinada (PINHEIRO, 2012, p. 80).

Por outro lado, afirma, ainda, a pesquisadora Surda que embora o professor fosse Surdo sinalizante e pudesse contribuir com “a formação da identidade, língua e cultura das crianças por ele assistidas, isso por si só não bastaria para se afirmar que a educação ofertada é bilíngue” (PINHEIRO, 2012, p. 87).

Campello e Ferreira Rezende (2014), pesquisadoras Surdas, em seu artigo “Em defesa da escola bilíngue para Surdos: a história de lutas do movimento Surdo



brasileiro” citam o Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa do Grupo de Trabalho do MEC/SEESP, do qual fizeram parte para definir escolas bilíngues como espaços

[...] onde a língua de instrução é a Libras e a Língua Portuguesa é ensinada como segunda língua, mediada pela língua de instrução, Libras; essas escolas se instalam em espaços arquitetônicos próprios e nelas devem atuar professores bilíngues, sem mediação por intérpretes e sem a utilização do português sinalizado. Os alunos não precisam estudar no contraturno em classes de Atendimento Educacional Especializado – AEE, dado que a forma de ensino é adequada e não demanda atendimento compensatório (CAMPELLO; FERREIRA REZENDE, 2014, p. 85).

Refletindo acerca desse conceito “escola bilíngue”, pude constatar que, embora, a escola, objeto da pesquisa, seja definida pela autora como “escola bilíngue para Surdos”, fica para o leitor a séria dúvida de que se trata de uma escola bilíngue, realmente. Uma das definições de escola bilíngue prioriza a ideia da língua de sinais como língua de instrução da criança Surda:

O modelo para ensino bilíngue é baseado na premissa de que a criança Surda tenha a Língua de Sinais (LS) como sua primeira língua, mesmo que para a maioria dos indivíduos Surdos isto deva ser oportunizado por um suporte extra tendo uma língua primária que sirva de base para o ensino de uma segunda língua para as crianças Surdas (SVARTHOLM, 2014, p. 36).

De igual modo, em documento elaborado por um grupo de trabalho (GT) criado pelo MEC/SEESP, em 2014, ao tratar sobre a política de educação bilíngue, enfatiza a aquisição da língua de sinais como principal objetivo do espaço escolar:

A Educação Bilíngue de Surdos envolve a criação de ambientes linguísticos para a aquisição da Libras como primeira língua (L1) por crianças Surdas, no tempo de desenvolvimento linguístico esperado e similar ao das crianças ouvintes, e a aquisição do português como segunda língua (L2). [...] O objetivo é garantir a aquisição e a aprendizagem das línguas envolvidas como condição necessária à educação do Surdo, construindo sua identidade linguística e cultural em Libras e concluir a educação básica em situação de igualdade com as crianças ouvintes e falantes do português (BRASIL, 2014, p.6).

Com estes e outros parâmetros em mente, “pincei” uma série de apontamentos feitos pela pesquisadora acerca da “escola bilíngue” investigada, os quais estão em franca oposição ao modelo pleiteado pelo movimento Surdo:

[...] Há apenas um professor Surdo na escola: [...] o instituto mantém em seu quadro funcional um professor Surdo polivalente que atua em sala de crianças com idade que compreende de 7 a 14 anos (p. 22);

[...] O PPP da escola informa que possui uma sala de “educação infantil” bilíngue, porém, constata-se que a sala tem apenas a função de “acolhimento em Libras” (p. 23);

[...] A escola não possui um corpo linguístico sinalizante que possa assim contribuir para um ambiente favorável a aprendizagem de Libras e assim se constituir como escola bilíngue (p.23);

[...] O único professor Surdo tinha práticas oralistas (p. 23);

[...] O conhecimento de Libras desse professor se limitava ao uso prático da língua (p. 23);

[...] O professor no ensino da Libras, fazia uso da língua portuguesa como recurso metodológico. Ora o português na base do ensino descaracteriza a Libras como língua de ensino/instrução (p.23);

[...] O Professor Surdo não possui formação específica para o trabalho de ensino de Libras na educação infantil (p.24);

[...] A sala de aula não é adequada para proporcionar um ambiente linguístico favorável, pois trata-se de uma simples sala de acolhimento (p. 24);

[...] A sala de acolhimento não possui espaço suficiente para atividades lúdicas e fica deste modo destituída para o estímulo visual necessário à aprendizagem da língua de sinais (p.24). (PINHEIRO, 2012, p. 21 - 24).

É evidente que no processo formal de ensino-aprendizagem não basta ter um adulto Surdo como modelo linguístico. Para tarefa de tamanha complexidade, outras questões estão implicadas, tais como a metodologia de ensino de L1, a formação docente específica e o material/espço didático utilizados. Importante esclarecer que a força de uma escola bilíngue não cabe a “um” sujeito e sim a uma coletividade imbuída de um mesmo ideal. A terminologia “escola bilíngue” traz em seu significado um feixe de conceitos e ações que são imprescindíveis para que esta possa se materializar na prática.

Enfatizo que tomar apenas o sujeito como o cerne do processo pedagógico empreendido em sala de aula é um equívoco, já que só o educador não é capaz de sozinho, fazer florescer ambiente escolar propício ao bilinguismo.

Para além das práticas de um professor, é necessário que o ambiente em que ele se encontra seja bilíngue, uma vez que a *Deafhood* não se afirma em um sujeito isolado, mas sim no encontro com pares Surdos em seu processo de descolonização por um espaço legítimo para a disseminação da língua de sinais e avaliação de suas práticas pedagógicas (pedagogia Surda, como explicou Flaviane Reis). A comunidade Surda (e a escola bilíngue como extensão significativa desse grupo minoritário) não se afirma na individualidade, mas sim na possibilidade de efetivar o encontro entre os pares e assim constituir um espaço legítimo que contemple suas especificidades,

Surdidade [...] representa um processo – a luta por que passa cada criança Surda, família Surda e adulto Surdo para explicar a si próprios e aos outros a sua existência no mundo. Ao partilharem as suas vidas uns com os outros enquanto comunidade, e governando-se por essas explicações, [...] as pessoas Surdas envolvem-se numa práxis, num diálogo interno e externo continuado (LADD, 2013, p.3-4).

Em suma, toda e qualquer prática pedagógica sempre e necessariamente deve estar inserida em um contexto pedagógico maior, daí que a pedagogia Surda defendida pela autora só seria viável em um contexto que favorecessem tais ações. Para além da análise da pesquisadora Kátia Lucy Pinheiro, ousar afirmar que quando penso em escola bilíngue penso em questões mais amplas e complexas, assim como afirma Svartholm sobre comunidades linguísticas, a criança Surda necessita ter:

[...] oportunidade de interagir naturalmente com outras, e de participar de comunicação significativa e fluente com outros indivíduos e em grupos – deve ser central para qualquer programa ou filosofia educacional que se refira a crianças Surdas [...]. Todas essas crianças necessitam de uma variedade de modelo linguístico a sua volta para garantir o acesso a língua visualmente acessível em uso (SVARTHOLM p. 48,2014).

Cabe destacar, também, que embora o professor Surdo investigado pela pesquisadora estivesse submetido ao trabalho em uma escola que se autodenominava “bilíngue”, fica evidenciada que as práticas desenvolvidas não legitimavam o significado desse adjetivo. Nesse viés, o professor estava refém da instituição e submetido a uma prática institucional monolíngue, monocultural e com ações (pseudo) inclusivas.

Embora a pesquisadora não use o quadro referencial de Ladd, em certa medida, sua pesquisa deixa margem para uma leitura da epistemologia Surda que poderia contemplar aspectos relacionados à fluidez de um corpo Surdo que interage no/e com o mundo a partir de experiências visuais.

Vemos aí, portanto, certa correspondência com as ideias veiculadas por Ladd:

[...] estas crianças que estiveram em contato com adultos Surdos, tanto a informação recolhida como a avaliação positiva da Surdidade ajudou-os e aos seus colegas não apenas a resistir ao paradigma da surdez, mas também a começarem a representar-se a si próprios e à sua Surdidade (LADD, 2013; p. 111).

Pinheiro apoiou o seu estudo em uma “escola bilíngue”, todavia, na prática e conceitualmente, uma escola que tenha apenas um professor Surdo, como era o caso, não pode ser categorizada como uma escola bilíngue, pelos argumentos já expostos

em que o contexto das políticas públicas não procura abraçar os trabalhos e pesquisas da área com importantes referências no campo dos Estudos Surdos, que valorizam a experiência do Surdo.

Pois bem, ao deixar de problematizar esse ponto, a pesquisadora não dialoga com Paddy Ladd e acaba por incorrer em uma série de julgamentos equivocados (a que todos estamos sujeitos se não nos aferrarmos com afinco ao rigor metodológico). Um deles é que a pesquisadora passa a culpabilizar o professor Surdo por seus métodos oralistas de ensino de Libras para as crianças Surdas, quando, na verdade, fica evidenciado, que o educador Surdo pesquisado é também vítima de uma prática institucional monolíngue, monocultural e com ações pseudoinclusivas. Nós, os subalternos Surdos, não queremos ser vitimizados, mas também não podemos ser culpabilizados pelas práticas ouvintistas que historicamente nos oprimiram/oprimem nas instituições escolares. Precisamos denunciar e também apontar caminhos. Nossa voz precisa ser vista/ouvida.

O terceiro trabalho, **“Memória e Narrativas Surdas: O que sinalizam as professoras sobre sua formação”** foi escrito pela pesquisadora Surda Bianca Gonçalves Silva, em 2012, na UFPel (Universidade Federal de Pelotas), e teve por objetivo analisar as práticas do professor Surdo em sala de aula e as histórias de vida de cada, por meio de pesquisa de abordagem qualitativa. Sua dissertação teve base teórica dos Estudos Surdos em Educação, com especial destaque para Skliar (1998), entre os autores referenciados. Teve como foco a valorização da identidade, da cultura e da língua de sinais em contraponto à visão clínica da surdez:

Com esses estudos, começa a se travar uma luta contra a compreensão da surdez como deficiência, levando-se em consideração a forma como os Surdos querem se narrar e serem narrados. A visão dos Surdos como pessoas deficientes, doentes e impossibilitadas de serem felizes – experiências que são marcadas a partir de uma falta – não é a base para estudar para subsidiar os Estudos Surdos (SILVA, 2012, p. 19).

A pesquisadora destacou a cultura Surda e os discursos produzidos no seu entorno, em especial o discurso da normalização, como categoria importante para se compreender o lugar do Surdo na atualidade:

As análises aqui problematizadas sobre os discursos acerca da cultura Surda ganham destaque, pois os Surdos são um grupo minoritário que vem lutando para que sua cultura seja respeitada com legitimidade no contexto político-social, por meio de discursos situados no campo da diferença (SILVA, 2012, p. 23 a 34).

Embora Bianca Silva não utilize o conceito de *Deafhood*, fica explícito no seu trabalho investigativo, que a autora baseia-se na contribuição de Carlos Skliar na busca por um olhar que tenha como premissa a constituição de um “sujeito cultural”, campo teórico discursivo de Paddy Ladd, já que ele adota uma epistemologia que enuncia uma “maneira Surda” (*Deaf Way*) de pensar, de ver o mundo; resumindo, epistemologias Surdas (LADD, 2013, p. 19).

Ladd (2013) participa, junto com Skliar (1998, 1999), do mesmo momento histórico de denúncia do audismo/ouvintismo na constituição da diferença Surda, refina essa ideia acrescentando-lhe a perspectiva que põe em evidência a cultura Surda como instrumento de promoção da própria *Deafhood*. É nítida a aproximação teórica discursiva entre Ladd e Skliar, pois, ambos se situam em um mesmo território discursivo que propõe a ruptura com a narrativa mestra da deficiência para a constituição de uma epistemologia que contemple a diferença Surda em termos culturais.

Skliar (2013, p.13), por sua vez, embora não nomeie, de modo categórico e definitivo a categoria *Deafhood*, apresentou os alicerces das narrativas que passaram a definir a surdez como diferença política, repercutido no meio acadêmico como modelo socioantropológico da surdez.

Feita essa explanação sobre os campos teóricos aqui investidos, volto à pesquisa de Silva que toma como principal norte os escritos de Skliar. Ao pesquisar a formação de professores Surdos, a autora atenta-se nas narrativas desses sujeitos e nos discursos que permeiam a prática desses docentes.

Entendo que através das narrativas dos professores Surdos, em formação, vão se criando discursos sobre um fazer docente, modos de agir e construir suas práticas. Isso é um processo de autoformação, pois envolve histórias de vida, memórias e todo o jogo de significados que será utilizado em prol do sujeito que forma e que se forma (SILVA, 2012).

Ora, o discurso orienta a prática e é sobre essas práticas que de forma dialética constituem-se realidades. Analisar sobre que aspectos é construído o saber do professor Surdo é de real importância para a formação desse sujeito cultural já que essa sua visão sobre si, o mundo e o seu próximo será incorporada à prática com os alunos Surdos. A representatividade, portanto, tem aí um valor calcado na prática e no campo discursivo narrado por esse professor.

Para a coleta de dados dos discursos dos professores, a autora usou como técnica a entrevista semiestruturada, captando assim as experiências dos docentes Surdos durante a sua formação e tendo por foco de análise os elementos do discurso que apontavam para as identidades dos docentes: “as análises contemplam pontos que se destacaram nas entrevistas por apresentarem elementos que dizem respeito sobre as identidades dos docentes” (SILVA, 2012, p. 95). Em suma, a pesquisadora destacou-se na sua tentativa de compreender como os sujeitos Surdos entrevistados tornaram-se professores através das narrativas de memórias que envolveram suas histórias de vida pessoal, escolar e prática docente,

Muitas dessas Histórias emergiram através das lembranças das experiências vividas no tempo da escola. Com as Histórias que envolvem os processos de escolarização, foi possível compreender como a escolha pela docência foi acontecendo e constituindo as identidades docentes de cada uma delas. (SILVA, 2012, p. 29)

Decorrem da abordagem metodológica da pesquisadora os depoimentos de professores Surdos que contam a sua trajetória e que apontam as barreiras encontradas no seu processo de formação, em cujos discursos é possível vislumbrar que eles não querem ser marcados como “deficientes de audição” (REZENDE, 2012, p. 44), subestimados em suas “peculiaridades linguísticas e culturais com as propostas de correções dos corpos Surdos, uma invenção no campo da medicina” (REZENDE, 2012, p. 44),

Cada história é composta por narrativas Surdas, histórias de vida, memórias e jogos de significados, por meio dos quais os professores Surdos vão trazendo luz em torno dos discursos que circundam o fazer docente, seu modo de agir, de construir suas práticas e de compor diferentes identidades.

Nas palavras de Skliar:

Nos documentos oficiais e nos discursos das instituições da educação especial, é frequente encontrar a utilização do termo diversidade; diversidade, neste e em outros contextos mais amplos, retrata uma estratégia conservadora que contém, obscurece, o significado político das diferenças culturais, a ambiguidade – e a hipocrisia – com que se pensa e se constrói a diversidade, gera como consequência, no melhor dos casos, a aceitação de um certo pluralismo que se refere sempre a uma norma ideal (SKLIAR, 1998, p. 21)

Por fim, os resultados encontrados pela autora apontam para a importância da pedagogia Surda e da identidade docente produzida através das marcas e caminhos de uma cultura Surda:

Ao ressignificarem suas Histórias de formação, evidenciam a pedagogia Surda. Mais do que entender o processo de construção da identidade docente, acredito que este trabalho possibilitou a essas professoras perceberem que essas identidades estão sendo produzidas culturalmente, e que essa produção acontece na medida em que elas, no cotidiano de suas práticas, criam uma pedagogia Surda (SILVA, 2012, p. 97).

Reconheço que as identidades são complexas e plurais e que sendo elas formadas em determinados campos discursivos, há a necessidade de se pensar com maior profundidade a complexidade da formação dos professores Surdos, assegurando-lhes uma base discursiva pautada na *Deafhood*.

Passo, agora, à análise de um artigo que recebeu o título de **“A criança Surda: Educação e inserção social,”** das pesquisadoras ouvintes Amaral e Coutinho (2002), responsáveis por uma escola de Surdos, em Portugal, que se voltou à investigação acerca da importância de se estimular a língua natural das crianças e adolescentes portugueses Surdos no espaço escolar, uma vez que a sua ausência acarreta prejuízos irreparáveis na constituição intelectual, social e emocional destes sujeitos. Achemos interessante trazer essa obra para avaliar as influências de pensamento do Paddy Ladd na Europa, com olhar na educação de Surdos em Portugal, pelas autoras não surdas aliadas:

A ausência do indispensável intercâmbio social e da linguagem leva a que a criança Surda fique reduzida a um mundo restrito e imediato ficando, assim, afetada, de forma quase sempre irreparável, no seu crescimento intelectual, social e emocional. São estas as razões porque as crianças Surdas apresentam tantas dificuldades em operações como categorizar, generalizar, projetar ideias abstratas, refletir, manipular imagens, hipóteses e possibilidades (AMARAL; COUTINHO, 2012, p. 374).

O artigo aborda as alterações à Constituição Política da República Portuguesa (1997) no que concerne as minorias, em especial, o artigo 74:

Quando contempla a comunidade dos Surdos portugueses estabelecendo o seguinte: Proteger e valorizar a língua gestual portuguesa enquanto expressão cultural, instrumento de acesso à educação e à igualdade de oportunidades (AMARAL; COUTINHO, 2002, p. 375).



Chama a atenção que, diferentemente do que ocorreu no Brasil, onde até hoje os Surdos não são contemplados na lei maior, a Constituição Portuguesa inseriu os Surdos na carta magna do país já em 1997 e lá há escolas, como a dirigida pelas pesquisadoras, que estão preocupadas em implementar uma nova política educacional para Surdos:

A razão de neste momento emparceirarmos com os países mais evoluídos nesta matéria só nos pode encher de orgulho mas esse orgulho só é lícito se soubermos programar, implementar e testar esta nova filosofia educativa para os Surdos, que passará definitivamente por um trabalho com os pais, familiares, educadores, professores e demais intervenientes na educação da criança Surda e ainda pela procura de metodologias e estratégias educativas que sirvam amplamente esta nova filosofia (AMARAL; COUTINHO, 2002, p. 375).

Pensando no Brasil, Skliar (2013) categoriza a questão dos possíveis fracassos ao processo de aprendizagem do Surdo, não na surdez, mas sim nas práticas pedagógicas engessadas pelo viés normalizador. Segundo ele, somente poderemos pensar em um projeto educacional mais amplo quando a língua de sinais estiver ao alcance de todos os Surdos, o qual deve ser o principal mote de uma política educacional voltada para os Surdos.

Nesse ponto, as autoras afirmaram que a Língua Gestual Portuguesa (LGP) é a chave para superar as desigualdades pelas crianças e jovens Surdos e que é, através dela, “que podem ser eliminadas definitivamente as causas de todo o fracasso e discriminação” (AMARAL; COUTINHO, 2002, p. 375). Ressaltam, também, que o professor Surdo corporifica o modelo bilíngue que se pretende nas escolas e que se faz necessário um bilinguismo que se ajuste e dê respostas às particularidades de cada aluno:

No fundo, o perfil do professor Surdo corporiza o modelo bilíngue que pretendemos para os alunos Surdos, obviamente, cada um à sua escala. Sabemos, à partida, que na educação de Surdos não se deve pretender conseguir um modelo bilíngue único, rígido, mas um modelo que se ajuste e dê respostas às capacidades individuais de cada aluno (AMARAL; COUTINHO, 2002, p. 377).

Há, no artigo, uma série de recomendações sobre o que devem as escolas que se propõem “bilíngues”, evitar, quando se fala em educação de Surdos:

- manter as crianças Surdas isoladas da sua comunidade;
- confiar a sua educação a docente sem preparo;
- sujeitar as crianças Surdas a situações de pseudo-integração ou pseudo-inclusão;
- não informar corretamente os

pais sobre o encaminhamento mais adequado para as crianças (AMARAL; COUTINHO, 2002, p. 378).

As pesquisadoras, enfim, apontam para uma “plena inserção social da pessoa Surda” (AMARAL; COUTINHO, 2002, p. 378), o que poderíamos entender como a busca do *Deafhood*, vale dizer, por um olhar que emancipe e não tente normalizar a língua e a condição Surda.

A quinta publicação analisada é um artigo intitulado **“Apropriação da Libras e o constituir-se Surdo: a relação professora Surdo-alunos Surdos em um contexto educacional bilíngue** (LODI; ROSA; ALMEIDA, 2012), ” de autoria de aliados não Surdos, apresenta discussão sobre a relevância do professor Surdo nos processos constitutivos das crianças como sujeitos Surdos a partir da possibilidade de apropriação da Libras, à luz da teoria discursiva e enunciativa de Bakhtin.

Os sujeitos analisados foram um professor Surdo e crianças Surdas de uma pequena cidade do interior de São Paulo e, embora o professor Surdo analisado tenha se graduado em Letras Libras, nunca havia atuado na educação básica.

O professor Surdo, contratado pelo município, atua no ensino de Libras há 14 anos. Possui certificação de instrutor de Libras pela Feneis e é considerado um dos líderes da comunidade Surda da região em que vive. No ano de 2011, graduou-se no Curso de Letras-Libras, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), polo Universidade de São Paulo (USP). No entanto, apesar de toda a experiência acumulada pelo professor, sua prática, até o ano de 2010, centrou-se no ensino de Libras na educação superior; era a primeira vez que ele atuava em uma escola de educação básica e, portanto, com crianças Surdas, fato que demandou que uma formação específica fosse com ele iniciada, e esteve sob responsabilidade das autoras desse artigo (LODI; ROSA; ALMEIDA, 2012, p. 10).

O trabalho inicial buscou enfatizar o estabelecimento de interações discursivas, envolvendo relatos de experiências do cotidiano das crianças, do professor e atividades lúdicas (LODI; ROSA e ALMEIDA 2012, p. 10). As observações duraram dois anos, ao longo dos quais foi possível constatar que a Libras foi a língua que possibilitou às crianças Surdas a construção de conhecimentos, leitura de mundo, do outro e de si mesmas:

Pode-se afirmar, ao se considerar os processos que antecederam a contratação do professor Surdo e os observados no decorrer dos dois anos de trabalho investigados, que a presença deste profissional na escola foi

fundamental para mudanças socioculturais e, portanto, linguísticas, no desenvolvimento das crianças [...]. Este processo foi determinado e determinante de uma transformação na maneira de cada uma olhar-se como Surdas, assumindo a Libras como a língua que possibilita a construção de conhecimentos, leitura de mundo, do outro e de si mesmas (LODI; ROSA; ALMEIDA, 2012, p. 17).

Os autores concluíram que o contato das crianças com o professor Surdo, diferentemente do que acontecia quando estas tinham contato só com professores ouvintes que não sabiam língua de sinais, possibilitou a elas a sua constituição como sujeitos Surdos, distintos e singulares. Como consequência, constatou-se a diminuição no uso de “gestos, mímicas, vocalizações e sinais isolados, que gradativamente foram substituídos por enunciados em Libras” (LODI; ROSA; ALMEIDA, 2012, p. 17). Percebeu-se, ainda, que as crianças incorporaram vários elementos de polidez, importantes para a cultura Surda:

Passaram a tocar o outro de forma delicada, acenar com as mãos, bater à mesa em situações de grupo e acender e apagar as luzes para chamar a atenção do outro, em substituição ao grito e ao bater as mãos utilizados inicialmente, pelas crianças, quando apenas no contato com ouvintes (LODI; ROSA; ALMEIDA, 2012, p. 17).

Interessante notar que este foi o único trabalho que associou, de modo efetivo, o professor Surdo e o aluno Surdo em um contexto educacional bilíngue, tal como entendemos seu sentido.

O diálogo com todos esses trabalhos reforça a lição de Paddy Ladd sobre a necessidade de compreendermos *Deafhood* como uma experiência de apreender os Surdos como integrantes de um grupo cultural e em transformação. *Deafhood* não se afirma em um sujeito isolado, mas, sim no coletivo. É na coletividade, e não no sujeito isolado que se constrói um espaço real e legítimo para a formação linguística, cultural e identitária do Surdo.

Ao aplicar esse conceito ao bilinguismo das escolas, não basta materializar a proposta na presença de um único professor Surdo que, mesmo fluente em Libras e com identidade Surda positiva, não garante o ambiente linguístico e cultural que caracterizaria uma escola bilíngue para Surdos.

Abordamos aqui diante da análise das pesquisas de campo, vendo o trabalho de professores Surdos no contexto das escolas e o relacionamento deste profissional com os alunos Surdos, é evidente que o trabalho de Ladd com o *Deafhood* pode ser utilizado para ampliar e efetivar a educação bilíngue na infância, em nosso país,

trazendo como principal contribuição o fortalecimento da identidade, da cultura visual e da língua de sinais, como estratégia para as mudanças culturais em direção à descolonização dos Surdos nas escolas.

### 3.2 AS MÃOS DOS PESQUISADORES SURDOS EM DIÁLOGO COM PADDY LADD

Explico que o título dessa seção possui um antagonismo intencionalmente provocado. Tendo o intuito de apresentar a visão dos participantes dessa pesquisa, trago não em exato a voz (tão cara aos ouvintes), mas as mãos de intelectuais Surdos que protagonizam o pensamento Surdo em espaços acadêmicos e concomitantemente nas comunidades Surdas brasileiras. A palavra "mãos" nesse contexto pode ser interpretado como "voz", salientando o sentido de representatividade em uma perspectiva Surda, que altera para si a linguagem fazendo-o se converter ao corpo Surdo. O lugar "pelo qual se fala", seria, portanto, o "lugar de sinalização", as mãos são a luz que permitem não silenciar.

Nesta seção iremos detalhar a segunda etapa dos procedimentos metodológicos desenvolvidos na pesquisa que tratam da pesquisa descritiva, utilizando o questionário estruturado bilíngue como técnica de coleta de dados, objetivando levantar opiniões sobre o tema *Deafhood* com um grupo específico de pesquisadores subalternos Surdos brasileiros que dialogaram com as principais ideias de Paddy Ladd em suas produções acadêmicas.

No total, foram cinco os intelectuais Surdos selecionados, mas apenas quatro responderam a minha solicitação. A escolha desses intelectuais justifica-se por buscar dar voz aos pesquisadores Surdos que têm sido referência nacional no campo acadêmico e da política pública, ao encontro da afirmativa conceitual de Ladd de termos um conjunto de pesquisadores e subalternos que produzem conhecimento teórico na perspectiva Surda e nos caminhos dos Estudos Surdos.

A escolha desses pesquisadores se justifica por que atualmente eles são referência na comunidade acadêmica e na comunidade Surda com foco de pesquisa nos Estudos Surdos, tendo diversas publicações, entre os quais, artigos, dissertação e tese de doutoramento. Algo que vale ressaltar é que estes pesquisadores Surdos possuem trajetórias marcadas pela experiência visual, pela identidade Surda, pela luta

dos direitos e da visibilidade da comunidade Surda, bem como pela luta contra a colonização ouvinte e seus discursos que subalternizam os Surdos na sociedade.

Nessa perspectiva, acredito que essas cinco pessoas possam me auxiliar a responder a minha pergunta de pesquisa, porque além da experiência e da vivência Surda de cada um deles também existe o fato deles terem usado Paddy Ladd como referencial teórico em suas publicações, ou pesquisa de doutorado. A escolha não foi apenas subjetiva, o caráter principal da escolha se deu pela proeminência de suas pesquisas e por suas temáticas que se concentram dentro dos Estudos Surdos em Educação, estabelecendo relação com os conceitos como Cultura Surda, Literatura Surda, Libras e Identidade Surda.

Começo por Gladis Perlin. Ela é a primeira doutora em educação, formada por uma universidade pública, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2003, com título “O ser e o estar sendo Surdo: alteridade, diferença e identidade”. Fez o Pós-Doutorado, em 2014, também na UFRGS e atua como professora da Universidade Federal de Santa Catarina.

FIGURA 7 - GLADIS PERLIN



Fonte: Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9965241502111110>>

Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Surdos, atuando principalmente nos seguintes temas: Surdez e diferença, Cultura, Educação e Identidade. Suas publicações mais conhecidas tratam do tema das Identidades Surdas.

Outra importante intelectual Surda é Karin Strobel é doutora na área de educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2008, e sua tese de doutorado tem o título “Vestígios culturais não registrados na história”, defendida na linha de pesquisa educação e processos inclusivos, orientada pela Profª Drª Ronice Muller de Quadros, traz uma importante discussão dos conceitos de “História Cultural dos Surdos”, “Povo Surdo”, “Cultura Surda” e “Identidade Surda”.

FIGURA 8 - KARIN LILIAN STROBEL



Fonte: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6652911914719737>

Depois da tese, publicou e teve como desdobramento o livro muito famoso “As imagens do Outro sobre a cultura Surda” (STROBEL, 2009), que traz questionamentos e reflexões acerca da forma como a sociedade vê os indivíduos Surdos, a cultura e a existência de um povo Surdo. É professora da UFSC e Coordenadora do Curso de Letras Libras. Como Gladis Perlin, também é uma referência nacional como pesquisadora no campo da epistemologia Surda, revelando como o Historicismo e seus registros esvaziaram a história dos Surdos e da Cultura Surda na educação, enfatizando a colonização dos ouvintes e suas representações sociais clínicas dos sujeitos Surdos.

Karin Strobel é ativista Surda e foi diretora nacional da Feneis na gestão mais combativa dos últimos anos, já que conduziu um movimento nacional em defesa das escolas bilíngues no Plano Nacional de Educação e protagonizou a passeata que levou 4 mil pessoas à Brasília, contra o fechamento do INES.

Cacau Mourão, como é conhecido na comunidade Surda, é doutor e mestre Literatura Surda, no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela Linha de Estudos Culturais em Educação. Atualmente é professor de Libras da UFRGS e desenvolve pesquisas no campo da Literatura Surda. É autor de livros de Literatura Surda-Infantil: “As Luvas Mágicas do Papai Noel”, em coautoria de Alessandra Klein (2012) e “A Fábula da Arca de Noé” (2013) que valorizam a Cultura Surda na infância a adolescência de Surdos bilíngues.

FIGURA 9 - CLÁUDIO HENRIQUE NUNES MOURÃO

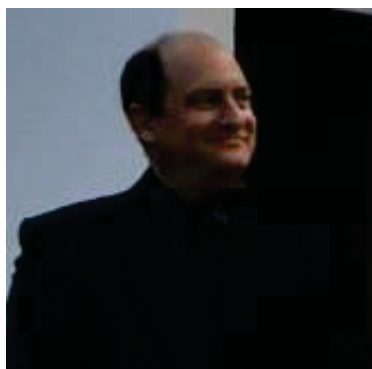


Fonte: Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0418256905278517>>

Responsável pela organização do projeto “Sarau Arte de Sinalizar”, na UFRGS, defende o movimento da Cultura Surda para fortalecer as mãos sinalizantes em contos, poesias, narrativas e humor. Símbolo da história do movimento das artes do Povo Surdo gaúcho, Cacau Mourão tem o reconhecimento nacional como intelectual Surdo, considerado o “Pai da Literatura Surda” brasileira.

Rodrigo Rosso Marques é Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com a tese “A experiência de Ser Surdo: uma descrição fenomenológica”, apresentada em 2008.

FIGURA 10 - RODRIGO ROSSO MARQUES



Fonte: Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4268087276777942>>

É professor adjunto da UFSC e foi o primeiro Surdo a exercer um importante cargo de gestão na chefia do Departamento de Artes e Libras - DAL (2014-2016), além de ser Coordenador do Curso de Graduação em Letras- Língua Brasileira de Sinais (2011-2013). Fundou a Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras, da UFSC, que descreve as Normas Surdas (ABNT) para apresentação de trabalhos acadêmicos em Libras.



A pesquisa de campo foi iniciada após o cadastro do projeto na Plataforma Brasil e Comitê de Ética com o nº 1.684.893, no mês de agosto de 2017. O instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário estruturado na modalidade bilíngue – Libras e língua portuguesa (APÊNDICE 1) e enviado para os participantes por meio de e-mail, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2), no mês de agosto de 2017.

FIGURA 11 - QUESTIONÁRIO EM LIBRAS PARA PARTICIPANTES SURDOS



Fonte: Arquivos do Autor (2017)

Sobre a coleta de dados, é importante frisar que a escolha pela elaboração e aplicação de questionário estruturado deu-se em virtude do pouco tempo no mestrado destinado para a coleta de dados, ou seja, entre o curto período de dois anos para cursar todas as disciplinas do programa, orientações, estudos, coletas e análise dos dados. Outro ponto que levamos em consideração também foi pelos fatores da facilidade e agilidade no envio e adesão pelos participantes. Pela pouca experiência de pesquisa acadêmica, julguei que o questionário seria o instrumento mais adequado aos objetivos da pesquisa. Por outro lado, a escolha do questionário estruturado, permitiu que todos os pesquisadores Surdos expressassem perspectivas sobre a mesma pergunta.

O uso pela modalidade bilíngue no questionário (versão em Libras e português escrito) é uma inovação metodológica dessa pesquisa, já que os instrumentos de coleta de dados e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, são geralmente apresentados em língua portuguesa.

Para atender ao direito à informação e comunicação dos participantes Surdos em Libras, sua língua de identificação cultural e também a minha, como pesquisador, organizei esse material na modalidade bilíngue, com visibilidade à língua de sinais nos procedimentos metodológicos empregados. Também uma versão do questionário

na modalidade escrita do português, que, de acordo com a Lei 10. 436/2002, a Libras, não substituirá a língua portuguesa.

As perguntas que compõem o questionário foram fruto de grande reflexão proporcionada durante o processo de formação que tive, enquanto cursava o mestrado. Elas foram elaboradas com o intuito de observar, objetivamente, se os participantes conheciam efetivamente os conceitos envolvidos na categoria *Deafhood*, criada pelo pesquisador britânico.

O instrumento apresenta uma introdução, com apresentação do autor e orientadora, breve explicação da pesquisa, seus objetivos e informações detalhadas do Termo Livre e Esclarecido de Consentimento. Em seguida, apresentam-se as questões que seguem e, ao final, há instruções para devolutiva ao pesquisador:

1. Quais as contribuições mais importantes do autor no campo dos Estudos Surdos?
2. Como você define *Deafhood*, segundo Paddy Ladd? Qual o sinal para *Deafhood*? Qual seria a tradução mais adequada desse conceito em português?
3. Que contribuições Paddy Ladd traz para o professor Surdo que atua na educação bilíngue de crianças Surdas?

O questionário bilíngue foi registrado em vídeo libras e enviado para os participantes por e-mail, com link do *Youtube* (status privado) e anexo escrito. Os pesquisadores podiam responder ao questionário em Libras (por meio de registro em vídeo) ou em língua portuguesa. As respostas sinalizadas em Libras foram traduzidas em português, com apoio de tradutores intérpretes de Libras.

Importante destacar que, por meio destas perguntas, tivemos a intenção de investigar como os pesquisadores Surdos recepcionam e compreendem as ideias propostas por Paddy Ladd. Nesse sentido, usamos essas perguntas por que acreditávamos que, elas possibilitassem aos participantes um momento de reflexão sobre as ideias de Paddy Ladd e que suas respostas ampliassem os subsídios para resposta ao nosso problema de pesquisa.

Para tratamento dos dados, tomei a decisão de adotar um procedimento padrão de apresentar os dados transcritos em português, pelo fato de ser a língua de registro da dissertação. Dos quatro participantes, apenas um respondeu em português, tendo as outras três respostas em vídeo libras enviadas pelo E-mail ou pelo aplicativo do conversas *WhatsApp*.

A apresentação das respostas dos participantes a cada pergunta não será apresentada de forma padrão. Algumas das perguntas de caráter mais geral como sinal e definições serão comentadas, a partir do posicionamento de cada **confesso** autor. Outro grupo de respostas, optei em apresentar na forma de quadro, na intenção de melhor visualização e comparação do padrão de resposta.

Não é evidentemente uma tarefa simples convidar intelectuais Surdos para um diálogo com a teoria de Paddy Ladd, as teorias advindas de trabalhos acadêmicos nos Estudos Surdos em Educação seguem uma quantidade considerável de perspectivas teóricas distintas advindas dos estudos culturais, multiculturalismo, multiculturalismo crítico, pós-estruturalismo entre outras correntes teóricas que em certo ponto insurge na contraposição de metanarrativas oriundas do Iluminismo do séc. XIX.

Portanto, cabe ressaltar que os participantes dessa pesquisa se constituem como pesquisadores se filiando a diferentes autores. Então, precisei delimitar a minha análise tendo em vista a heterogeneidade de perspectivas teóricas que fazem pano de fundo aos dizeres dos intelectuais Surdos.

A partir desse posicionamento, resolvi adotar esses três conceitos como norteadores nas respostas geradas, a partir do questionário, optamos por agrupar conteúdos por temas que resultaram da pesquisa bibliográfica da obra de Paddy Ladd, buscando aproximações com as ideias do autor, a partir dos seguintes passos: tradução das respostas em Libras para o português, organização das respostas por pergunta em quadros e comparação das respostas dos pesquisadores Surdos, de acordo com cada pergunta.

A seguir apresento as respostas dos quatro participantes que colaboraram com essa pesquisa cedendo sua imagem, seu tempo e suas reflexões e, a partir da comparação de suas respostas, buscarei fazer uma análise do que as falas revelam sobre suas concepções, tomando como conceito "guarda-chuva" *Deafhood*, finalizando com uma reflexão das categorias conceituais propostas por Ladd e não mencionadas pelos intelectuais Surdos, como colonialismo, subalterno e classe. Justifico a ênfase nessas categorias pela escassez de discussões sobre esses conceitos na literatura brasileira, tão caros e recorrentes nos trabalhos de Ladd, que ainda não se aplicam nos discursos dos pesquisadores Surdos brasileiros.

Espera-se, dessa forma, articular a resposta dos participantes ao construto teórico de Paddy Ladd e, em específico, às contribuições para os Estudos Surdos e para professores Surdos que atuam com crianças Surdas na educação bilíngue.

### 3.2.1. Nas “mãos” dos participantes Surdos

De modo geral, as respostas obtidas no questionário possuem poucas diferenças, já que todos os participantes conhecem a obra de Paddy Ladd e já se aproximaram da leitura do autor. O fato de trabalharem em universidades federais do Sul do país (UFSC e UFRGS) e todos terem o campo dos Estudos Surdos como campo epistemológico de suas teses de doutorado, os tornaram interlocutores próximos.

Sobre o fato de conhecerem Paddy Ladd e “Quais as contribuições mais importantes do autor no campo dos Estudos Surdos?”, apenas dois pesquisadores Surdos tiveram a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente: Claudio Mourão – que o encontrou em uma viagem à Europa – e Karin Strobel, que foi sua aluna. O encontro despertou o interesse de Mourão em ler a produção de Ladd. Os demais pesquisadores declaram conhecer Ladd apenas por leituras de textos, sem ter a oportunidade de conhecê-lo, ou aprofundar suas pesquisas sob a luz das categorias propostas pelo pesquisador britânico.

A pergunta 2 “Como você define *Deafhood*? Qual o sinal para *Deafhood*? Qual seria a tradução mais adequada desse conceito em português? ” Buscou identificar se os participantes da pesquisa conhecem o conceito, o sinal de *Deafhood* e se eles concordam com as traduções propostas para o português.

O sinal de *Deafhood* é sinalizado originalmente, na Figura 12, por Paddy Ladd:

FIGURA 12 - PADDY LADD E O SINAL *DEAFHOOD*

Fonte: Disponível em: <<https://www.britishdeafnews.co.uk/wp-content/uploads/2017/10/Dr-Paddy-Ladd-02.jpg>>

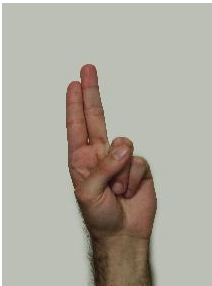


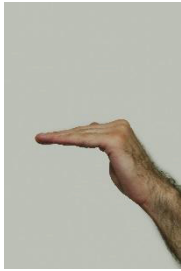

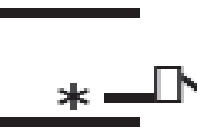
No quadro 5, represento a descrição do sinal utilizado por Paddy Ladd. Na primeira coluna aponto as Configurações de Mão (CM) e, na segunda, sua Locação (L), parâmetros<sup>48</sup> utilizados para realizar o sinal *Deafhood*, originalmente criado em *BSL*. Na terceira coluna, o sinal em *SignWriting* (SW), a forma de registro escrito da modalidade visual-espacial das línguas de sinais. A primeira configuração de mão (CM 1) tem a orelha como ponto inicial de sinalização. A orelha/audição remete metonimicamente ao sinal de Surdo como a marca principal de sua identificação social como fator comum à experiência Surda, e não a surdez/*deafness*. A CM 2 aponta para o umbigo, aludindo à volta para as raízes Surdas ligadas umbilicalmente às experiências visuais que as constituem.

Com base nas leituras que fiz, arrisco uma interpretação do significado do sinal: na busca por uma história sem registro, pela perda de referências impostas nos séculos de opressão do Oralismo, o sinal sugere que se conduza um olhar para dentro de si, que as pessoas Surdas possam se ver e se reconhecer como Surdas, livrando-se das amarras ouvintistas e da necessidade de se parecerem com o seu Outro (ouvinte), como modelo “perfeito” e “impossível” de ser atingido.

---

<sup>48</sup> Os estudos linguísticos em língua de sinais apresentam a estrutura da língua composta por cinco parâmetros principais, sendo: Configuração de mãos (CM), Locação(L), Movimento(M), Orientação da Mão (OM) e Expressões Não Manuais (ENM) (QUADROS; KARNOPP, 2006).

QUADRO 5 - DESCRIÇÃO DO SINAL DE *DEAFHOOD*

CONFIGURAÇÃO DE MÃO	LOCAÇÃO	SignWriting (SW)
CM 1 		
CM 2 	LOCAÇÃO 	

Fonte: Arquivos do Autor (2017)

Fotografia: fotógrafo Surdo - Giuliano Robert

Grafia em SW: Prof<sup>a</sup>.Msda Surda Fernanda Martins Brito

No quadro 6, os participantes da pesquisa apresentam sua versão do sinal *Deafhood* e observamos poucas variações fonológicas na sinalização: Karin Strobel e Rodrigo Rosso apresentam a CM1 com apenas uma mão, enquanto Claudio Mourão utiliza as duas mãos com CM1 idêntica. Já a CM 2 é apresentado com duas mãos por Karin Strobel e o pesquisador Claudio Mourão, diferenciando-se da sinalização de Rodrigo Rosso com apenas uma mão.

QUADRO 6 - PARTICIPANTES SINALIZANDO *DEAFHOOD*

Karin Strobel	Claudio Mourão	Rodrigo Rosso
		
		

Fonte: Autor (2018)

O sinal cunhado por Paddy Ladd não diferencia significativamente dos sinais apresentados por nossos interlocutores. Aponto que essas diferenças fonológicas não alteram o significado do sinal, podendo ser lidas como recepção, sotaque, estilo de sinalização ou variação idiossincrática, o que é compreendido naturalmente nas comunidades Surdas.

Conforme informado na seção 3.2, a autora Gladis Perlin fez as suas respostas em língua portuguesa, não possibilitando assim uma análise da sinalização do conceito de *Deafhood*.

As perguntas não foram respondidas pelos autores de forma ordenada. Na maioria dos casos, eles sinalizaram uma resposta geral e, na análise, fui buscando associar as respostas que vinham ao encontro do que eu perguntei. Apresento, um primeiro bloco de respostas dos pesquisadores Surdos (Quadro 7), na ordem em que as respostas foram enviadas, realizando uma análise sobre as questões iniciais perguntadas.



QUADRO 7 - QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES MAIS IMPORTANTES DO AUTOR NO CAMPO DOS ESTUDOS SURDOS?

Gladis Perlin	Como orientadora de doutorado do Professor Carlos Skliar, no final dos anos de 1990 e inícios de 2000, por este tempo já conhecia Paddy, então professor de Universidade de Bristol, Inglaterra. As pesquisas dele consistiam inicialmente sobre a identidade Surda. Não as conheci. Quando ele finalmente se dedicou à pesquisa <i>Deafhood</i> pude entrar em contato, através de sua orientanda Janie Gonçalves.
Claudio Mourão	Sim, eu conheço Paddy Ladd e suas publicações e também o conheço pessoalmente quando fui à Europa em um festival. As obras do Paddy Ladd contribuem muito com os estudos Surdos, quando a li tive compressão clara e fiz algumas reflexões. Entretanto existe concordância e/ou não de quem lê, acredito que cada leitor deveria ler as diversas teorias disponíveis. Todavia os estudos referentes a esse tema são vários, como exemplo principal a autora Gladis, sendo essa obra que amo, que estuda as culturas regionais e suas semelhanças. Outra obra, com contribuições de Paddy Ladd é a de Jorge Larrosa que se refere à experiência que me identifiquei, porque o conceito de experiência da teoria dele embasa os meus estudos.
Rodrigo Rosso	Sobre o conceito de <i>Deafhood</i> , mostra o ser Surdo, seus movimentos, a língua de sinais, a Libras, o ser Surdo que quer ser visto com uma ativa participação na política, linguística, leis, o ser Surdo que quer ser protagonista, que não aceita a opressão ouvintista e quer ser visto com igualdade, nem inferior e nem superior. De acordo com o meu conceito, o termo em inglês <i>Deafhood</i> poderia ser traduzido em português como “ <i>Ser Surdo</i> ”.
Karin Lilian Strobel	Eu conheço Paddy Ladd, desde quando ele foi meu professor e me ensinou como é o ensino para Surdos, sobre identidades, faz muito tempo. Esse autor escreveu várias obras, artigos, tudo muito importante que me auxiliaram muito, sendo por essa razão que eu o conheço. Sim, já citei a obra de <i>Deafhood</i> , por que em certos momentos da obra o autor Paddy Ladd explica conceitos que concordo perfeitamente. As obras de Paddy Ladd me deram embasamento para que eu pudesse escrever o livro retratando a cultura Surda. Ele também explica como iniciou as raízes da cultura Surda, como iniciou seu desenvolvimento, também como as escolas veem os Surdos, as visões positivas, negativas, a criação de associações de Surdos, seu desenvolvimento e conceitos.

Fonte: Autor (2017)

Em relação à definição, Gladis Perlin propõe um ajustamento conceitual entre “Identidade” e *Deafhood*, como se *Deafhood* fosse uma derivação para o conceito de Identidade Surda. Entretanto, observo que Ladd descreve que *Deafhood* seria mais abrangente que identidade, já que engloba uma gama de conceitos mais profundos que se confrontam em oposição leigo e aliado, por exemplo. *Deafhood* extrapola a Identidade porque, além das experiências visuais, trata da história Surda, das narrativas Surdas, da consciência da condição de sujeito de um coletivo histórico que tem como primazia as línguas de sinais. A identidade remete mais ao plano individual e *Deafhood* ao plano coletivo da humanidade Surda:

É necessário outro termo que possa criar um espaço no qual as autoconcessão dos Surdos possam ser situadas e examinadas, optei por Surdidade. É importante perceber que não se trata de um conceito monolítico. Na verdade, o resto do livro explora diferentes leituras da Surdidade feitas por diferentes setores das Comunidades Surdas. Mas, assim como a história dos Surdos é enquadrada e penetrada por discursos sobre a surdez, também o enquadramento interno da Surdidade, olhando para o exterior, pode tornar visíveis esses discursos Surdos para além desses enquadramentos. Ao fazê-lo, procura-se essencialmente uma epistemologia Surda, isto é, maneiras Surdas de estar no mundo, de conceber esse mundo e o seu lugar ali (tanto na realidade como potencialmente). Acabará por se verificar que um dos aspectos cruciais dessa epistemologia é não ser apenas definida por oposição, mas examinar e apresentar a natureza e a importância das relações das pessoas Surdas entre si (LADD, 2013, p. 13).

Observa-se que para Ladd o conceito de *Deafhood* não é um conceito monolítico, fechado e, portanto, estável, mas sim um conceito que confere diferenças, diferentes leituras Surdas sobre suas comunidades e vivências, não em um sentido fixo, mas sim a natureza das relações entre as pessoas Surdas. Perlin discorre que não pôde acompanhar as pesquisas de Ladd devido a língua inglesa, na qual a pesquisa era publicada, porém seu acesso se deu mediante a tradutora Janie Gonçalves, que lhe sugeriu o termo “Ser Surdo” como possível tradução de *Deafhood*, que a autora passou a dotar nas suas obras. A declaração foi surpreendente, pois nas discussões teóricas reflexivas sobre Identidades Surdas nas publicações de Perlin (1999), o pensamento de Ladd e o conceito de *Deafhood* como aproximação do termo “Identidade Surda” não havia sido registrado. A obra de Gladis em contraponto com a de Ladd segue algumas questões da mesma ordem, como o “Ser Surdo”, conceito mais utilizado em seus trabalhos, que é muito próximo de *Deafhood* conceito levantado por Ladd.

Em sua tese de doutorado “O Ser e o Estar Sendo Surdos: Alteridade, diferença e identidade”, defendida em 2003, na linha Estudos Culturais, UFRGS (Universidade Federal de Rio Grande do Sul), sob orientação do Prof. Dr. Carlos Skliar, sistematiza como principais contribuições os conceitos de “Ser Surdo”, “Identidade Surda”, “Alteridade Surda”, “Diferença” e “Estudos Surdos”. Segundo Perlin:

Fixo-me no conceito da alteridade quando percebo que ser Surdo tem sua autonarrativa sem a narração da interpretação da agência do colonizador. O conceito de alteridade na sua forma mais radical pega o conceito “ser Surdo” e suas conotações no espaço de pós-colonialismo e da filosofia pós-moderna respeitando a temporalidade. Igualmente o conceito de **ser Surdo** aqui usado não se evidencia pela existência ou não do ouvintismo (PERLIN, 2013, p. 18).

Perlin questiona o conceito de diversidade e defende a “diferença” por estar mais atrelada ao aspecto cultural e à identidade dos sujeitos, representando suas formas de fazer o “eu” prevalecer diferente nas diferentes tramas de poder social. (PERLIN, 2003, p. 18).

Perlin acredita que o conceito *Deafhood* se derivou do conceito identidade, conceito que Ladd e ela buscavam no campo dos Estudos Culturais e que foi melhor desenvolvido quando Ladd adentrou aos estudos pós-estruturalistas. Ela alega que não acompanhou essa fase posterior e aguardou o livro “*Understanding Deaf Culture – In Search of Deafhood*” (Entendendo a Cultura Surda – Em busca de *Deafhood*) estar pronto para conhecer em profundidade. Janie Gonçalves traduziu o conceito do inglês original para que Perlin usasse em sua tese de doutorado como “Ser Surdo”, ou seja: *Deaf* = Surdo e *hood* = ser, a exemplo do que existe em inglês *childhood* = ser criança, *womanhood* = ser mulher, etc. No Brasil o termo “ser” simplesmente não usa prefixo e sufixo.

O texto que segue está em sua tese de doutorado:

“[...] O que uma pessoa Surda pode torna-se?”. Em que nos poderíamos ter nos transformado, não tivéssemos nossa língua de sinais e professores Surdos sido removidos da nossa educação após o Congresso de Milão de 1880, uma data tão cheia de significado para nós mesmo é 1492 é para nativos das Americas... Quem é o que éramos nos séculos anteriores antes dessas proibições existirem, quando profissionais Surdos e orgulho Surdo era notoriamente mais fortes? E o que se pode trazer para o presente desses tempos que pode nos informar os passos... que devemos tomar o século 21?

O ímpeto de responder essas perguntas, o processo de tornar-se – estes eu chamei de *Deafhood*. *Deafhood* declara que o como nós temos sido nesses últimos 120 anos não é tudo o que somos de verdade [O conceito *Deafhood*] afirma que existe um senso Surdo de ser, tendo dentro do indivíduo quando no coletivo, tal qual um rio, que se propulsiona contra a barragem e não pode descansar enquanto não encontra uma forma que o conduza ao mar da vida, onde todas as almas são capazes tanto de encontrar sua auto-expressão integral quanto se interpenetrarem. (LADD, 2003 apud PERLIN, 2003, p. 110).

Gladis Perlin afirma que usou Paddy Ladd para desenvolver o conceito de pedagogia dos Surdos (livro que deve ser publicado em breve) e que ela chama de educação bilíngue.

Certamente, a impossibilidade de aprofundamento do conceito, a partir do acesso direto às produções de Ladd podem ter causado limitações à interpretação de *Deafhood*, nas pesquisas de Perlin. Outro fator que esclarece a originalidade do pensamento da autora é que a interlocução teórica entre ambos foi dificultada,

também porque ambos os autores estavam desenvolvendo pesquisas no mesmo tempo histórico do final da década de 1990. Sendo a primeira doutora Surda a propor uma nova narrativa sobre os Surdos e suas identidades, no Brasil, rompendo com uma tradição de normalização, deve ter gerado muitas dificuldades em um cenário ainda escasso de pesquisadores subalternos Surdos emergentes.

Nesse sentido, esta pesquisadora além de contribuir para educação de Surdos se tornou uma forte referência para os Surdos do Brasil, que sempre almejavam ocupar os espaços acadêmicos. Esse foi o meu caso, fui inspirado por ela, por ter sido minha coorientadora de Trabalho Conclusão de Curso de Pedagogia, como já dito inicialmente.

Karin Strobel aproxima-se conceitualmente da definição de *Deafhood*, relatando que está atrelada à subjetividade Surda:

[...] Surdo tem jeitos internalizados, como ser Surdo é algo interno da pessoa. Porquê percebe o mundo visualmente, diferente do ouvinte, tem certas coisas que parecem ser somente do Surdo e que o ouvinte não tem igual, parecendo uma diferença de pele que o Surdo leva, por isso o sinal *DEAFHOOD*.

Sendo assim, podemos observar que, para a pesquisadora, o conceito faz um movimento interno, para o olhar subjetivo da pessoa Surda, a partir de suas experiências, e um olhar externo para o outro Ouvinte que aponta aos Surdos as suas diferenças. Não comenta a tradução.

Suas pesquisas trazem marcas fundamentais para o campo dos Estudos Surdos, contribuições para movimentar de formação e consciência política, por meio de conhecimentos e saberes de história dos Surdos, com severas críticas à colonização e exclusão ouvintista:

Para uma melhor ênfase, quanto ao enfoque da história dos Surdos e mencionando a forma como percebo a construção do meu “ser Surdo”, coloco também narrativas de minha história como parte da história dos Surdos (STROBEL, 2008, p. 14)

Strobel traz em seu trabalho narrativas de viver a experiência da “pele Surda”, possibilitando a reflexão sobre as práticas ouvintistas nas escolas de Surdos e resistências do povo Surdo contra esta prática, procurando resgatar a cultura Surda na história.

A maioria dos registros históricos foi escrita através de metanarrativas ouvintes, depoimentos de profissionais que trabalham com os sujeitos Surdos, fatos vivenciados por eles, avanços tecnológicos e observações de familiares e amigos ouvintes, tornando a história dos Surdos em uma visão crítica, isto é, a história dos Surdos na visão de sujeitos ouvintes. Assim, como reflete Wringley (1996, p. 38): Pintar psico-histórias de grandes homens lutando para obter um lugar na história das civilizações dos que ouvem tem pouco ou nada a ver com representar as circunstâncias históricas das pessoas Surdas vivendo à margem daquelas sociedades que ouvem (STROBEL, 2008, p. 109-110).

Mourão não apresenta uma definição específica, mas remete a obra aos estudos de Perlin. Mourão cita Gladis Perlin como uma das autoras que mais aprofundou estudos em Ladd, com aplicação do conceito ao contexto brasileiro.

Rodrigo Rosso descreve o conceito de *Deafhood* como uma narrativa que necessariamente interpela uma visão Surda para o Outro (ouvinte), com forte viés político:

"[...] o ser Surdo que quer ser visto com uma ativa participação na política, linguística, leis, o ser Surdo que quer ser protagonista, que não aceita a opressão ouvintista e quer ser visto com igualdade, nem inferior e nem superior".

Saliento que, por se tratar de um conceito amplo, “guarda-chuva”, como me refiro, *Deafhood* pode sugerir várias interpretações dentro do cenário de pesquisas nos Estudos Surdos em Educação e a leitura apontada por Strobel e Rosso, são visões possíveis desse conceito.

Sobre a tradução para o português, Mourão enfatiza a crítica sobre a palavra “Surdidade”, escolhida pelos portugueses, não concordando com o sufixo “IDADE” empregado. Para o autor a tradução não representada o sentido expresso no original, fazendo uma alusão à “perfeição” e não ao sentido de “irmandade” conforme outros termos em inglês propõem. O original em inglês seria, portanto, o uso mais adequado para o autor. Rosso concorda com “Ser Surdo”, tradução proposta por Gladis Perlin.

Em relação a tradução é importante esclarecer que o próprio termo *Deafhood* é uma tradução do sinal criado por Paddy Ladd (Figura 12) para o inglês. Observa-se que o conceito sinalizado tem implicações sociológicas, teóricas e identitárias para além das palavras “*Deaf*” (Surdo) e do sufixo *Hood*, que remete a um “estado de ser”, demonstrando a quase impossibilidade de que uma única palavra em português alcance o conceito sugerido por Ladd. Nesse sentido, reitero a decisão de continuar utilizando o termo no original, em inglês, sob a forma de empréstimo linguístico, assim

como fazemos com o sinal em *BSL* incorporado na forma original pela comunidade Surda brasileira.

Karin Strobel aponta as visões positivas e negativas presentes no movimento de desenvolvimento das raízes Surdas, que são configuradas a princípio como raízes de discursos subalternos, suscitando assim a perspectiva de pesquisadores subalternos, sujeitos que na condição subalterna produzem um dizer sobre si.

Atingido esse ponto, introduz então o conceito de “subalterno” no sentido de enquadrar as mudanças na estrutura dos discursos que ocorreram nos últimos 250 anos, e para identificar quem serão os subalternos Surdos. Estas posições observam-se então as barreiras com que as comunidades Surdas se deparam na conquista do reconhecimento acadêmico e da aceitação dos discursos dos seus subalternos Surdos (LADD, p.12, 2013).

Os conceitos até então trabalhados aqui refletem a necessidade de plantar os demais seguimentos conceituais de Ladd nos Estudos Surdos do Brasil, regando assim o campo teórico dos pesquisadores Surdos que ocupam hoje um espaço significativo na produção acadêmica que se filiam às vertentes de Estudos Surdos da Educação.

Por fim, apresento o quadro 8 com respostas obtidas com a pergunta que busca captar se os participantes da pesquisa veem a obra de Paddy Ladd como uma possível contribuição ao professor Surdo da educação bilíngue.

QUADRO 8 - RESPOSTAS DOS PESQUISADORES SOBRE PADDY LADD E *DEAFHOOD*

Gladis Perlin	Em outro momento também trabalhei com Paddy, no conceito de pedagogia dos Surdos, cujo livro ele deve publicar em breve. Minhas pesquisas sobre a pedagogia dos Surdos estiveram desde 2003 e hoje pode-se chamar de Educação Bilíngue. Penso que, no Brasil, a obra de Paddy sobre o <i>Deafhood</i> foi espalhada a partir do trabalho de tradução de Janie Goncalves, isto está em minha tese de doutorado.
Claudio Mourão	Acredito que um professor Surdo não precisa ter todo o seu conhecimento baseado nas obras de Paddy Ladd. O professor deve ter noção de responsabilidade pedagógica sobre como trabalhar em uma escola bilíngue, todavia ele pode se interessar em conhecer as obras de Paddy. Entretanto para usar dentro de sala vai depender muito, já que suas obras são mais para o contexto acadêmico como graduação, mestrado, doutorado e pesquisas. Já para escolas bilíngues eu acredito que vai depender se o professor vai se interessar em conhecer as obras, mas usar como embasamento teórico para dar aula vai variar de profissional, que se permite ser influenciado pelas obras do autor e adaptar para suas aulas. Outra forma de utilizar as obras de Paddy, é o professor buscar os conhecimentos em uma graduação e usar não só as obras de Paddy para pesquisas, mas de outros autores que estão atrelados a esse tema.
Rodrigo Rosso	Eu penso que sim, assim como também é importante conhecer os conteúdos de Carlos Skliar e Gladis Perlin. Essas teorias mostram que nós Surdos temos uma ligação que permite o desenvolvimento político, linguístico, social de maneira diferenciada, porque tem em comum uma experiência linguística visual. Quando o aluno Surdo olha para um professor Surdo consegue perceber que ele é como o professor, assim, a criança tem uma construção identitária positiva, pois se torna perceptível o empoderamento



	Surdo. Já em um ambiente inclusivo não há esse sentimento de pertencimento, podendo ocorrer uma baixa autoestima. Os ouvintes acabam oprimindo os Surdos, onde eles se tornam superiores e os Surdos inferiores. Por isso eu considero muito relevante as teorias dele.
Karin Lilian Strobel	Acredito ser importante um professor Surdo ter o conhecimento do <i>Deafhood</i> , porque o professor carrega a própria identidade Surda dentro de si, também é muito importante o que o profissional Surdo ser um modelo para as crianças Surdas, e elas perceberem a cultura e o jeito do Surdo, sabendo sua história e suas diferentes identidades, contexto histórico da língua de sinais. Então tudo é importante para o profissional Surdo essa interação para a educação bilíngue. Por que a maioria das crianças tem família constituída por ouvintes, não tendo contato com outros Surdos, sendo a comunicação apenas pela oralização e tendo algumas famílias que não sabem Libras. Por isso é importante o professor Surdo de escolas bilíngues ter essa relação de como é a cultura Surda, o jeito, o conhecimento e tudo que significa ser Surdo é importante.

Fonte: Autor (2017)

Perlin aponta os estudos de Janie Gonçalves, aliada não Surda, orientanda de doutorado de Paddy Ladd e filha de Surdos que a introduz no conceito de *Deafhood*, mas destaca a importância de Carlos Skliar no campo dos Estudos Surdos e a possibilidade constituir um novo campo discursivo, por meio da organização política e de resistência da comunidade Surda (SKLIAR, p. 30, 1999). Como explica Mourão:

Como já descrito sobre a chegada dos Estudos Culturais no Brasil, os Estudos Surdos se constituíram como um campo de estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a partir de aproximações aos Estudos Culturais, estimulados por suas produções relativas à cultura, identidades e diferenças. Com entrada do professor argentino Carlos Skliar, como professor convidado para integrar o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, foi criado o Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES), onde havia orientandos de mestrado e doutorado, um espaço acadêmico, uma nova territorialidade educacional dos Estudos Surdos em Educação (MOURÃO, 2017, p. 29).

Cacau Mourão utiliza o espaço da literatura para divulgar a cultura Surda e faz um resgate de narrativas com sentidos metafóricos, não evidenciando explicitamente a articulação com o conceito com *Deafhood*:

Podemos perceber que existe a arte literária da língua em todos os territórios. Com o povo Surdo e sua língua de sinais temos a arte de sinalizar, as mãos literárias produzindo significados para todas as gerações, entre os pares Surdos, na coletividade e nas escolas. Cabe lembrar, no entanto, décadas atrás, a partir de 1880, nas escolas de Surdos, era proibido utilizar língua de sinais, por razões que foram determinadas por representantes de vários países, no Congresso de Milão. Houve a imposição pelo uso de métodos orais para que todos os alunos Surdos utilizassem práticas de oralização e leitura de lábios. Só que os Surdos continuavam, escondidos, a se comunicar em língua de sinais durante aulas, intervalos, nos banheiros e até mesmo em pontos de encontro fora das escolas (MOURÃO, 2017, p. 35).



Karin Strobel primeiramente fala que os trabalhos de Paddy Ladd contribuíram para área dos estudos Surdos, no intuito de demonstrar que as experiências do Surdo no processo histórico são marcadas pela representatividade e participação no movimento Surdo, favorecendo o olhar positivo sobre o Surdo na relação estabelecida pela dicotomia criada entre surdez audiológica e identidade cultural Surda.

Nesse sentido, Strobel entende que *Deafhood* pode ser um conceito esclarecedor que inspira novos trabalhos para os Estudos Surdos no Brasil e pode ampliar conhecimentos sobre a cultura Surda, assim como Ladd e Gonçalves (2011) apontam que a experiência visual dos Surdos é o centro de uma nova pedagogia:

A prática pedagógica dos educadores Surdos, influenciada diretamente pela língua de sinais, se dá em uma esfera de sentidos diferentes daqueles usados em grande parte das práticas docentes ouvintes. Na ausência de sons vocalizados per se, o uso dos sentidos de visão, tato e vibração, conforme observado em nossa pesquisa, são intensificados. Com respeito à visão, destacaríamos a importância dos aspectos físicos e do uso do espaço (LADD; GONÇALVES, p. 319, 2011).

Rodrigo Rosso expõe que a negatividade e opressão instituída durante 120 anos, período de exclusão social do Surdo e colonização pelos ouvintes com práticas e metodologias de normalização, como defendem Perlin e Skliar:

A educação bilíngue para Surdos pode, também, estar fixada ao discurso da deficiência, se as suas estratégias pedagógicas e os seus discursos permanecem no âmbito de educação especial. [...] Nesta direção, a educação bilíngue não pode ser conceitualizada como um novo paradigma na educação especial, mas como um “paradigma oposicional” (SKLIAR, 1999, p. 31).

Chamo a atenção para o trabalho de Janie Gonçalves, certamente a primeira das investigações a respeito da pedagogia Surda, como orientanda de Paddy Ladd, que utilizou o conceito de *Deafhood*, de forma aplicada. Com base na análise do sistema de ensino estadual do Rio Grande do Sul, pesquisou o potencial das escolas bilíngues brasileiras, para se tornarem referência, como acontece na Europa e Estados Unidos:

Estes “espaços” no sistema educacional brasileiro permitiram que os membros da comunidade Surda, por exemplo, participassem com mais facilidade da educação Surda e, mais adiante, ingressassem em universidades e se tornassem educadores mais depressa do que os Surdos conseguiram fazê-lo na Europa e nos Estados Unidos. Nas escolas e universidades europeias e americanas, a infraestrutura e os sistemas formais estão profundamente enraizados, e espalham suas redes de poder a tantos subgrupos que deixam pouco espaço para o tipo de mudanças inovadoras

que ocorreram na educação de Surdos pelo Brasil nos últimos dez anos. (LADD; CONÇALVES, 2011, p. 325).

Seguindo princípios do *Deafhood*, Janie Gonçalves defende a importância de descolonizar esse campo de ensino, para que haja novas contribuições que incorporem o ponto de vista do Surdo, olhando seu próprio ambiente e os acontecimentos dele, mesmo com poucos trabalhos sobre pedagogia Surda.

Obviamente, nós os Surdos temos muito que aprender, discutir e refletir sobre o colonialismo ouvinte para termos a oportunidade de lutar pela descolonização. Por isso, valorizo que meus pares professores/pedagogos Surdos possam conhecer os fundamentos teóricos do *Deafhood* para fortalecer o conceito como uma das ferramentas teóricas e políticas, para ocupar seu papel na educação de crianças Surdas. É necessário investir nessa política educacional que tem a comunidade Surda como uma referência para as gerações de crianças Surdas crescerem com orgulho de sua origem, sua cultura e sua história:

Muitos educadores Surdos foram criados dentro de culturas Surdas, apreendidas ou com seus pais Surdos ou com outras crianças Surdas (elas mesmas, muitas vezes, influenciadas pelo conhecimento e representações levados à escola por crianças Surdas que tinham pais Surdos). Ao deixar a escola, esses futuros educadores Surdos continuam aprendendo com várias gerações de idosos dentro de suas comunidades Surdas locais. Alguns desses educadores vêm a se tornar membros de redes regionais, nacionais e até internacionais, transformando-se, deste modo, em participantes e colaboradores da contínua luta e manutenção de vida Surda com qualidade e autonomia (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 304).

A literatura é também um caminho de narrar e registrar a história como tem defendido Cacau Mourão, em suas pesquisas. Ele desenvolve dois conceitos importantes no campo da Literatura Surda – “Mãos Literárias” e “Visualiterária” – que buscam usar a literatura sinalizada para desenvolver uma pedagogia Surda e práticas na educação bilíngue:

As **mãos literárias** fornecem a chave dos valores e significados culturais, é algo que podemos registrar, é algo que existe de forma espontânea, transmitida e articulada na construção sinalizada de forma literária sem perceber em si mesmo, fazendo parte de área literária. Nesse sentido, a **visualiterária** absorvida pelas **mãos literárias** tem efeito interpretativo e quando transmitida derrubam as barreiras acadêmicas, promovem uma virada cultural (MOURÃO, 2016, p. 39,) [grifos meus].

Valorizar as narrativas, os contos que podem registrar a experiência histórica Surda como desafios e reflexões do campo da diferença:

A Literatura Surda contém representações das mãos literárias, na arte de sinalizar os valores da experiência de ser Surdo, identificando o *status* da língua de sinais, onde são produzidos os significados de ser Surdo – o orgulho Surdo (MOURÃO, 2017, p. 39).

Ladd e Gonçalves apontam que o momento de contar histórias da vida pessoal dos professores Surdos tem a função de ajudar as crianças a se identificar com experiências Surdas adultas que mostram desafios que vão enfrentar na vida futura e amplia a consciência, o desenvolvimento, o conhecimento de mundo, assim como acontece com as experiências disponíveis para o ouvinte (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 322).

A contribuição de obras pelas mãos Surdas poderá mudar a lente para compreender a importância da presença de professores Surdos em escolas de Surdos como um ambiente totalmente crucial para crianças Surdas, muito mais do que escolas geralmente o são para as ouvintes (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 309), porque será o espaço da língua, da cultura, da visão positiva que muitos Surdos desconhecem quando nascem em famílias apenas de pessoas ouvintes.

A maior parte dos educadores Surdos tem **consciência** de que, se não fornecerem uma ampla variedade de informações e não derem apoio afetivo, orientação cultural e instrução moral às crianças Surdas, pode ser que ninguém mais o faça. Paula, uma experiente educadora Surda brasileira, deu um exemplo significativo, entre muitos outros (LADD; GONÇALVES, p. 312, 2011) [grifos meus].

O sentido a partir do qual se define que os Surdos são bilíngues e que a pedagogia deve refletir coerentemente essa condição (SKLIAR, 1999, p. 25) será um território de disputas entre Surdos, não Surdos, aliados, ouvintes leigos e especialistas que trazem suas visões clínicas da surdez e contribuições do entendimento da diferença Surda no discurso sobre a educação bilíngue.

As pedagogias Surdas são um espaço para praticar uma nova proposta diante do descontentamento com os currículos que expressam conteúdos da cultura da sociedade majoritária ouvinte e dão pouca atenção, ou nenhuma, para os aspectos culturais que permitirão o desenvolvimento emocional e social das crianças Surdas (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 311).

Rosso considera a “ativa participação na política, linguística, leis” para construir novas narrativas, de acordo com Ladd:

É então vital, quando da construção de uma contra-narrativa Surda, assegurarmos-nos de que os pensamentos e ações daqueles subalternos Surdos (isto é, aqueles cuja falta de competências de literacia do inglês os tornou efetivamente monolíngues) são não apenas capturadas, mas relacionadas com as ações de qualquer pessoa Surda bilíngue (comparativamente à elite). [...] ver-se-á que proponho aperfeiçoamentos em relação a toda a área da teoria de subalternos, baseada no que pode ser compreendido sobre as estruturas sociais das comunidades Surdas (LADD, 2013, p.35)

Ainda nesse sentido de uma captura, ou melhor, uma subalternização do conhecimento produzido por pessoas Surdas, tomamos as palavras de Ladd:

Há poucas oportunidades para os povos colonizados apresentarem relatos das suas próprias experiências culturais; além do mais para que eles o possam fazer, têm frequentemente de usar uma língua que não é a sua. São fatores como este que provocam pressão sobre os poucos relatos existentes para depois transformar tudo igual para todos, para tornar semelhantes leitor e profissional (LADD, 2013, p.12).

Vejamos, essa visão histórica sobre as pessoas Surdas, que nos revelam a dívida que o pensamento ouvinte tem em relação às pessoas Surdas. A castração da língua de sinais e o modelo acadêmico ouvinte sempre colocaram os intelectuais Surdos à margem, ceifando assim o saber Surdo que emerge das comunidades Surdas.

De modo geral, poucas foram as diferenças nas respostas dadas pelos pesquisadores Surdos elas, especialmente, no que se refere ao seu entendimento sobre as contribuições de Paddy Ladd para o campo da educação bilíngue e Estudos Surdos.

A partir das leituras realizadas, observei que no campo teórico dos Estudos Surdos em Educação, há uma significativa repercussão na produção brasileira de categorias teóricas como “cultura Surda”, “comunidade Surda”, “ouvintismo”, “modelo clínico-terapêutico” e modelo linguístico-cultural (ou socioantropológico), do conceito “guarda-chuva” *Deafhood*.

No entanto, há uma gama de conceitos pouco explorados no Brasil, como “leigo”, “aliado”, “*Deafway*”, “*Deaf power*” (poder Surdo), entre outros, presentes na obra do pesquisador Surdo britânico, talvez pela falta de acesso à literatura em língua estrangeira, que não apareceram nas contribuições dos pesquisadores Surdos.

Identifico três categorias centrais da obra de Ladd – colonialismo, investigador subalterno e classe social – como exemplos e reflexões teóricas que Ladd utilizou para analisar e caracterizar a cultura Surda britânica e sua diversidade interna. Em

suas publicações, Ladd (1998, 2003, 2013) apresenta o conceito de “Colonialismo” retrata a dimensão histórica das opressões ouvintes sobre o corpo Surdo, a língua das pessoas Surdas, a história das metanarrativas sobre as pessoas Surdas com os saberes construídos pelo ouvinte em discursos sobre a surdez. O conceito de Investigador Subalterno é uma posição teórica que trata os pesquisadores Surdos como representantes do discurso Surdo e construtores de uma contranarrativa, academicamente revelada pelo modelo socioantropológico, a perspectiva dos Surdos sobre seus pares (enquanto sujeitos de um coletivo histórico) e as próprias perspectivas dos Surdos sobre o seu Outro (ouvinte).

Por fim, o conceito “classe” de cunho marxista, (*middle class/working class*), presença marcante nos trabalhos de Ladd, é uma categoria significativa para uma leitura mais ampla das comunidades Surdas, pouco mencionado nos Estudos Surdos em Educação se apresenta a um diálogo mais profícuo e penetrante nas camadas que compõem as comunidades Surdas. Porque acredito que é importante refletir se Surdos que ocupam segmentos economicamente desfavorecidos na sociedade, tem a constituição de sua identidade moldada em parâmetros distintos daqueles das classes mais abastadas para novas pesquisas.

Todos os pesquisadores subalternos deste trabalho partem de experiências diferentes em suas pesquisas, possibilitando um perfil que corresponde aos seus interesses de pesquisa como Identidade Surda, História Cultural, Cultura Surda, Literatura Surda, entre outros temas.

A ação dos intelectuais em várias esferas do conhecimento para constituir um novo discurso e uma epistemologia propriamente Surda, que cobra e propõe da academia o espaço devido das produções dos subalternos Surdos sem se submeter às regras dos ouvintes ou serem marginalizados por suas condições linguísticas diferenciadas.

Embora nenhum dos participantes da pesquisa se autodenominaram pesquisadores Subalternos, aplico o conceito para me referir a eles, já que se posicionam na resistência com suas pesquisas que propõem contranarrativas, pois conforme nos explica Ladd:

Tento problematizar essa relação desenvolvendo o conceito de investigador subalterno, utilizando o termo subalterno para o distinguir daqueles que poderemos designar de membros “de base” e “intelectuais” nas culturas minoritárias. Ao aplicar esse conceito a mim próprio tão estritamente quanto possível, procuro moldar uma forma de auto-análise e transparência que,

assumo, devia ser um requisito para qualquer acadêmico ou cientista (LADD, 2013, p. 21).

Qual a relevância de trazer os estudos do intelectual Ladd e sua contribuição aos professores/pedagogos Surdos? Fica claro, pra mim, que ele nos revela novos discursos e olhares nesse mundo que envolve a relação entre Surdos e ouvintes. Os conceitos que envolvem compreender *Deafhood* como possibilidade de contribuir para a constituição da consciência, solidariedade e descolonização do corpo Surdo. Os Surdos percebem a conquista do sucesso acadêmico e intelectual também de acordo com suas lentes culturais (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 309).

Nesta dissertação, ainda que eu traga a voz das mãos de poucos intelectuais Surdos que estão construindo um campo de pesquisa, a força de suas ideias de subalternos, a partir do olhar de Ladd, é uma contribuição “por dentro” do nosso mundo, da pele Surda, da nossa diferença de Ser e compreender as situações que nos envolvem.

Ladd e Gonçalves falam da “revolução” educacional que se deu no Brasil nestes últimos anos, a partir do reconhecimento de uma cultura Surda e da língua de sinais, que começou a incorporar professores/pedagogos Surdos ao campo da educação e nas discussões de políticas, como uma estratégia de luta e resistência de descolonização pelo Ouvintismo histórico.

Eu mesmo vivi essa transformação e me lembro que durante minha formação em Pedagogia, poucos anos atrás, participando de eventos e iniciando minha trajetória de pesquisas, a abordagem clínica era predominante. No dia da apresentação dos trabalhos de TCC, na sala da minha apresentação estava escrito no quadro “Estudos da Educação com abordagem na SURDEZ”. Me lembro da sensação de estar em um ambiente clínico-médico, vinculado à área da educação especial e isso me chocou. Tive a consciência, nesse momento, da descoberta da visão patológica sobre minha vida que já era discutida por autores como Perlin (2006), Skliar, (1998), Ladd (2003) e tantos outros.

O campo dos Estudos Surdos contribui para a publicação de novas pesquisas científicas que trazem categorias teóricas construídas por pesquisadores subalternos, que esclarecem visões sobre educação de Surdos registrada na legislação, criadas por ouvintes ou leigos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: E O DEAFHOOD CONTINUA

*Eu prometi à nossa protagonista de seis anos que faria este discurso na língua de sinais, mas as minhas mãos estão tremendo um pouco, por isso peço desculpa. Obrigada. Nosso filme é sobre uma criança Surda que nasceu num mundo de silêncio. Não é um filme exagerado ou sensacionalista. Isto está acontecendo, milhões de crianças em todo o mundo vivem em silêncio, enfrentam barreiras de comunicação e, principalmente, no acesso à educação. A surdez é uma deficiência silenciosa, você não pode vê-la e ela não é fatal. Então eu quero agradecer muitíssimo à Acadêmica por nos permitir colocar esse assunto diante do grande público.*

*Atriz Rachel Shenton, recebida de prêmio do curta-metragem The Silent Child, na 90ª cerimônia do Oscar, 2018.*

A epígrafe trata de parte do discurso realizado pela atriz que atuou no curta-metragem premiado com o Oscar 2018. Tivemos a educação dos Surdos como tema do ENEM em 2017. Nós, os Surdos, nossa vida e nossa luta contra a proibição da língua de sinais, a imposição da língua oral e a valorização da nossa cultura está mais presente na sociedade e também na academia.

Minha experiência pessoal de Surdo que nasceu na Paraíba, em 1987, com pai, mãe e irmã ouvinte que não conheciam a surdez e a língua de sinais, sem uma escola em Pombal-PB que atendesse as minhas necessidades, sem professores sinalizantes, até a adolescência é um pedaço da história de outros tantos Surdos no mundo que viveram um processo de colonialismo ouvinte com a surdez (*deafness*) marcando a nossa infância.

A vida de Paddy Ladd, no Reino Unido, que viveu até os 22 anos sem conhecer a língua de sinais, percebeu a força da influência do Oralismo sobre si e seus pares Surdos e, fez esse trabalho grandioso para afirmar o valor da cultura Surda, a importância da existência das comunidades Surdas e apontar diretrizes para a ação política dos Surdos nas escolas e sociedade em geral.

Esta dissertação começa quando eu tenho meu primeiro encontro com Paddy Ladd, através de seu livro “*Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood*” (Entendendo a Cultura Surda – em busca de Deafhood), em 2014, momento em que eu pude iniciar a autocompreensão que a “surdez”, definida como a condição audiológica de não ouvir (a deficiência auditiva), não representava o que eu era, e que “*Deafhood*” era o conceito que narrava a minha experiência de ser Surdo, de forma coletiva e cultural.

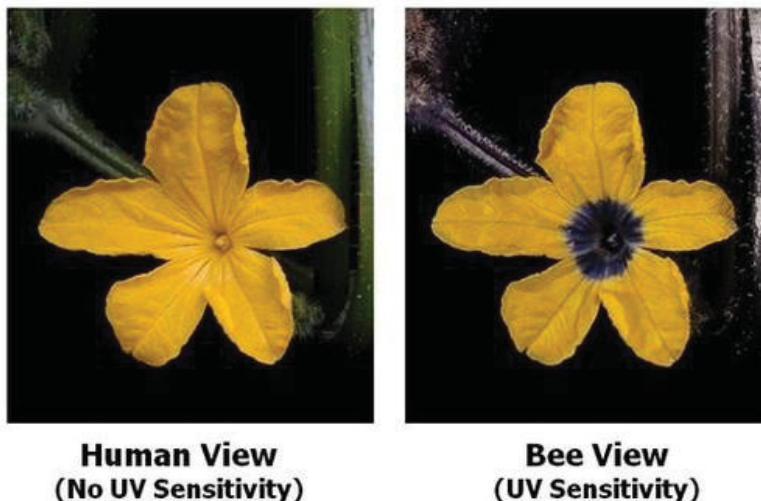


“Qual a contribuição do conceito de *Deafhood* na educação bilíngue para Surdos? De que forma o conceito de *Deafhood* cunhado por Paddy Ladd foi traduzido e incorporado à obra de intelectuais Surdos no Brasil?” Entre 2016 e 2018, minha trajetória foi marcada por responder essas perguntas e construir essa dissertação que objetivou analisar o conceito de *Deafhood* na obra de Paddy Ladd, não traduzida no Brasil, e sua influência no campo dos Estudos Surdos em Educação. Como objetivo específico busquei investigar a recepção do conceito de *Deafhood* por intelectuais Surdos, identificando sua concepção sobre o tema e suas principais contribuições.

Ao longo de minha trajetória investigando o conceito de *Deafhood*, muitas verdades me foram reveladas pelas exposições à teoria que denunciava a situação histórica mundial e brasileira de opressão e colonização aos Surdos. Foi um conceito que iluminou minha consciência Surda que pode ser representado pela metáfora trazida pela Prof<sup>a</sup> Rachel Sutton Spence em minha banca de defesa, a quem pedi autorização para reproduzir aqui. A luz ultravioleta permite que as abelhas “naveguem” nas flores até a parte mais importante e essencial para localizar o pólen. Assim, minha trajetória acadêmica pode ser explicada pela metáfora da luz ultravioleta aplicada ao conceito (flor) de *Deafhood*: a figura 13 representa meu olhar para a existência dos surdos no mundo, antes e depois de conhecer o conceito ultravioleta *Deafhood*, que me permitiu penetrar na essência da história da educação dos surdos, das teorias de surdez, das relações de poder e da resistência e luta para mostrar novas visões e novos entendimentos.

FIGURA 13 – *DEAFHOOD* – A CAPACIDADE DE VER ULTRAVIOLETAS (UV) <sup>49</sup>Educação de surdos sem *Deafhood*Educação de surdos com *Deafhood*

**The ability to see ultraviolet (UV) helps guide bees  
to the pollen containing parts of flowers**



Fonte: Arguição da Profa. Rachel Sutton na banca de defesa

Meu processo de formação de pesquisador foi construído principalmente pela pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, pelas muitas leituras que eu fiz de autores do campo dos Estudos Surdos que me ajudaram a compreender que a vida dos Surdos foi historicamente marcada por uma visão do Outro ouvinte, uma alteridade Surda construída pela ótica de “um sujeito a se corrigir” (LADD, 2013), que marcou a educação Oralista no mundo todo, por mais de um século, produziu práticas de reabilitação da audição e da fala, proibiu a língua de sinais e a possibilidade de experiências Surdas de identificação cultural. A compreensão de que esse processo também é uma forma de colonialismo, como a vivida por outros grupos oprimidos como os negros, os índios, as mulheres, foi revelador.

Essa vivência não justifica um problema de pesquisa apenas, justifica um problema de existência, da minha existência Surda. A resposta ao problema do colonialismo Surdo é apresentada pela compreensão do “*Deafhood*” que, não nega que a surdez é uma marca individual dos Surdos. *Deafhood* explica que a resposta

<sup>49</sup> A capacidade de ver ultravioleta (UV) ajuda a orientar as abelhas para o pólen que contém partes de flores. (Tradução autor). Essa imagem foi utilizada pela Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rachel Sutton, em sua arguição na banca de defesa dessa dissertação. Ela a utilizou como metáfora do conceito de *Deafhood*, neste trabalho, a quem agradeço a ideia.

não é individual, mas que é pela ótica da experiência coletiva que os Surdos vão construir esse estado existencial e identitário positivo do Surdo ligado à ideia de “Ser-Surdo” (PERLIN, 2003) ou de “Surdidade”, como foi a proposta de tradução da comunidade Surda portuguesa. Minha decisão final, em relação a tradução, depois de conhecer mais profundamente o conceito pelas mãos de Ladd, foi manter o termo *Deafhood* em inglês, assim como usamos o sinal em *BSL* criado por Paddy Ladd (Figura 12) para o inglês, dois empréstimos linguísticos (em inglês e *BSL*). Não considero que as traduções existentes possam dar conta de todos os sentidos que o conceito guarda-chuva “*Deafhood*” engloba:

FIGURA 14 - *DEAFHOOD* E SEUS DESDOBRAMENTOS



Fonte: Modelo idealizado pelo autor e orientadora (2017)  
Criação Artista-Ilustrador não Surdo Marcelo Franco de Souza.

A principal estratégia de descolonização deve ter como base a construção de uma “epistemologia Surda”, diz Paddy Ladd (LADD, 2013), valorizando o contato Surdo-Surdo, a importância das relações entre as pessoas Surdas, trazendo a ruptura com a visão de nós mesmos como pessoas com deficiência ou com surdez. Assim, as vozes dos Surdos na academia valorizam a autoimagem e a representação política, produzem novos discursos sobre a experiência Surda, nossa língua e nossa cultura.

Para falar de nós mesmos e das representações positivas em relação às “culturas Surdas”, às “identidades Surdas”, às “línguas de sinais”, ao “descolonialismo” é preciso enfrentar a dureza das práticas do “colonialismo”, “do discurso da surdez”, do “ouvintismo”, da força dos “leigos”. É uma prática de resistência em um movimento.

Procurei garantir em meu trabalho essa riqueza dos estudos pelos próprios olhos de pesquisadores e intelectuais Surdos, dialogando com outros pesquisadores Surdos que, como eu, buscavam dar respostas aos problemas que viveram ou que perceberam outras crianças e jovens Surdos ainda vivendo, principalmente no campo da educação.

Dialoguei com outros intelectuais Surdos brasileiros - Gladis Perlin (UFSC), Karin Lilian Strobel (UFSC), Rodrigo Rosso Marques (UFSC) e Cláudio Henrique Nunes Mourão (UFRGS) – que também desenvolveram suas pesquisas inspirados nas ideias de Paddy Ladd, e que trazem alternativas de pensar concepções e políticas educacionais com a “pele do Surdo”. A resistência Surda deve ser construída pelo subalterno Surdo, conceito central que o *Deafhood* contempla para designar membros “de base” e “intelectuais” nas culturas minoritárias que Paddy Ladd se refere a si próprio como acadêmico ou cientista. Ocupar o lugar de pesquisador subalterno significa disputar espaço com ouvintes “leigos”.

Este conceito também foi importantíssimo para compreender que os discursos de especialistas renomados da Saúde, da Saúde Mental, da Educação, da Política e Religião (como exemplo), os ditos “especialistas na surdez” é que são poderosos na produção da alteridade Surda deficiente e impedem o olhar antropológico, etnográfico e sociológico, sob a lente dos Estudos Culturais e do Multiculturalismo. São campos em disputa em que leigos e subalternos buscam atribuir significados para a alteridade Surda.

Ao trazer o debate para a educação bilíngue para Surdos, podemos exemplificar esse campo em disputa. No Brasil, desde a aprovação da Lei Federal 10.436/2002, a Lei de Libras e o Decreto Federal 5626/2005, que regulamenta a Lei de Libras, está garantida a oferta de escolas e classes de educação bilíngue, com professores bilíngues, desde a educação infantil.

Campello e Ferreira Rezende (2014) explicam que a escola bilíngue é o lugar onde a língua de instrução é a Libras e a Língua Portuguesa é ensinada como segunda língua, mediada pela Libras como língua de instrução, onde devem atuar professores bilíngues, sem mediação por intérpretes.

Se a *Deafhood* não se afirma na individualidade, mas sim na possibilidade de efetivar o encontro entre os pares para a disseminação da língua de sinais e avaliação de suas práticas pedagógicas, como explicou Reis (2006), defendendo que é no contato com o adulto Surdo, no caso o professor Surdo, que a criança Surda vai encontrar um modelo com o qual ela poderá estabelecer trocas significativas que lhe permitam constituir-se por inteiro enquanto sujeito cultural. O contato Surdo-Surdo e a vivência de experiências em língua de sinais potencializam a cultura visual e o fortalecimento de uma identidade Surda e se contrapõe à representação social dos Surdos como “deficientes” e incapazes linguisticamente.

As pedagogias Surdas com a presença de pares pedagogos/professores Surdos são o espaço para criar uma esfera de sentidos diferentes daqueles usados nas práticas de professores especialistas e leigos ouvintes em currículos que expressam conteúdos da cultura da sociedade majoritária e dão nenhuma atenção para aspectos culturais que permitirão o desenvolvimento emocional e social das crianças Surdas, como nos ensinou Ladd e Gonçalves (2011).

Todos os pesquisadores subalternos deste trabalho, com suas diferentes experiências e campos de pesquisas, constroem a Pedagogia Surda contribuindo com a discussão de temas como Identidade Surda, História Cultural, Cultura Surda, Literatura Surda, entre outros temas que trazem conquistas fundamentais para o campo dos Estudos Surdos, para ampliar a formação e consciência política dos professores Surdos e fortalecer a educação bilíngue.

Karin Strobel traz um novo enfoque da história dos Surdos, trazendo a sua dimensão do *Deafhood* para a construção do “ser Surdo” nas novas narrativas contadas pelos próprios Surdos para registro de uma história Cultural (STROBEL, 2008).

Rodrigo Rosso incorpora o *Deafhood* nas reflexões fenomenológicas sobre o “Ser Surdo” em que destaca a importância do nosso ativismo e resistência pela “participação na política, na pesquisa linguística, na formulação de leis” que produzam contranarrativas Surdas, por ações daqueles que são subalternos Surdos.

A literatura também é uma forma de trazer a cultura Surda na perspectiva do *Deafhood*, narrando e registrando a história Surda, como tem defendido Cacau Mourão, com suas “Mãos Literárias” que buscam usar a literatura sinalizada para desenvolver uma pedagogia Surda nas práticas da educação bilíngue.

Em síntese, Gladis Perlin, minha primeira guia intelectual para trilhar essa jornada do *Deafhood*, explica as contradições que vivemos e enfrentamos para construir nossa identidade Surda, no espaço do pós-colonialismo, ainda ameaçados pelos diferentes significados do ouvintismo sobre nós: “fixo-me no conceito da alteridade quando percebo que ser Surdo tem sua autonarrativa sem a narração da interpretação da agência do colonizador” (PERLIN, 2013, p. 18).

Até aqui fiz uma síntese das principais contribuições de minhas descobertas nessa trajetória de pesquisa, concentrando-me nos principais aspectos que pude organizar como as contribuições de Paddy Ladd ao campo dos Estudos Surdos, bastante desenvolvidas pelos intelectuais Surdos brasileiros.

De todas as possibilidades que o conceito de *Deafhood* apresenta para reflexão, creio que minha principal contribuição, ao final desse trabalho, foi a de esclarecer melhor o conceito ainda pouco usado no Brasil de “investigador subalterno”. Minha compreensão desse conceito se ampliou enormemente. A palavra “subalterno” foi ressignificada em minha pesquisa, a partir da contribuição de Ladd.

No dicionário Houaiss, “subalterno” tem esse significado conhecido e usado socialmente:

*1 que ou aquele que está sob as ordens de outro, que é subordinado ou inferior a outro em graduação ou autoridade.*

*2 p.ext. que ou aquele que se sente inferior a outro, que se coloca na condição de dever obediência a outro; que ou quem se mostra submisso em relação a outrem*

Em suas publicações, Ladd (1998, 2003, 2013) mostra que o colonialismo ouvinte, do Oralismo e do ouvintismo, tentou fazer de nós, Surdos, pessoas submissas, inferiores, sem língua e sem história, pelas práticas de opressões ouvintes sobre o corpo Surdo, impondo a língua oral, as tecnologias e aparelhos de audição com os saberes construídos pelo ouvinte em discursos sobre a surdez.

O conceito de “Investigador Subalterno” é uma ação de resistência, que não apaga essa história, precisamos lembrar sempre dela para ficarmos em alerta, atentos às ameaças dos leigos especialistas em surdez, como o senhor Falcão, que praticam discriminação e violência simbólica contra nós.

O pesquisador subalterno Surdo é um representante do discurso Surdo e construtor de uma contranarrativa, academicamente revelada pela Linguística, pela Sociologia, pela Antropologia, pelos Estudos Culturais, mas, principalmente pelas

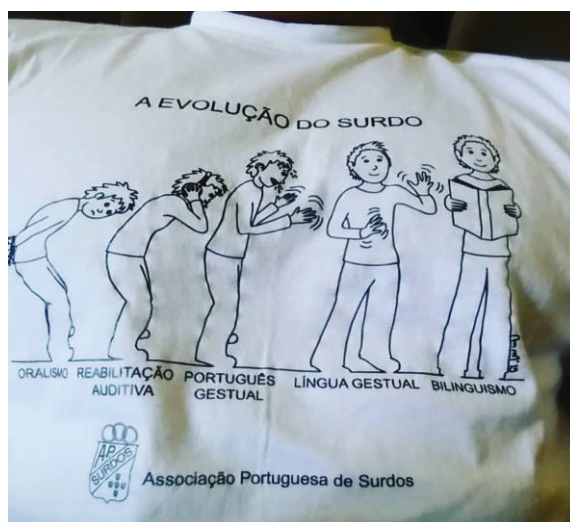


mãos e perspectiva dos Surdos sobre si e seus pares (enquanto sujeitos de um coletivo histórico) e em relação como o seu Outro (ouvinte), que também pode ser um aliado não Surdo.

O meu trabalho traz esse destaque como conceito-chave, na perspectiva que contribuiriam a voz de Surdos da “base” como também de Surdos “intelectuais”, ressignificando a posição de obediência para uma posição de poder e resistência.

Ladd traz a perspectiva da “evolução” da Cultura e da identidade Surda no processo de *Deafhood* que está representada na estampa de uma camiseta de Cacau Mourão, desde o Oralismo até a nossa luta pelo bilinguismo.

FIGURA 15 - A EVOLUÇÃO DO SURDO, CAMISETA DO MOURÃO



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201148743398597&set=pb.1770132613.-2207520000.1524029375.&type=3&theater>>

O conceito de *Deafhood* está presente em muitas postagens de Surdos, nas redes sociais, quando querem fazer uma divulgação positiva dos modos de ser, aprender e se comunicar, como é o exemplo do casal de pais Surdos que têm um canal no youtube para mostrar o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem da filha Surda. Pais Surdos criam página para mostrar o desenvolvimento de filha de 2 anos, também Surda, noticiado no Jornal “O Globo”, recentemente.



FIGURA 16 - JORNAL “O GLOBO”



Fonte: Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/pais-Surdos-criam-pagina-para-mostrar-desenvolvimento-de-filha-de-2-anos-tambem-Surda-22037891#ixzz5DHfMwHkV> >

O depoimento da mãe aponta para esse desejo de uma nova educação para os Surdos:

“[...] eu queria que Fiorella tivesse uma educação diferente da que tive. Decidi colocá-la na escola dos Surdos na minha cidade. Ela foi matriculada aos 6 meses de idade. A escola tem um programa de estimulação precoce, duas professoras (uma Surda e uma ouvinte). Até hoje ainda está frequentando o programa, que dura duas horas por dia. Nosso objetivo foi integrá-la com outras crianças Surdas para que ela pudesse mergulhar no mundo dela (o mundo dos Surdos). A escola promove teatro Surdo, literatura Surda, contos em Libras, entre outras atividades” (Francielle Cantarelli, mãe Surda da Fiorella).

São novos tempos, é verdade. Mas ainda são muitos os problemas que envolvem a educação de Surdos brasileiros.

Penso, ao final deste trabalho, nos novos possíveis estudos, descobrindo tantos problemas que exigiram a emergência das pesquisas através da ótica da própria experiência do pesquisador subalterno, como os desafios de compreensão de estudo da classe social.

E a cultura Surda brasileira? A questão da classe poderia refletir quais diferenças internas na comunidade Surda brasileira. Ladd aponta que esse tipo de pesquisa poderia ter a contribuição das reflexões pós-coloniais, que são úteis para denunciar situações opressivas em relação com os Estudos Culturais, que permitem

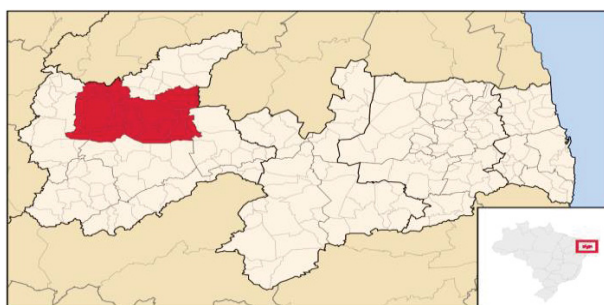
um exame mais amplo e mais profundo da situação da educação Surda (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 296).

Vivemos uma situação em que a Educação Bilíngue como política nacional, não leva em conta possíveis diferenças de classe e culturas regionais. Exemplifico com a minha origem, de classe média paraibana, com uma família com condições financeiras que me permitiram sair de Pombal para estudar, primeiro em João Pessoa, depois em São Paulo e, agora, na UFPR.

Mas como seria a história para cidadãos Surdos que moram na microrregião de Sousa, no alto sertão paraibano, o interior do próprio sertão, ou seja, a área mais interiorana ou afastada neste espaço, totalizando 17 municípios<sup>50</sup>, um deles a cidade onde nasci. O historiador Abreu (2011) relata o processo de lutas ocorrido nessa região envolvendo lutas de colonos contra indígenas. Os colonos chegavam ao campo com suas famílias para se estabelecer e já trazia consigo seus escravos. Como chegaria o legado das Culturas Surdas e a Língua Brasileira de Sinais nesse espaço? Quais seriam as diferenças de cada comunidade, como seria a sinalização cultural das vivências dos Surdos que vivem ali?

Como seria a vida social, cultural, econômica e as oportunidades educacionais de um Surdo nascido ali. A política educacional de educação bilíngue chegaria à microrregião de Sousa, assim como chega a João Pessoa ou Curitiba? O olhar das diferenças das classes sociais, ainda que não seja um determinante de todas as outras relações sociais (ABRAMOWICZ; RODRIGUES; SILVA, 2011, p. 89) seria importante pensar nessas questões, na perspectiva das diferenças culturais de classe, como explica Paddy Ladd.

FIGURA 17 - MICRORREGIÃO DE SOUSA – PB



Fonte: Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião\\_de\\_Sousa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião_de_Sousa)>

<sup>50</sup> <http://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-de-sousa.html>

Com as contribuições dos estudos de Ladd (1998, 2003, 2013) poderiam oferecer soluções para a educação básica dos Surdos invisíveis de classes sociais mais pobres do alto sertão paraibano, ou outros interiores desse Brasil.

A pluralidade das culturas Surdas, a homogeneidade cultural, as diferenças de classe na comunidade Surda brasileira. Esse olhar sobre *Deafhood* nas culturas Surdas britânicas poderiam ser aplicados ao alto sertão paraibano-nordestino-brasileiro, investigando suas associações de Surdos, suas escolas, sua língua, sua resistência e exclusão.

Concluo com sonhos de novos projetos, pois para se tornarem agentes de mudança, os pesquisadores devem ler as “mãos” dos subalternos Surdos na história:

Muitos de vocês ignoram quase tudo sobre as realidades da vida dentro de comunidades Surdas, de modo que certamente não entenderão, quão profundamente enraizados são os sofrimentos e raiva dos Surdos para o que você ou seus antepassados profissionais fizeram com eles. Ao longo de muitas décadas, os líderes Surdos têm adotado uma política de "mãos seda" quando tentam alcançar mudanças na educação dos Surdos (LADD, 2005, p. 1) [Tradução do autor]<sup>51</sup>.

É assim que poderá continuar sendo *Deafhood*.

---

<sup>51</sup> A lo largo de muchas décadas, los líderes Sordos han adoptado una política de “manos de seda” cuando tratan de lograr cambios en la educación de los sordos. Muchos de ustedes ignoran casi todo acerca de las realidades de vida dentro de las comunidades Sordas, de modo que, con seguridad, no comprenderán cuán profundamente arraigados están el sufrimiento y la rabia de los Sordos por lo que les han hecho ustedes o sus ancestros profesionales (LADD, 2005, p. 1).

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Andrew; LADD, Paddy; POWELL, Steve. Deafness might damage your health. **The Lancet**, v. 379, n. 9820, p. 979-981, 2012.

AMARAL, Maria Augusta. COUTINHO, **A criança Surda: Educação e inserção social**. Rev. Análise Psicológica, p. 373-378, Lisboa – Portugal. 2002.

AMARAL; LADD; VELASQUES; GONZALEZ. Pedagogias Culturais Surdos: educadores Surdos refletindo sobre práticas e concepções. **INES**, revista espaço, Rio de Janeiro. Nº 46, jul-dez, 2016.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista estudos históricos**, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)>

\_\_\_\_\_. **LEI DE LIBRAS** nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)>.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**, aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm)>.

\_\_\_\_\_. **Lei Nº 13.146, de 6 de junho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)>

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Educação, Lei Nº 13.005 de junho de 2014**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-)

CAMPELLO, Ana Regina, FERREIRA REZENDE, Patrícia Luiza. Em defesa da escola bilíngue para Surdos: a história de lutas do movimento Surdo brasileiro. **Educar em Revista** [en linea] 2014, [Fecha de consulta: 9 de mayo de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155031842006>> ISSN 0104-4060. Acesso em dezembro de 2017.

FERNANDES, Sueli. MOREIRA, Laura Ceretta. Políticas de educação bilíngue para Surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 51-69. Editora UFPR.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. DP&A editora, 2000.

KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LAZZARIN, Márcia Lise Lunardi. **Cultura Surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Ed. da ULBRA, 2011.

KUSTERS, Annelies; DE MEULDER, Maartje. Understanding *Deafhood*: In search of its meanings. **American annals of the deaf**, v. 157, n. 5, p. 428-438, 2013.

LADD, Paddy. **In Search of Deafhood**: Towards an understanding of british deaf culture. Tese de Doutor da Filosofia na Faculdade de Ciências Sociais no Departamento dos Estudos Surdos, Universidade de Bristol, 1998.

\_\_\_\_\_. **Colonialism and Resistance**: A Brief History of *Deafhood*, p. 42-59, Open Your Eyes – Deaf Studies Talking. H-Dirksen L. Bauman (org.). Editora University of Minnesota Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **Understanding Deaf Culture – In Search of Deafhood**. Multilingual Matters Ltd. 2003.

\_\_\_\_\_. **Golpes contra el imperio**”: Culturas sordas y educación de sordos. In: Conferencia presentada en el Vigésimo Congreso Internacional sobre Educación del Sordo (I. CE. D), Maastricht, Holanda. Conferencia Principal del Vigésimo Congreso Internacional sobre Educación del Sordo (I. CE.D) Maastricht, Holanda. 19 de julio de 2005. Disponível em: <http://www.cultura-sorda.org/golpes-contra-el-imperio-culturas-sordas-yeducacion-de-sordos>. Acesso em 12 de junho de 2017.

\_\_\_\_\_. **Deafhood: A concept stressing possibilities, not deficits**. Scandinavian Journal of Public Health, p.12-17, 2005. Disponível em <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1080/14034950510033318>>. Acesso em maio de 2016.

\_\_\_\_\_. **Em Busca da Surdidade I**. Colonização dos Surdos. Trad. Mariani Martini. Lisboa: Surd"Universo, 2013.

\_\_\_\_\_. Gulliver, M. , Batterbury, S. **Reassessing minority language language empowerment from a Deaf perspective**: The other 32 languages. Deaf Worlds, 19(2), 6-32. 2003.

\_\_\_\_\_. LANE, Harlan. **Sign Language Studies**, p. 565-579, volume 13, number 4, editoria Gallaudet University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Deaf ethnicity, Deafhood, and their relationship**. Sign Language Studies, v. 13, n. 4, p. 565-579, 2013.

\_\_\_\_\_; GONÇALVES, Janie. **Culturas Surdas e o desenvolvimento de Pedagogias Surdas**, p.295-330.in: Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Organização por Lodenir Becker Kamopp, Madalena Klein, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin. Editora ULBRA, 2011.

LODI, Ana Claudia Balieiro; ROSA, André Luís Matioli; ALMEIDA, Elomena Barbosa de. Apropriação da Libras e o Constituir-se Surdo: A relação Professor Surdo-Alunos Surdos em Um Contexto Educacional Bilíngue. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/0cfd4d051631c1ba66ec76d39d537ac8.pdf>

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda**: experiência das mãos literárias. UFRGS, 2016.

PERLIN, Gladis. **O ser e o estar sendo Surdos**: Alteridade, diferença e identidade. (Tese de Doutorado em Educação da Linha Estudos Culturais), Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 2003. Porto Alegre – RS.

\_\_\_\_\_; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**: revista de educação e processos inclusivos, n. 5, p. 217-226, 2003.

\_\_\_\_\_; STROBEL, K. História cultural dos Surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR.

PINHEIRO, Kátia Lucy. **Práticas pedagógicas bilíngues para crianças do Instituto Cearense de Educação de Surdos**. (Mestrado em Educação), 95 f, Universidade Federal de Ceará. 2012. Fortaleza – CE.

REIS, Flaviane. Professor Surdo: **A política e a poética da transgressão pedagógica**. Florianópolis, 2006. Dissertação de Mestrado em Educação e Processos Inclusivos - Universidade Federal de Santa Catarina.

REZENDE, Patrícia Luíza Ferreira. **Implante Coclear**: Normalização e Resistência Surda. 1. Ed. CRV, Curitiba, 2012.

ROSA, Fabiano Souto; Klein, Madalena. **O que sinalizam os professores Surdos sobre literatura Surda em livros digitais**, p.91-112, *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Organização por Lodenir Becker Kamopp, Madalena Klein, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin. Editora ULBRA, 2011.

SILVA, Bianca Gonçalves da. **Memória e Narrativas Surdas**: o que sinalizam as professoras sobre sua formação? 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SKLIAR, C.(Org) **Educação e exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

\_\_\_\_\_. **A surdez – Um Olhar Sobre as Diferenças**. 3.ed. Editora Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”. **Inclusão e educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, p. 15-34, 2006.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina. Programa De Pós-Graduação Em Educação. Linha De Pesquisa Educação E Processos Inclusivos.

Florianópolis, 2008. Disponível em:  
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91978/261339.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

\_\_\_\_\_. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. 3.ed. Editora UFSC, 2009.

STOKOE, William C., Jr. **The Study of Sign Language**. Center for Applied Linguistics, Washington, D.C. ERIC Clearinghouse for Linguistics. Apr 1970, 41 p.

SVARTHOLM, Kristina. 35 anos de educação bilíngue de Surdos - e então? **Educ. rev.**, Curitiba, 2, p. 33-50, 2014. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602014000600004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000600004&lng=en&nrm=iso).

WOLL, Bencie; LADD, Paddy. Deaf communities. **Oxford handbook of deaf studies, language, and education**, p. 151-163, 2003.

WRIGLEY, O. **Politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.



## APÊNDICE

### APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA PESQUISADOR SURDO



Universidade Federal do Paraná  
Setor de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Linha de Pesquisa Educação: Diversidade, Diferença e  
Desigualdade Social



#### QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA PESQUISADOR SURDO

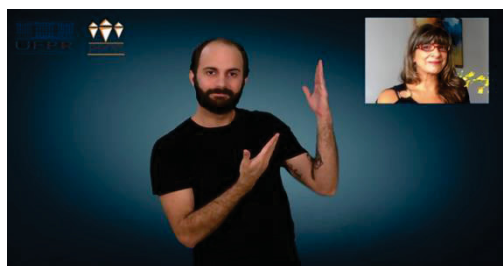
NOME:

TITULAÇÃO:

LOCAL DE TRABALHO:

- Quais as contribuições mais importantes De Paddy Ladd no campo dos Estudos Surdos?
- Como você define *Deafhood*, segundo Paddy Ladd? Qual o sinal para *Deafhood*? Qual seria a tradução mais adequada desse conceito em português?
- Que contribuições Paddy Ladd traz para o professor Surdo que atua na educação bilíngue de crianças Surdas?

VERSÃO EM LIBRAS: enviado link do youtube



## ANEXO

### ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal do Paraná  
Setor de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Linha de Pesquisa Educação: Diversidade, Diferença  
e Desigualdade Social



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, SUELI DE FÁTIMA FERNANDES professora orientadora e FRANCISCO LOPES TERCEIRO aluno de pós-graduação – da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o/a Senhor/a, renomado e reconhecido professor/a e pesquisador/a Surdo/a, a participar de um estudo intitulado DEAF CULTURE, DEAF COMMUNITIES, DEAFHOOD: CONTRIBUIÇÕES DE PADDY LADD AO PROFESSOR SURDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

a) O objetivo desta pesquisa é apresentar a obra e as principais contribuições do pesquisador e ativista Surdo britânico Paddy Ladd ao campo dos Estudos Surdos em Educação.

b) Caso você participe da pesquisa, será necessário responder ao questionário em anexo que busca investigar a recepção da obra de Paddy Ladd no campo dos Estudos Surdos em Educação e sua contribuição na formação política e acadêmica de professores Surdos que atuam na Educação Infantil de crianças Surdas.

c) Para tanto você deverá responder ao questionário, fazendo a opção pela língua que mais lhe convier: Libras ou português escrito. No caso de resposta sinalizada em Libras, solicitamos que o registro seja realizado em vídeo e o arquivo enviado para o e-mail: [terceiro.libras@gmail.com](mailto:terceiro.libras@gmail.com)

d) Caso você experimente algum desconforto, ou não se sentir à vontade para responder às questões propostas, fique à vontade para comunicar sua desistência da investigação.

e) Os benefícios esperados com essa pesquisa são: sistematizar e socializar conceitos no campo dos Estudos Surdos, a partir da leitura de obras ainda não traduzidas no Brasil; mapear a distribuição de escolas bilíngues nas regiões brasileiras e o levantamento do número de professores Surdos em atuação na educação infantil; contribuir para a formação

política e acadêmica de professores Surdos que atuam na educação infantil; oportunizar reflexões ao campo das políticas de educação bilíngue para Surdos na educação infantil.

f) Os pesquisadores SUELI FERNANDES e FRANCISCO LOPES TERCEIRO, responsáveis por este estudo poderão ser localizados nos telefones (41) 99960-4566, Universidade Federal do Paraná, R. Amintas de Barros, 415, Curitiba-PR, e-mail [terceiro.libras@gmail.com](mailto:terceiro.libras@gmail.com), no horário de 14h às 18h, para esclarecer eventuais dúvidas que o/a senhor/a possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

g) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

h) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas, quer sejam SUELI FERNANDES e FRANCISCO LOPES TERCEIRO. No momento da divulgação dos resultados e publicação da dissertação, sua participação poderá ser realizada sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade, caso seja seu desejo.

i) O material obtido será utilizado unicamente para essa pesquisa e será incorporado sob a forma de contribuições à versão final do texto da dissertação.

j) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo no qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os objetivos e contribuições da pesquisa. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Local, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017